
BLOG EXPEDIÇÃO KARL MARX: PARA LER *O CAPITAL*

SEÇÃO PRINCIPAL
ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA DE
KARL MARX DA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPITALISTA

ARTIGO EXPOSITIVO II



SUMÁRIO¹

FOLHETO Nº 01

NOTA DO EDITOR	3
I. PRODUÇÃO, CONSUMO, DISTRIBUIÇÃO, TROCA (CIRCULAÇÃO)	23
1) A produção em geral	24
2) A relação geral da produção com a distribuição, troca e consumo	33
2.a) Produção e Consumo	36
2.b) Produção e Distribuição	39
2.c) Troca e Produção	42
CONCLUSÃO DO EDITOR	44

FOLHETO Nº 02 (26.04.2024)

I. PRODUÇÃO, CONSUMO, DISTRIBUIÇÃO, TROCA (CIRCULAÇÃO) (continuação)	
3) O método da crítica da economia política capitalista	47
CONCLUSÃO DO EDITOR	59

FOLHETO Nº 03 (31.05.2024)

I. PRODUÇÃO, CONSUMO, DISTRIBUIÇÃO, TROCA (CIRCULAÇÃO) (continuação)	
4) Produção. Meios de produção e relações de produção. Relações de produção e relações de circulação. Formas de Estado e de consciência em relação às condições de produção e de circulação. Relações jurídicas. Relações familiares	62
CONCLUSÃO DO EDITOR	64

CONCLUSÃO GERAL DO EDITOR	65
----------------------------------	--------------------

MATERIAL COMPLEMENTAR	67
------------------------------	--------------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
-----------------------------------	--------------------

1 Muito embora no sumário original da *Introdução à crítica da economia política*, o item 3 tenha recebido o título "O método da economia política", optamos por renomeá-lo, para efeito deste trabalho, como "O método da crítica da economia política capitalista". Essa mudança visa tornar mais claro para o leitor o objetivo da metodologia criada por Karl Marx. Os títulos dos demais tópicos foram mantidos na íntegra. Anota-se, ainda, que o sumário original da *Introdução* foi escrito por Marx na capa de um dos cadernos do conjunto de manuscritos de 1857/1858, conhecido como *Grundrisse*, especificamente no "Caderno M", onde consta o referido texto introdutório.

ARTIGO EXPOSITIVO II

INTRODUÇÃO À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

FOLHETO Nº 01

(29.03.2024)

NOTA DO EDITOR²

O *Artigo Expositivo II – Introdução à crítica da economia política* consiste na primeira publicação da segunda etapa da *Expedição Karl Marx: Para ler O capital* e dá início ao percurso da "trilha" bibliográfica do filósofo alemão-prussiano **Karl Heinrich Marx** (1818-1883), relativa à **crítica da economia política capitalista**, cujo ponto de chegada é o estudo da sua obra maior, *O capital: Crítica da economia política*.³

Por meio deste artigo, reproduzimos o importante texto homônimo do filósofo alemão, no qual consta a única exposição sistemática e extensa do método inovador de estudo da sociedade, da economia e da história, criado em parceria com o também filósofo alemão Friedrich Engels: o **materialismo histórico dialético**. Mais à frente, ainda na Nota do Editor, faremos uma breve apresentação do texto introdutório marxiano antes de versarmos sobre o seu conteúdo.

De pronto, registra-se que a **economia política**, marco teórico da *Expedição Karl Marx*, vocábulo que corresponde ao acervo teórico do modo capitalista de produção da época de Marx, sendo considerada a ciência econômica daquele tempo, ocupou lugar dominante no rol das suas preocupações durante quase toda a vida. A economia política capitalista foi o tema principal de suas investigações a partir de 1842/1843, embora, em um primeiro momento, tenha abordado esse domínio partindo de uma perspectiva filosófica, jurídica e política.⁴

Conforme podemos observar pelo título que o filósofo alemão deu ao texto da *Introdução*, a economia política é a disciplina central desse escrito. No entanto, não se trata apenas de uma abordagem pura e simples dessa ciência, mas sim de uma crítica a ela. O autor prosseguiu com essa abordagem crítica em suas obras subsequentes, até chegar em *O capital*, sua obra magna e definitiva.

Em 1842, aos 24 anos de idade, dedicando-se como jornalista ao debate posto na

2 Rui Eduardo S. de Oliveira Pamplona, bacharel e pós-graduado em Ciências Econômicas e Direito.

3 Um pouco da vida, obra e pensamento desse que é reconhecido como um dos maiores pensadores do século XIX pode ser encontrado na *Seção Preliminar – Conhecendo Karl Marx: Uma introdução*, deste [Blog](#).

4 Na aferição do professor Henrique Wellen, ainda que a economia política tenha estado presente na maioria das obras de Karl Marx, o tratamento que deu à ciência econômica de seu tempo transitou por diferentes conotações, tanto de cunho teórico quanto político, perpassando três períodos decisivos: entre 1843-44, examinou a economia política de uma perspectiva externa, embasando-se em pressupostos filosóficos e morais; entre 1847-49, realizou análises econômicas pautadas nos elementos da teoria de David Ricardo, com destaque para a teoria dos salários; e de 1857 em diante, iniciou a sistematização dos resultados das suas investigações, tencionando uma superação crítica da economia política (in WELLEN, Henrique. **1843-44: Marx e Engels e a rejeição filosófica e moral da economia política**. Revista *Novos Rumos*, v. 56 n.1, 2019, p. 1 e 2. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/9049>. Consultado em 01.03.2024).

Assembleia Legislativa da Província do Reno (região do antigo Reino da Prússia, atual Alemanha), quanto a se configurar como crime a tradicional coleta de lenha realizada pelos camponeses prussianos em propriedade até então comunal, bem como à discussão sobre o parcelamento da propriedade fundiária e às controvérsias a respeito do livre-comércio e protecionismo aduaneiro, entre outras questões sensíveis à população mais pobre, Karl Marx foi tomado pela necessidade de dar a devida importância às novas relações econômicas que se apresentavam.

Foi na *Gazeta Renana*, um jornal alemão de Colônia, fundado por representantes da burguesia local, de cunho reformista e de oposição ao governo monárquico autoritário da Prússia, que o jovem filósofo, na qualidade de editor-chefe, teve o primeiro contato direto com questões econômicas cotidianas.⁵

A esse respeito, numa carta a um político alemão, seu parceiro intelectual e amigo, Friedrich Engels, escreveu⁶: “Sempre ouvi Marx dizer que foi precisamente ao ocupar-se da legislação sobre roubos de lenha e da situação dos camponeses de Mosela que, ultrapassando a política pura, descobriu a importância das relações econômicas e abordou o socialismo”.⁷

A discussão e aprovação da legislação da província renana, que configurou como crime a prática tradicional de coleta de lenha pelos pobres (no caso, galhos secos caídos naturalmente das árvores), e também a caça e a pesca, entre outras atividades ligadas à subsistência, em terras até então de uso comum, foi um dos momentos anunciadores da transição do modo de produção feudal para a forma social capitalista na Alemanha do século XIX. Embora tenha ocorrido tardiamente em comparação com outros países da Europa Ocidental, essa mudança marcou uma virada significativa, sobretudo na vida dos camponeses.⁸

5 A [criminalização da coleta de lenha](#) praticada pelos camponeses da [Prússia](#) foi um fato significativo na vida de Marx e teve um impacto profundo em seu desenvolvimento intelectual. Esse episódio, que cobriu pela [Gazeta Renana](#), foi crucial, pois marcou sua entrada no exame de questões econômicas e sociais do dia a dia. O debate travado no [legislativo renano](#) o levou a mudar o foco dos seus estudos da filosofia e jurisprudência para a economia política. Essa mudança é classificada como um passo fundamental em sua trajetória rumo ao desenvolvimento do método materialista histórico dialético, uma metodologia de análise e transformação da realidade, e da crítica ao capitalismo.

6 Friedrich Engels (1820-1895) foi um filósofo socialista alemão, filho de um industrial têxtil também alemão. Na Inglaterra, onde esteve a serviço do pai nas indústrias da família, Engels, embora oriundo de uma família burguesa, entrou em contato com militantes operários do [movimento cartista](#) aproximando-se do socialismo e da economia política. Foi o grande amigo de Karl Marx, seu colaborador e coautor em várias obras, sendo que a mais conhecida é o *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, onde consta uma breve apresentação de uma nova concepção da história, ilustrada pela frase “A história da humanidade é a história da luta de classes”. Engels foi também parceiro de Marx na elaboração do método *materialista histórico e dialético*, bem como da denominada doutrina do *socialismo “científico”*. Igualmente ajudou a publicar, após a morte do amigo, o Livro II *O processo de circulação do capital* e o Livro III *O processo global da produção capitalista*, de 1885 e 1894, respectivamente, ambos de *O capital: Crítica da economia política*, a obra definitiva de Karl Marx. Além disso, Engels organizou as notas econômicas que Marx produziu entre os anos de 1861 e 1863 que resultaram em grande parte no Livro IV *Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico*, publicado em 1905, último volume da obra maior marxiana. Para além dessa parceria, o trabalho literário individual de Friedrich Engels também merece destaque pela “profunda análise social” que contém (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels. Visto em 01.03.2024). Da doutrina do *Socialismo “científico”* e do *Manifesto do Partido Comunista*, tratamos em pequenos textos disponíveis na citada *Seção Preliminar* deste [Blog](#).

7 Trecho da carta de Engels ao político alemão [Richard Fischer](#) (1855-1926) de 05 de abril de 1893 (in MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo-SP: Editora Levoir S.A. Coleção Folha de São Paulo Grandes Nomes do Pensamento, 2015, p. 5 (Nota da Edição Francesa)).

8 Sobre a passagem do modo de produção feudal para o modo capitalista de produção na Alemanha, veja um pequeno trecho do vídeo "Marx e a História" com professor Jorge Grespan, em <https://youtu.be/HVo8tuqim-I?si=DMTUJCunqGD9LrCi&t=7426> (Minutagem 2h03m46s-2h11m08s. Consultado em 01.03.2024).

Para fazer valer a nova legislação, iniciou-se uma cruel perseguição aos camponeses pelos agora ditos proprietários de florestas e também por agentes governamentais.⁹

Karl Marx afirma no prefácio do seu livro *Para a crítica da economia política*, de 1859, que, sendo sua especialidade "a Jurisprudência [o Direito, digo eu], a qual exercia contudo como disciplina secundária ao lado de Filosofia e História", foi na *Gazeta Renana* que se viu "[...] pela primeira vez em apuros por ter que tomar parte na discussão sobre os chamados **interesses materiais**" (grifo nosso). Por conseguinte, acabou encontrando-se na situação embaraçosa de não poder intervir como gostaria nos debates suscitados pelas deliberações do legislativo renano sobre temas econômicos geradores de conflitos sociais, presentes na nova ordem do dia da vida política alemã, em relação aos quais ele não detinha o conhecimento necessário.¹⁰

De acordo com Jean Tible, diante da disputa travada no legislativo alemão entre propriedade privada e costumes, Marx percebeu que economia, política e Estado se entrelaçavam e que a forma de atuação do Estado na defesa do interesse privado (no caso, dos ditos proprietários de florestas), em detrimento do interesse geral (na hipótese, da população empobrecida), desempenhava um papel determinante na condução da política e da vida social. Nesse contexto, ele questionou veementemente o Estado prussiano por se posicionar favoravelmente ao interesse privado, enxergando nessa postura uma grave contradição perante a "suposta encarnação do interesse geral" por parte do Estado, defendida pelo pensador idealista alemão Georg Hegel e pelos contratualistas, a exemplo de Jean-Jacques Rousseau.¹¹

Em conformidade com o historiador marxista baiano Jacob Gorender, Marx, ao deparar-se com a "admitida ignorância" na seara dos "interesses materiais" da sociedade, esquivou-se de proferir comentários improvisados e infundados. Em vez disso, buscou aprofundar o conhecimento sobre questões econômicas e a respeito da suposta participação do Estado como instância mediadora dos embates que delas derivavam.¹²

Movido pelas dúvidas surgidas do trabalho no jornal *Gazeta Renana*,

9 A propósito, a perseguição dos proprietários de florestas aos camponeses da Prússia foi incluída como cena de abertura do filme "O jovem Marx" (2017), do diretor haitiano Raoul Peck, o qual recomendamos fortemente.

10 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982, p. 24.

11 TIBLE, Jean. **Marx contra o Estado**. Brasília-DF: Revista Brasileira de Ciência Política nº 13, 2014, p. 54 e Visto no site <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/5PGDJPdF8J3ZSVj5pQH4kdb/?format=pdf>, em 01.03.2024. O pensador Georg W. F. Hegel (1770-1831), citado no parágrafo em nota, foi um filósofo alemão nascido no século XVIII, sendo considerado um dos mais importantes representantes do **idealismo alemão**. Ele desenvolveu "um sistema filosófico que denominou de 'Idealismo Absoluto', uma filosofia capaz de compreender discursivamente o absoluto (de atingir um **saber do absoluto**)". Hegel, além de nos ofertar a sua filosofia da história, introduziu um sistema para compreensão da história da filosofia e do mundo que ficou conhecido como **dialética hegeliana** – "uma progressão na qual cada movimento sucessivo surge como solução das contradições inerentes ao movimento anterior". A sua dialética está presente nas obras autorais *Fenomenologia do Espírito* (1807) e *Ciência da Lógica* (1817). Outras obras relevantes de Hegel foram: *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (1817) e *Princípios da Filosofia do Direito* (1820). Após sua morte, houve uma divisão entre seus seguidores: os **hegelianos de direita**, que defendiam a ortodoxia evangélica e o conservadorismo político, e os **jovens hegelianos ou hegelianos de esquerda**. Este último grupo interpretava Hegel em um sentido "revolucionário", criticando a religião e o governo prussiano. Entre os jovens hegelianos de esquerda estava Karl Marx (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. Visto em 02.03.2024). Sobre os "contratualistas", também citados no parágrafo em nota, veja <https://pt.wikipedia.org/wiki/Contractualismo>. Visto em 02.03.2024.

12 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017, p. 17 (Apresentação).

nosso filósofo foi compelido, primeiramente, a imergir no estudo crítico da concepção idealista de Hegel relativa ao Direito e ao Estado, cujo sistema filosófico pairava sobre todo o movimento intelectual daquele tempo. Essa imersão permitiu-lhe concluir que "nem as relações jurídicas nem as formas de Estado podem ser compreendidas a partir de si mesmas ou do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano". Em vez disso, elas têm sua origem "nas **condições materiais de vida**, cujo conjunto Hegel [...] resume sob o nome '**sociedade civil**'" (grifo nosso). Avançando na reflexão, Karl Marx descobre que "a anatomia [a estrutura e funcionamento, digo eu] da sociedade civil deve ser buscada na **economia política**", não em outro lugar (grifo nosso). Aliás, essa ciência o levaria a realizar uma segunda imersão, como veremos.¹³

A submersão na filosofia de Hegel gerou o famoso artigo publicado na revista *Anais Franco-Alemães*, em Paris, em fevereiro de 1844, intitulado *Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução*. Esse artigo reflete a leitura de Marx do livro daquele pensador idealista, *Princípios da filosofia do direito*.¹⁴

No estudo do Estado e das relações jurídicas, o autor da *Introdução* firmou a convicção de que a sociedade civil (esfera das necessidades privadas e das relações materiais dos indivíduos e corporações) era a verdadeira base do Estado político, e não o oposto (o Estado como base da sociedade), como defendia Hegel¹⁵. De acordo com o professor italiano Marcello Musto, esse estudo revelou a Marx o Estado como verdadeiramente é, levando-o à conclusão de que o Estado político não é a base da sociedade, mas sim um reflexo das relações materiais e das lutas de classe presentes na sociedade civil. O Estado não seria uma entidade neutra ou acima das classes sociais, representante da vontade universal. Pelo contrário, o Estado político é moldado pelas relações de poder e pelos interesses das classes dominantes.¹⁶

Karl Marx passou a enxergar a sociedade civil e o Estado de outra maneira: a sociedade civil como a força motriz das mudanças sociais, e o Estado, por sua vez, como moldado por essas dinâmicas, um instrumento das classes dominantes para manter seu poder e perpetuar as desigualdades.

De acordo com o professor Mário Duayer, ao abandonar "o invólucro idealista

13 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011, p. 12 (Apresentação).

14 Esse artigo publicado em Paris corresponde à obra *Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, que Marx escreveu ainda na Alemanha em 1843, antes de partir para a França. Em nosso texto [Arrazoado da Obra Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel](#), tratamos da crítica marxiana ao sistema lógico-dialético-político hegeliano.

Referindo-nos especificamente à revista *Anais Franco-Alemães*, esta foi uma publicação fundada por Marx e o burguês [Arnold Ruge](#) (1802-1880), logo após chegarem à França nos primeiros dias de junho de 1843. A revista era de oposição ao governo prussiano, tal qual o jornal *Gazeta Renana*. É correto afirmar que os trabalhos de Marx e Engels publicados na revista marcaram a passagem dos dois filósofos para o materialismo e para o comunismo. Por parte de Marx, foram publicados os artigos *Sobre a Questão Judaica* e *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução*. Já Engels contribuiu com os escritos *Esboço de uma Crítica da Economia Política e A Situação da Inglaterra*. Todos esses artigos saíram na primeira e única edição da revista em fevereiro de 1844. Devido a divergências de princípios entre Marx e o burguês Ruge, os *Anais* tiveram uma duração muito breve, principalmente em função da aproximação e inclinação de Marx às ideias comunistas, refletidas em seus artigos (*in* MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 24 (Nota 5)).

15 Para Georg Hegel, a instituição Estado representava a síntese das contradições sociais e era fundamental para a harmonia e o progresso.

16 MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://marcellomusto.org/o-encontro-de-marx-com-a-economia-politica/>. Consultado em 02.03.2024.

hegeliano" e aproveitar a "medula racional" do pensamento de Hegel, Marx desenvolveu a dialética materialista. Ele tinha constatado a fundamental importância do fator econômico nas relações sociais e de poder, especialmente no contexto do capitalismo, que envolve suas principais classes sociais: capitalistas e trabalhadores em geral.¹⁷

Em 1843, após sair da Alemanha devido ao fechamento da *Gazeta Renana* pelo governo prussiano e às perseguições políticas geradas pelas críticas que fazia ao Estado da Prússia,¹⁸ Marx avançou, em Paris, no exame das questões de fundo que, no dizer de Marcello Musto, percebeu abancadas nos casos que acompanhou naquele jornal: as "contradições na lei e na política que não podiam ser resolvidas no âmbito da sua própria esfera [sic], e a incapacidade de ambas em fornecer soluções para os problemas sociais".¹⁹

Nesse contexto, o contato que teve com o artigo do moço Friedrich Engels (então com 23 anos), *Esboço de uma Crítica da Economia Política*, publicado em 1844, também na revista parisiense *Anais Franco-Alemães*, foi determinante para que Karl Marx empreendesse um estudo científico da nova sociedade a partir da crítica da Economia Política, a ciência econômica da época, e construísse uma verdadeira **teoria social**.²⁰

Uma teoria social que constitui, nas palavras do professor José Paulo Netto, "um conjunto articulado de explicitações metodológicas acerca de um objeto muito determinado, a sociedade, porém, não qualquer sociedade ou todas as sociedades, mas a **sociedade burguesa ou capitalista**" (grifo nosso).²¹

17 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 22 (Apresentação).

18 Mas antes disso, segundo Mário Duayer, referindo-se ao disposto no famoso prefácio de *Para a crítica*, sérias divergências também já se faziam presentes entre Marx e os diretores da *Gazeta Renana* sobre a condução futura da linha editorial do jornal face às transformações que ocorriam na Alemanha. Os dirigentes do periódico, membros da recém-nascida burguesia prussiana, acreditavam que uma abordagem editorial mais moderada poderia anular as perseguições contra o jornal. Por si só, esse fato já provocara em Marx a ideia e a oportunidade de deixar a publicação, retirar-se da cena pública temporariamente e se dedicar aos estudos de economia com a profundidade exigida (in MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 12 (Apresentação)).

19 MUSTO, Marcello. Op. cit. Disponível em <https://marcellomusto.org/o-encontro-de-marx-com-a-economia-politica/>. Visto em 03.03.2024.

20 O [artigo de Engels](#) é pioneiro no exame da economia política sob uma ótica comunista (ou seja, a partir da perspectiva da classe trabalhadora, superando, desta forma, os limites da crítica do capitalismo dos socialistas "utópicos"), bem assim naquilo que viria ser a crítica marxiana. Segundo Felipe Cotrim, citando José Paulo Netto, o ensaio de Engels constitui-se também na primeira análise das categorias constitutivas da economia política (tais como riqueza, valor, propriedade privada dos meios de produção, concorrência-monopólio e capital-trabalho) operada a partir de uma perspectiva dialética. No que se refere ao pioneirismo do uso da dialética em um texto de economia, Cotrim considera que a introdução da dialética no exame da economia política e da anatomia (estrutura e funcionamento) da sociedade burguesa, bem como das categorias e relações sociais econômicas, tenha sido "a contribuição mais duradoura do *Esboço* de 1844". Nesse esquadro, ainda de acordo com F. Cotrim, Engels diverge efetivamente dos economistas políticos clássicos britânicos e franceses, que examinavam seu objeto de investigação (as relações sociais econômicas) a partir de um [materialismo mecanicista](#), inspirado nas ciências naturais, particularmente na física newtoniana, pretendendo transpor as leis do funcionamento da natureza, numa concepção estática e mecânica de seus elementos, para o estudo das sociedades humanas, desprovidas de uma dinâmica histórica, cujas categorias eram apreendidas de maneira isolada, petrificada/imutável e ausente de mediações. A dialética materialista utilizada por Friedrich Engels, ao contrário, "examina seu objeto de investigação como sendo fruto de um processo histórico em constante movimento e transformação" (in COTRIM, Felipe. **Jovem Engels: dialética e crítica da economia política**. São Paulo-SP: IX Congresso de História Econômica: 200 anos de Karl Marx (USP), 2018, p. 2 a 4. Disponível em https://www.academia.edu/43351095/Jovem_Engels_dial%C3%A9tica_e_cr%C3%ADtica_da_economia_pol%C3%ADtica. Consultado em 03.03.2024).

21 NETTO, José Paulo. **Marx: dialética para principiantes**. Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial, 2022. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk?t=3016> (minutagem: 1h18m05s-1h20m). Visto em 02.03.2024. José Paulo, referindo-se à *teoria social* de Marx, que chama de "o grande edifício marxiano", afirma que o mesmo se funda e se sustenta em três pilotes: "na *dialética* [no método dialético tomado criticamente de

Portanto, o ano de 1843, quando Marx chegou à França, marca a sua segunda imersão nos estudos da realidade social. No caso, nos estudos de economia. As suas pesquisas, até então, especialmente filosóficas, jurídicas e políticas, embora sempre referentes à sociedade e à história, voltaram-se para a economia política. No dizer de Gorender, para a "ciência das relações materiais de vida".²²

Na época do trabalho na *Gazeta Renana* (em 1842/43), Karl Marx era um opositor ferrenho da monarquia autoritária prussiana. Do ponto de vista político-ideológico, estava próximo do liberalismo democrático, ou, melhor dizendo, de "um humanismo racional-liberalista".²³ Sendo um sufragista radical, acreditava que o Estado, com base nas reivindicações populares expressadas no voto, deveria atuar de forma racional e ética para resolver problemas sociais, como a miséria, a ausência de liberdade e as injustiças, fazendo valer a vontade geral. Até a aprovação do ato legislativo de criminalização da coleta de lenha, que ele cobriu na *Gazeta*, conforme abordamos, o jovem Marx via o Estado como a sede dos interesses humanos universais, um contraponto à sociedade civil que representa a esfera das atividades e dos interesses pessoais e corporativos.²⁴

Muito embora tenha sido com a experiência da *Gazeta Renana* que passou a compreender efetivamente o papel real do Estado, seu caráter de classe, e que as relações sociais de produção e a estrutura econômica desempenham um papel fundamental na configuração de uma forma social, o Marx que chega em Paris no ano de 1843, não é o mesmo que partiu com destino à Bélgica em 1845, após ser expulso da França a pedido do governo da Prússia.²⁵

Na nação francesa ele encontra um cenário efervescente de novas ideias, palco de agitações políticas, culturais e intelectuais, e de pleno desenvolvimento do capitalismo. É ali que também se depara e se abala pela visão teórica e empírica que teve do contato com a

Georg Hegel ^[Nota 11], digo eu], na *teoria do valor* [na crítica à [economia política clássica](#), sobretudo aos economistas [Adam Smith](#) (1723-1790) e [David Ricardo](#) (1772-1823), representantes maiores da [Escola de Economia Clássica Britânica](#), extraíndo dela a concepção de que o valor econômico é criado e acrescido pelo trabalho (pela atividade do trabalho), o que resulta na exploração do trabalho pelo capital, digo eu novamente] e na *perspectiva da revolução* [na luta de classes rumo à superação do capitalismo pelo comunismo, passando antes pelo socialismo, digo eu mais uma vez]" (Idem, minutagem: 50m16s-58m09s).

22 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I.** Op. cit., p. 22 (Apresentação).

23 BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção.** Disponível em [mangolin-o-conceito-de-modo-de-producao-2010.pdf \(wordpress.com\)](#), p. 3. Visto em 02.03.2024. O pensamento de Karl Marx sobre o liberalismo é multifacetado e, muitas vezes, mal interpretado. Não há dúvida que Marx celebrou algumas conquistas do liberalismo, como a liberdade de imprensa, e outras feitas históricos. No entanto, ele também criticou, principalmente, a propriedade privada dos meios de produção e suas restrições. Em seu ensaio *Sobre a Questão Judaica*, Marx expôs as contradições dos direitos liberais, destacando que, no capitalismo, por exemplo, mendigos e capitalistas tinham a mesma permissão para comprar uma boa casa, viajar para onde quisesse etc. Entretanto, tratava-se de uma permissão apenas formal. Enquanto a liberdade no liberalismo era meramente formal, Marx buscava uma liberdade real e substantiva. No que se refere ao seu humanismo, o Marx humanista concentra-se nos escritos da sua juventude, como os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844. Os textos desse tempo exploram a alienação e a natureza humana. Karl Marx acreditava que, em uma sociedade sem classes, os seres humanos poderiam desenvolver livremente todos os aspectos de sua natureza, alcançando uma liberdade verdadeira.

24 CARVALHO, Wesley. **Karl Marx e a democracia (1843).** Revista Esquerda Online, 2020. Disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2020/07/12/karl-marx-e-a-democracia-1843/>. Consultado em 02.03.2024. No parágrafo em nota, vemos bem marcado no pensamento de Marx a influência da filosofia do Direito e do Estado de Hegel, a qual, logo depois da saída da *Gazeta Renana*, será posta na berlinda.

25 BARROS, Cesar Mangolin de. Op. cit., p. 4. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf. Visto em 02.03.2024.

classe trabalhadora francesa e suas condições de vida e de trabalho, aproximando-se, então, dos socialistas.²⁶

É importante notar que Karl Marx, assim como Engels, não inventaram o comunismo, tampouco o movimento revolucionário de trabalhadores, mas se encontraram e se identificaram com eles, sem deixar de criticá-los e procurar transformá-los.

De uma referência inicial que enxergava o mundo como um ente abstrato e a humanidade como o sujeito das mudanças desse mundo, podemos afirmar, seguindo Marcello Musto, que, a partir de 1844, o agora filósofo da *práxis* revolucionária parte para a identificação específica de uma realidade social concreta – o mundo capitalista –, e do sujeito ativo das mudanças dessa ordem social, na sua visão, o proletariado.

Levando em conta todos esses aspectos, que implicam na interpenetração entre a organização social, a dimensão estatal e a atividade econômica, Marx passou a examinar os problemas sociais da época. Investigar cientificamente as questões econômicas sob a ótica da economia política, combinado com uma intensa atuação prático-política, tornou-se o grande desafio de sua vida. O estudo da economia política capitalista transformou-se no suporte de suas preocupações científicas e definiu um novo horizonte do qual nunca mais abdicaria, levando-o ao exame das contradições inerentes ao capitalismo e respectivas consequências.

Em linhas gerais, partindo da crítica da economia política, cujo objeto é o modo capitalista de produção, o autor de *O capital* investigou a sociedade burguesa que deriva desse modo de produção, com foco no seu componente central, o capital, em sua dinâmica e movimento. Aqui é possível identificar e destacar os **elementos estruturantes** da investigação marxiana: a **crítica**, a **economia política**, o **modo de produção capitalista**, a **sociedade burguesa** e o **capital**.

De acordo com os ensinamentos do professor José Paulo Netto²⁷, o que Karl Marx chama de “**crítica**” (grifo nosso), uma “expressão reiterativa em suas obras”²⁸, possui duplo significado. Primeiro, **realizar uma crítica teórica é trazer à consciência – conhecer racionalmente e explicitar – os fundamentos de algo (uma ideia, um processo, um evento histórico etc.)**. Segundo, numa clara influência do filósofo alemão Georg Hegel, **criticar algo teoricamente é tomar esse algo, apropriar-se dele, negá-lo e superá-lo**. Isso implica ultrapassar as limitações sócio-históricas desse algo, incorporando o que nele há de válido, mas colocando a substância válida em um plano superior, numa dimensão mais alta, além da formulação original.

Em resumo, a crítica de Karl Marx significa, portanto, tomar, negar e superar teoricamente as limitações do modo de produção capitalista e, por consequência lógica,

26 MUSTO, Marcello. Op. cit. Disponível em <https://marcellomusto.org/o-encontro-de-marx-com-a-economia-politica/>. Visto em 02.03.2024.

27 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=D13Yocu-1oI> (minutagem: 1h47m e seguintes). Visto em 02.03.2024.

28 Exemplo disso são os escritos *Introdução à crítica da economia política*, *Elementos fundamentais para a crítica da economia política (Grundrisse)*, *Para a crítica da economia política* e *O capital: Crítica da economia política*.

os limites da sociedade que dele deriva: a sociedade burguesa. Não se trata, em absoluto, de crítica pela crítica. Tampouco se atém ao aspecto teórico.

Marx desenvolveu sua teoria crítica social dentro de um esquadro metodológico dialético, que lhe permitiu conhecer as contradições das leis que regem o capitalismo e compreender mais profundamente as mudanças históricas e as relações sociais, econômicas e de poder desenvolvidas em seu âmbito interno, com vistas à transformação prática da sociedade em busca de liberdade e igualdade substantivas. O filósofo alemão-prussiano defendeu ao longo de sua vida que, em vez de apenas analisar o sistema, era necessário agir para transformá-lo. E assim trabalhou para buscar alternativas extraídas de dentro da própria forma social que pretendia ver superada.

Prosseguindo com os ensinamentos de José Paulo, em Karl Marx, “fazer a crítica da economia política capitalista é resgatar dela os seus conteúdos científicos e expurgar os limites ainda quase mitológicos, como a ‘mão invisível do mercado’²⁹, e as valorações que nela constam”. Analiticamente falando, nosso alemão quer saber “o que na economia política clássica é ciência ou ideologia, para incorporar o que é ciência e fazer avançar a economia política do ponto de vista da teoria do valor e da análise social da produção”.

No dizer do historiador Jacob Gorender, a crítica da economia política capitalista empreendida por Marx, coadunando-se com o novo método de estudo da sociedade, da economia e da história – o **materialismo histórico dialético** –, fruto da parceria com Engels, além de expor metodologicamente o funcionamento do capitalismo, também definiu o caminho da elaboração e fundamentação científica do socialismo proposto por ambos.³⁰

Dito isso, já é hora de indagarmos: mas, afinal, o que vem a ser **Economia Política**, marco teórico da crítica marxiana? A Economia Política (em alemão *Nationalökonomie*) é uma ciência que estuda as **relações sociais de produção, distribuição e circulação de bens/serviços, bem como de reprodução da vida material, desenvolvidas no âmbito do modo de produção capitalista**. Seu objetivo é analisar como se formam, se estruturam e se organizam as relações sociais de produção e a distribuição dos recursos materiais na sociedade burguesa, além de identificar as leis que regem seu funcionamento. Esse é o objeto da Economia Política.

De acordo com o que assinala Gorender, Karl Marx descreve Economia Política como a ciência na qual "reside a **anatomia da sociedade civil**, cujo conceito", como vimos anteriormente, "compreende a totalidade das relações materiais de vida", e que, além de aspectos econômicos, inclui aspectos políticos e sociais.³¹

Originalmente, a expressão "economia política" foi introduzida em 1615 pelo

29 O conceito da "mão invisível do mercado" foi inicialmente introduzido pelo já referido economista britânico Adam Smith, em seu livro *Teoria dos Sentimentos Morais*, de 1759, no qual invoca a interferência natural que o mercado exerceria na economia (Visto no site https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A3o_invis%C3%ADvel, em 02.03.2024).

30 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. Op. cit., p. 22 e 23 (Apresentação).

31 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. XI (Introdução). Repare, leitor, que Marx, ao utilizar a metáfora da "anatomia", quer enfatizar a profundidade e a abrangência da análise que empreende. Uma análise que vai além dos aspectos meramente econômicos e adentra nas estruturas sociais e políticas da sociedade.

economista francês Antoine de Montchrestien (1575-1621) com o sentido de transpor para a esfera estatal as ideias e os princípios da atividade econômica. Mais à frente, no final do século XVIII e início do século XIX, o termo passou a ser utilizado para o estudo das relações de produção, especialmente entre as três classes principais da sociedade burguesa: capitalistas, proletários e latifundiários. Diversos pensadores contribuíram para os fundamentos da Economia Política, além dos economistas clássicos britânicos Adam Smith e David Ricardo. Entre eles estão Anne Robert Jacques Turgot, Thomas Malthus e John Stuart Mill.³²

Em contraposição às teorias do mercantilismo e, posteriormente, da fisiocracia, nas quais o comércio e a terra, respectivamente, eram vistos como a origem de toda a riqueza, a economia política propôs a **teoria do valor-trabalho**. Segundo essa teoria, **o trabalho seria a base do valor das mercadorias** e, portanto, **a fonte real da riqueza econômica**. Assim, a economia política passou a ser considerada como a “ciência econômica” da época.³³

De acordo com Jacob Gorender, a Economia Política, em seu auge no século XVIII, especialmente com seus representantes maiores, os economistas britânicos Adam Smith e David Ricardo, apresentava-se como ideologia da propriedade privada, da livre concorrência e do enriquecimento sem limite. Enfim, como **a ideologia do modo capitalista de produção** que se desenvolvia e se consolidava.³⁴

Dando um salto metodológico na análise da economia realizada pelos economistas políticos clássicos, o importante para Marx, segundo o professor Cesar Mangolin de Barros, mais do que investigar **o que** a humanidade produz em um

32 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_pol%C3%ADtica e https://pt.wikipedia.org/wiki/Antoine_de_Montchrestien. Consultados em 02.03.2024. Sobre os economistas citados no parágrafo em nota, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_cl%C3%A1ssica (Consultado em 02.03.2024).

33 No final do século XIX, em um cenário anterior de crescente apropriação crítica da economia política pelos socialistas, entre eles Karl Marx e Friedrich Engels, a *Economia Política* e sua teoria do *valor-trabalho* foram gradualmente substituídas, respectivamente, por *Economia* (ou "Ciência Econômica", como assim a nova matéria foi designada) e pela teoria do *valor-utilidade*. Essa apropriação da economia política pelos socialistas, especialmente no caso de Marx e Engels, ocorreu devido às teorias do valor-trabalho de Adam Smith e também de David Ricardo. A teoria de Smith baseia-se na determinação do valor da mercadoria pela quantidade de trabalho necessária para a produção da mercadoria (*trabalho gasto*) e pela quantidade de trabalho que uma mercadoria pode adquirir (comprar) quando trocada por outra mercadoria (isto é, pela capacidade de uma mercadoria comprar ou adquirir o trabalho dispendido em outras mercadorias (é o que se chamou de *trabalho comandado*)). Já a teoria do valor-trabalho de David Ricardo é embasada na quantidade de trabalho necessário direto e indireto (este último relacionado à produção das matérias primas, ferramentas e equipamentos etc.) para a produção da mercadoria (é o que se denominou de *trabalho incorporado*). No caso de Ricardo, sua teoria foi apropriada e estudada pelos *ricardianos de esquerda*, entre 1820 e 1830, portanto antes do início da abordagem de Marx e Engels da economia política, de cujo grupo e interpretações se aproximaram, embora sob um viés crítico. A partir de 1870, a expressão "economia política" foi progressivamente deixada de lado e o termo "economia" passou a ser cada vez mais usado por aqueles economistas que buscavam abandonar a visão classicista da sociedade. Esses economistas, chamados de *marginalistas*, repensaram a economia sob uma perspectiva matemática, axiomática e valorizadora dos estudos econômicos que já estavam sendo desenvolvidos. Em substituição à teoria do valor-trabalho, os marginalistas desenvolveram a teoria do valor-utilidade, ancorando suas análises na produção, circulação e distribuição pura e simples de bens e serviços, desconsiderando as relações sociais envolvidas. Desse modo, o atributo *utilidade* do bem e serviço foi elevado à condição de fonte do valor das mercadorias, em detrimento do *trabalho* (Visto no site https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_pol%C3%ADtica, em 03.03.2024). Enquanto a Economia Política se baseia numa teoria objetiva do valor lastreada no trabalho, a Economia rejeita a teoria objetiva do valor em prol de uma teoria subjetiva embasada nas preferências e na escassez dos produtos, ou seja, na demanda e na oferta. Essa mudança levou à distinção entre Economia e outras ciências sociais. A transformação paulatina da Economia Política em Economia, e com isso a separação das relações sociais e políticas em Sociologia e Ciências Políticas, respectivamente, ocorreu principalmente no final do século XIX e início do século XX. Atualmente, a Economia Política está reduzida a um ramo da Economia.

34 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. VII (Introdução).

certo momento histórico, é **como** a humanidade se organiza para executar essa produção.³⁵

Com vistas a assimilar a dinâmica socioeconômica das formações humanas historicamente situadas, ou, em outras palavras, como as relações específicas de produção e reprodução da vida material são postas em movimento, Karl Marx e Friedrich Engels criaram e desenvolveram o conceito de **modo de produção** – um dos conceitos fundamentais da teoria social marxiana, brotado do novo campo científico-metodológico desbravado pelos dois filósofos, o materialismo histórico.³⁶

Em termos gerais, modo de produção é a forma pela qual os seres humanos se relacionam para dominar a natureza e atender coletivamente às necessidades da vida, considerando o estágio de desenvolvimento de determinada sociedade em dado momento histórico. Em termos econômicos, sendo a base material de qualquer sociedade, o modo de produção é constituído pelas **forças produtivas** (meios de produção e força de trabalho humana) e pelas **relações sociais de produção** (formas como os seres humanos desenvolvem as relações de poder econômico sobre a força de trabalho e os meios de produção no processo de produção e reprodução da vida material).³⁷

35 BARROS, Cesar Mangolin de. Op. cit., p. 5, 6 e 2. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf. Consultado em 03.03.2024.

36 Há indicações de estudiosos de que a obra conjunta de Marx e Engels, *A ideologia Alemã*, de 1845/46, "assinalou o nascimento do *materialismo histórico*, teoria e metodologia da ciência social" (grifo nosso) e expôs a primeira conceituação de *modo de produção* (in MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 2ª Edição, 2001, p. VII (Introdução)).

37 Visto no site https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o, em 03.03.2024. Reportando-nos à definição de *modo de produção* exposta no parágrafo em nota, detalhamos a seguir os seus componentes e subcomponentes:

a) *Forças produtivas*: esta categoria do modo de produção constitui-se da combinação dos "meios de produção" com a "força de trabalho humana". Os *meios de produção* formam um conjunto de recursos composto por "meios de trabalho" e "objetos de trabalho": os *meios de trabalho* são os instrumentos de produção (instalações prediais (fábricas, armazéns, silos etc.), a infraestrutura (abastecimento de água, fornecimento de energia, transportes etc.) e a tecnologia (telecomunicações, conhecimento técnico, ferramentas, máquinas etc.)); já os *objetos de trabalho* correspondem aos elementos sobre os quais é aplicado o trabalho humano: recursos naturais (terra, queda d'água, jazidas de minérios etc.), matérias-primas, insumos, entre outros recursos. O outro elemento que compõe as forças produtivas, a *força de trabalho humana*, diz respeito ao número de pessoas com capacidade para participar do processo produtivo, a população economicamente ativa, sendo, o próprio homem, "a principal força produtiva – seu corpo, sua energia, sua inteligência, seu conhecimento". A força de trabalho inclui não apenas a força física dos produtores, mas também suas habilidades e seu conhecimento técnico, aplicados quando trabalham. Uma vez dispo do meio de produção e da força de trabalho, "é necessário que o homem se organize socialmente para produzir". E assim se estabelecem as relações de produção, como veremos abaixo (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas. Consultado em 03.03.2024).

b) *Relações de produção ou relações sociais de produção*: esta categoria do modo de produção diz respeito às formas como os seres humanos desenvolvem as relações de poder econômico sobre a força de trabalho e os meios de produção no *processo de produção e reprodução da vida material*. As relações de produção são determinadas pelo poder de propriedade que as pessoas exercem sobre os meios de produção, como terra, fábricas etc. Referem-se, além do regime de propriedade dos meios de produção, às formas de repartição dos produtos e à estrutura de classes, por exemplo. Para Marx, as relações de produção nas sociedades de classes são relações entre classes sociais proprietárias e não proprietárias dos meios de produção (Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/cohen/1983/mes/forcas.htm> (in COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010). Visto em 03.03.2024). Nesse sentido, "as relações de propriedade são expressões jurídicas das relações de produção" (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. Visto em 03.03.2024). "A História mostra-nos que a um determinado estágio do desenvolvimento das forças produtivas corresponde um tipo determinado de 'relações de produção'. Os homens, para produzir, 'estabelecem uns com os outros laços e relações bem determinadas (segundo Marx, necessárias e independentes da sua vontade): o contacto com a Natureza, isto é, a produção, só se efetua no quadro destes laços e destas relações sociais. As relações sociais que

Como resultado de um raciocínio lógico-dialético, ocupando-se do processo de formação e desenvolvimento das organizações socioeconômicas nas distintas etapas históricas da vida em sociedade, Marx e Engels identificaram teoricamente distintos modos de produção a depender do nível de progresso das forças produtivas em combinação com o conjunto das relações sociais em sua interação, a saber: o Primitivo, Asiático, Escravista, Feudal, Capitalista, Socialista e o Comunista. Nessa perspectiva, concluíram que a cada modo de produção estabelecido historicamente corresponde uma estrutura/organização social.³⁸

Ao examinar o processo de produção e reprodução da existência material dos indivíduos em sociedade, Marx percebeu que a expansão constante das forças produtivas, tanto quantitativa como qualitativamente, modifica as relações de produção, e que em um dado nível de desenvolvimento as forças produtivas entram em contradição com as relações sociais existentes.³⁹

A título de exemplo da contradição estrutural do capitalismo relacionada à expansão das forças produtivas e ao movimento do conjunto das relações sociais de produção, especialmente aprofundada no capitalismo do nosso século, podemos mencionar o seguinte: nunca antes o capitalismo, em nível global, atingiu um patamar tão alto de produção de riqueza – seja em diversidade, em grau de desenvolvimento tecnológico, seja em quantidade – às custas do agravamento profundo das desigualdades econômicas e sociais e da degradação ambiental, igualmente jamais vistos na história, inclusive na história da própria forma social capitalista.

Quando a contradição entre as forças produtivas e as relações sociais de produção atinge um nível crítico e insustentável, as crises que dela brotam, e junto com elas a intensificação da luta entre as classes sociais, anunciam as condições necessárias para a substituição do modo de produção vigente por outro, que podem ser aproveitadas ou não. Aproveitado o espaço aberto para a mudança da estrutura econômica existente, tem-se, necessariamente, a quebra radical de paradigmas até então considerados. Paradigmas que não se limitam apenas ao âmbito econômico, mas também abrangem campos sociais, culturais, políticos e jurídicos. Conforme Marx e Engels, essa quebra ocorre historicamente por meio da "revolução social".⁴⁰

Após essas considerações gerais sobre a categoria modo de produção, tratemos de uma de suas espécies que nos interessa aqui: o **modo de produção capitalista** (ou **capitalismo**) – o **objeto da Economia Política**.

ligam os produtores uns aos outros [...] diferem naturalmente segundo o carácter dos meios de produção. [...] Isto equivale a dizer que as relações sociais segundo as quais os indivíduos produzem – as relações de produção –, se alteram e se transformam com a evolução e o desenvolvimento dos meios materiais de produção, com o desenvolvimento das forças produtivas. As relações de produção, consideradas na sua totalidade, constituem aquilo a que chamam de [relações sociais](#)’ (Rocher)”. Para Marx, “As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Ao adquirir novas forças produtivas, os homens mudam o seu modo de produção e ao mudar o seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, alteram todas as suas relações sociais’ (Rocher)” (Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais). Consultado em 04.03.2024).

38 Sobre os modos de produção citados no parágrafo em nota, salvo o modo de produção capitalista, que será explicitado na sequência, veja os *links*: modos de produção [Primitivo](#), [Escravista](#), [Feudal](#), [Socialista](#) e [Comunista](#).

39 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas. Consultado em 04.03.2024.

40 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 25.

O modo de produção capitalista é uma **forma de organização socioeconômica** baseada na **propriedade privada dos meios de produção**, em uma **economia de mercado** e na sua operação para **fins lucrativos**.⁴¹ Erguidas sobre essa base, tem-se suas características centrais e necessárias: a **acumulação de capital**, o **trabalho assalariado**, a **troca voluntária** e um **sistema de preços e mercados competitivos**.

Neste ponto, cabe tocar rapidamente em uma questão importante que gera bastante confusão, às vezes por desconhecimento, mas muitas vezes por má-fé ideológica. Em Karl Marx, **propriedade privada dos meios de produção não é a mesma coisa que propriedade privada de bens pessoais**. Estes últimos são destinados ao uso, consumo e desfrute do cidadão. Cada indivíduo é o proprietário dos seus bens pessoais (a exemplo do carro próprio, roupas, casa etc.). Como o cidadão tem a propriedade dos bens de uso pessoal, igualmente possui o direito de dispor deles livremente. Marx não questiona a propriedade de bens pessoais. Aliás, em sua teoria, a propriedade privada de bens pessoais é um direito fundamental de todos os indivíduos, e não só de uns poucos. É aqui que geralmente ocorre a confusão relativa ao conceito marxista de propriedade privada.

De modo a transpassar uma das contradições primitivas do capitalismo, na teoria social de Karl Marx, é a propriedade privada dos meios de produção que deve ser socializada. Nosso teórico revolucionário alemão primeiramente nega e depois propõe superar a propriedade privada dos meios de produção. Para ele, o que deve pertencer a toda a sociedade e ser utilizado para o bem comum são os meios de trabalho e os objetos de trabalho. Na qualidade de meios de trabalho, temos os instrumentos de produção (como as instalações prediais destinadas ao processo produtivo (fábricas, armazéns, silos etc.), a infraestrutura (a exemplo do abastecimento de água, fornecimento de energia, transportes etc.) e a tecnologia (tais como as telecomunicações, conhecimento técnico, ferramentas, máquinas etc.)). Na condição de objetos de trabalho, temos os elementos sobre os quais é aplicado o trabalho humano (como os recursos naturais (terra, queda d'água, jazidas de minérios etc.), além das matérias-primas, entre outros recursos).

Conforme Jacob Gorender, na visão marxiana do surgimento do modo de produção capitalista, **a separação entre o agente do processo de trabalho (o trabalhador) e a propriedade dos meios de produção, que passam a pertencer ao capitalista, “constitui condição prévia e indispensável” para a existência do capitalismo e “lhe marca o caráter de organização social historicamente transitória”** (grifo nosso).⁴²

Em Karl Marx, segundo Gorender, as categorias específicas do modo de produção capitalista não expressam uma “racionalidade supra-histórica, de leis naturais inalteráveis, como pensavam os economistas clássicos, mas, ao contrário, seu surgimento tinha data recente e sua vigência marcaria não mais que certa época histórica delimitada”.

Ainda contando com os ensinamentos do historiador marxista, vê-se que a tese de Marx é a de que o capitalismo, como uma das espécies de modo de produção, “tem

41 Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>. Consultado em 04.03.2024.

42 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. Op. cit., p. 27 (Apresentação).

existência histórica, de que nasceu de determinadas condições criadas pelo desenvolvimento social e de que criará, ele próprio, as condições para o seu desaparecimento e substituição por um novo modo de produção”.⁴³

A história do surgimento do modo capitalista de produção, mesmo com divergências entre historiadores, geralmente aponta para o noroeste da Europa, especialmente para a Grã-Bretanha e Holanda, nos séculos XV e XVI. O capitalismo gradualmente se tornou o sistema econômico dominante mundialmente. Parte da história dos últimos 500 anos preocupa-se com o seu desenvolvimento em suas várias formas e fases.⁴⁴

Registra-se que o modo de produção capitalista é constituído por três fases históricas: a primeira, o **Capitalismo Comercial** ou **Mercantil** (que vai do século XV/XVI (a Era dos Descobrimientos ou das Grandes Navegações) ao século XVIII); a segunda, o **Capitalismo Industrial** ou **Industrialismo** (de meados do século XVIII ao século XIX); e a terceira fase, o **Capitalismo Financeiro** ou **Monopolista** (século XX/XXI). Já se afirma que vivenciamos, com o início do século XXI, a sua quarta fase, o **Capitalismo Informacional** ou **Capitalismo Cognitivo**.⁴⁵ Cabe acrescentar que Karl Marx foi o primeiro a identificar que é da essência do capital assumir distintas formas ao longo do tempo no esforço de ultrapassar seus próprios obstáculos. Estas distintas formas correspondem exatamente às suas diferentes fases.

Foi na etapa do Capitalismo Industrial que as classes sociais se dividiram em trabalhadores assalariados (o proletariado), proprietários de terra e burguesia industrial (os capitalistas). É do conjunto dessa estrutura organizacional socioeconômica que deriva a **sociedade burguesa**. Com isso, enfim chegamos ao penúltimo elemento estruturante da investigação marxiana.

Nas palavras de José Paulo Netto, em Marx, "a compreensão da sociedade burguesa ou capitalista está hipotecada ao entendimento das condições em que essa sociedade garante a sua reprodução material". Isto é, continua José Paulo: "para entender a sociedade burguesa, é necessário compreender o modo como são criadas as condições de produção/reprodução da vida social capitalista, que é riquíssima e extremamente diferenciada, desenvolvida e complexa, que vai da formação para o trabalho à constituição dos imaginários, às expressões estéticas, à organização e desorganização de família e à produção de sensualidades; portanto, um horizonte infinito de formas de objetivações humanas". Segundo Netto, "Marx textualmente afirma que a sociedade burguesa é a mais complexa e diferenciada das formas societárias que os homens produziram até hoje".⁴⁶

43 Idem, p. 32 (Apresentação).

44 Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_capitalism. Consultado em 04.03.2024.

45 Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>; https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_industrial, <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimientos. Vistos em 04.03.2024. Mais sobre essas fases, veja [Capitalismo Comercial ou Mercantil](#), [Capitalismo Industrial](#), [Capitalismo Financeiro ou Monopolista](#) e [Capitalismo Informacional ou Cognitivo ou, ainda, de Plataformas](#) (in BEZERRA, Juliana. **Fases do capitalismo**. Site Toda Matéria. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>. Visto em 05.03.2024).

46 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Op. cit. (videoaula, minutagem:

Decorre daí, ainda no dizer de José Paulo Netto, que, para Marx, só se pode conhecer a vida social burguesa, “que não se reduz à sua expressão ou condições materiais”, mas não pode prescindir-se dela, “determinando com rigor quais são as categorias⁴⁷ de produção das condições materiais que permitem a vida social tal como ela é”. Somente se pode conhecer a vida social burguesa “apurando como se cria e distribui o que materialmente suporta essa vida social”. Dessa forma, a teoria de Karl Marx, sob o ponto de vista da relação social capital e trabalho, foca no **exame crítico da formação, estrutura, desenvolvimento e superação da sociedade burguesa**.

Dito isso, apresentados, em linhas gerais, quatro dos cinco elementos estruturantes da investigação marxiana da crítica da economia política capitalista, passemos à explicitação também geral de seu componente central, o **capital**.

Em uma primeira aproximação, replicando a conceituação geral e lógica de capital em Karl Marx, a professora Leda Paulani refere-se a essa categoria como sendo “**um movimento de valorização do valor**” (grifo nosso). De acordo com Paulani, a presente definição de capital é extraída da sequência $D - M - D'$ (onde M é igual a mercadoria, D é igual a dinheiro e D' é igual ao dinheiro original acrescido de dinheiro ($D' = D + \Delta D$)). A essa fórmula, Marx dá o nome de processo *comprar para vender*. Isso significa que o sujeito, possuindo inicialmente dinheiro, compra uma mercadoria para vender, e não para consumir. Para que a sequência descrita tenha sentido, é necessário que, no final do processo, o dinheiro original aplicado na aquisição de uma mercadoria para venda tenha um acréscimo ou expectativa de acréscimo. Marx designa a sequência retratada por “capital”.⁴⁸

O professor Ladislau Dowbor, diante da complexidade de definir capital e dos diversos sentidos que se dá ao termo, afirma, com base também na concepção marxiana de capital, que a conceituação menos complexa é a de “riqueza”.⁴⁹

Distinguindo transferências financeiras de enriquecimento social, ele diferencia dinheiro de riqueza. Para Dowbor, papel-moeda, cartões de crédito/débito, ações, títulos etc. – dinheiro, em sentido amplo – “são meros instrumentos de transferência de bens e serviços de um indivíduo para o outro. Levam a riqueza a mudar de mãos, mas não criam riqueza nenhuma”.

Considerando que riqueza em termos sociais é a capacidade de produção de bens e serviços, o professor Ladislau dispõe: “Para entender o que é capital, portanto, devemos partir do processo de produção”. Desse modo, **associa o conceito de capital à**

1h:47min e seguintes). Consultado em 05.03.2024.

47 Em Marx, segundo José Paulo (Idem (videoaula, minutagem: 2h:56min e seguintes). Visto em 05.03.2024), *categorias teóricas* “são formas do *ser*, são modos de existência do *ser social*” (grifo nosso). Para Karl Marx, “categorias não são artifícios intelectíveis para distinguir a realidade, não são constructos do investigador, mas sim, modos de existência do objeto (a exemplo do trabalho assalariado, como forma de existência da categoria trabalho – um modo de ser do ser social trabalho)”.

48 PAULANI, Leda. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx**. Curso Livre Marx e Engels. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s> (minutagem: 1h:05min:26s-1h:08:54s). Visto em 07.03.2024.

49 DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Visto no site https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwEwNTY1/view?hl=pt_PT, em 07.03.2024.

produção de riqueza material.⁵⁰

Com base nesse entendimento, Ladislau Dowbor aponta que no processo de produção há a participação do **capital-dinheiro**, ou dinheiro inicial, do **capital-produtivo** e do **capital-mercadoria**, sendo este último o resultado da combinação entre o capital-dinheiro e o capital-produtivo.⁵¹

Por assim ser, Dowbor conclui que os "três capitais" são "capital no sentido econômico, na medida em que estão inseridos num ciclo de valorização, num ciclo chamado de **reprodução de capital**, de criação de riqueza" (grifo nosso).

Já no que diz respeito à economia política clássica, *capital*, visto como tal as máquinas, equipamentos e instalações, é considerado como um dos três fatores de produção, os outros dois são *terra* (terras cultiváveis, floresta, minas e recursos naturais) e *trabalho*.

Em relação à concepção marxiana de capital, ficamos com Friedrich Engels, que já nos adianta ser a visão de Marx completamente distinta e bem mais complexa que a concepção clássica. Nessa linha, Engels escreveu: "Marx não fez do capital a ideia comumente admitida em economia política, segundo a qual o capital é um conjunto de meios de produção, sendo ele próprio um produto; Marx procura expressar uma ideia histórico-dialética, penetrando no jogo de metamorfoses dos conceitos e da história".⁵²

Na síntese do geógrafo marxista britânico David Harvey, Karl Marx define capital "como um **processo** [movimento, digo eu] e não como uma coisa" (grifo do autor). Sendo, pois, "[...] Um **fluxo contínuo de valor** transitando por diferentes estados" ou formas (como acabamos de ver: capital-dinheiro, capital-produtivo e capital-mercadoria) (grifo nosso).⁵³

Para o que pretendemos nesta Nota do Editor, o que expusemos basta para avançarmos para o texto de Marx, *Introdução à crítica da economia política*, alvo do Artigo Expositivo II. Porém, antes de encerrar, vale mencionar outra questão muito mal entendida no que se refere ao pensamento do nosso filósofo alemão.

Afirmamos que seu grande esforço intelectual consistiu fundamentalmente na crítica da Economia Política, aplicada ao modo de produção capitalista e, por conseguinte,

50 De acordo com o professor Jadir Antunes, para Marx, a "riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista [...] aparece (*erscheint*) como uma 'imensa coleção de mercadorias'. Por isso, uma pessoa ou país serão considerados tão ou menos ricos quanto mais mercadorias possuírem como sua propriedade. De imediato já podemos perceber os limites deste conceito de riqueza. Segundo esta noção, a riqueza não é considerada um bem interno – como um valor moral ou cultural que deva ser cultivado pelo homem e a sociedade – mas um bem material" (*in A dialética do valor em O capital de Karl Marx*. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q&esrc=s&source=web&cd&ved=2ahUKEwiF-PzZ4c7yAhXKI7kGHSfbDIAQFnoECAwQAw&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fintuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usq=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb-tU3n>. Consultado em 07.03.2024).

51 O *capital-dinheiro* é a forma em que se transforma o dinheiro quando aplicado produtivamente. O *capital-produtivo* é constituído da mão de obra para fazer a fábrica funcionar, da matéria-prima, a exemplo de couro, pregos, cola etc., e da energia necessária para viabilizar a confecção do produto final, sapatos, por exemplo; bem como dos equipamentos (máquinas, prédio etc.) que a mão de obra utilizará para transformar a matéria-prima – portanto, capital produtivo corresponde ao conjunto das forças produtivas. O *capital-mercadoria* é o produto ou a mercadoria final: os sapatos (DOWBOR, Ladislau. Op. cit. Visto em 08.03.2024).

52 ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**. Parte II - Economia Política Capítulo VII. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000004.pdf>. Consultado em 09.03.2024.

53 HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014, p. 19.

à sociedade burguesa que dele deriva.

Embora a teoria crítica de Karl Marx vise demonstrar a possibilidade histórica e as condições que podem levar à superação do capitalismo por outro modo de produção, no caso, o socialista, num primeiro momento, e o comunista, em um momento posterior, ele, e também Engels, não são os "pais" do socialismo nem do comunismo. Ambas correntes de pensamento já existiam antes deles. O que fizeram foi criar uma nova vertente teórica denominada "Socialismo Científico", prescrevendo que as condições de superação do capitalismo são fornecidas pela estrutura, dinâmica e contradições inerentes a ele mesmo e por suas respectivas leis. As crises decorrentes das contradições estruturais constituem, na visão dos dois filósofos, "aberturas para as práticas revolucionárias e transformadoras", como assim compreende Mário Duayer.⁵⁴ Portanto, era preciso investigar radicalmente (no sentido de raiz) a economia política capitalista para conhecê-la, negá-la e, assim, propor as linhas gerais para a sua superação.

A **Expedição Karl Marx: Para ler *O capital***, cujo destino final, como o próprio nome sugere, é o estudo da obra magna e definitiva de Marx, ***O capital: Crítica da economia política***, visa exatamente imergir na avaliada como a mais profunda investigação da economia capitalista que se tem conhecimento e, assim, expandir horizontes do saber.

Enveredando no aspecto operacional desta "caravana literária", por analogia a uma típica expedição exploratória de escalada a determinado pico ou montanha, dividimos o "roteiro" da **Expedição Karl Marx** em três etapas: a primeira consiste em uma fase preparatória e de "aclimatação" para ingresso no universo do pensamento econômico de Marx; a segunda refere-se aos escritos econômicos, raízes da sua obra maior, o que dá início à "trilha marxiana", propriamente dita, da crítica do capitalismo; por fim, a terceira e derradeira etapa corresponde ao encontro marcado com os quatro livros de *O capital*.

Apesar de não começar por um escrito do nosso alemão, a primeira fase da "expedição", concluída em 22.12.2023, através do **Artigo Expositivo I**, apresentou o livro do teórico marxista ucraniano Roman Rosdolsky, ***Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx*** (1968), avaliado como um guia de acesso ao universo teórico, metodológico e crítico-econômico de Marx. Rosdolsky traz no seu livro um comentário robusto e esclarecedor dos primeiros manuscritos propriamente econômicos, redigidos e organizados em cadernos por Karl Marx em 1857/1858, conhecido como *Grundrisse (Elementos (Esboços) fundamentais para a crítica da economia política)*, os quais são distinguidos como a base teórica e metodológica para o que viria a ser *O capital*.

Com tão alta qualificação, seria até natural que iniciássemos esta jornada intelectual com a leitura direta dos *Grundrisse*. Entretanto, optamos por começar pelo livro de R. Rosdolsky, dado o elevado grau de complexidade do conteúdo, método e escrita dos *Grundrisse*. Isso fez do estudo de *Gênese e estrutura de "O capital"* uma tarefa preparatória para ingressarmos na "rota" autoral marxiana, que, inclusive,

54 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 16 (Apresentação))

contempla a leitura direta dos próprios manuscritos crítico-econômicos de 1857/58.⁵⁵

Finda a fase preparatória, marcada pelo estudo de *Gênese*, iniciamos aqui a segunda etapa da nossa "expedição", a dita "trilha" marxiana rumo à obra maior do filósofo alemão. Faremos isso por meio do **Artigo Expositivo II**, que reproduz o importante texto de Karl Marx, *Introdução à crítica da economia política*, de 1857.

Permanecendo no âmbito da segunda etapa, por meio do **Artigo Expositivo III**, abordaremos o mencionado conjunto de manuscritos propriamente econômicos de 1857/1858, *Grundrisse (Elementos (Esboços) fundamentais para a crítica da economia política)*, que corresponde à primeira versão da obra magna do nosso pensador alemão-prussiano e seus primeiros rascunhos.

Logo depois, no **Artigo Expositivo IV**, encerrando a segunda fase, trataremos do livro *Para a crítica da economia política*, ou *Contribuição à crítica da economia política*, de 1859. É no prefácio dessa obra que encontramos a famosa síntese sobre o materialismo histórico dialético, cuja teorização mais extensa Karl Marx expôs no texto *Introdução*, objeto deste Artigo Expositivo II. Ademais, além de ser uma continuação dos *Grundrisse*, o livro *Para a crítica da economia política* é a única versão da crítica do capitalismo publicada por Marx antes de *O capital*.

Feito isso, finalmente passaremos ao último estágio da **Expedição Karl Marx** com o estudo de *O capital: Crítica da economia política*. Essa obra fundamental foi originalmente escrita em quatro livros, cada um abordando um tema específico, mas interligado entre si: Livro I – *O processo de produção do capital* (1867); Livro II – *O processo de circulação do capital* (1885); Livro III – *O processo global da produção capitalista* (1894) e o Livro IV – *Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico* (1905). A cada um desses volumes corresponderá um artigo expositivo com o objetivo de fornecer uma reprodução detalhada dos conceitos e argumentos apresentados pelo autor. *O capital* privilegia o ponto de vista do trabalhador proletário, diferenciando-se dos tratados econômicos da época. Mesmo um século e meio depois, a obra definitiva de Marx continua sendo estudada, debatida e ainda exercendo importante influência sobre a compreensão da economia e da sociedade burguesa.⁵⁶

Voltemos ao Artigo Expositivo II. A *Introdução à crítica da economia política*, apesar de não ter sido concluída pelo seu autor, refere-se à única exposição sistemática e extensa do método inovador de estudo da sociedade, da economia e da história, criado por Marx em parceria com Engels: o **materialismo histórico dialético**.

55 *Gênese*, pelas razões expostas, é o único livro da não autoria de Karl Marx presente no elenco da *Seção Principal – Artigos Expositivos da Bibliografia de Karl Marx da Crítica da Economia Política Capitalista*, deste Blog. Confira [aqui](#) o Artigo Expositivo I sobre o livro de Roman Rosdolsky.

56 A obra de chegada da nossa "caravana literária", *O capital*, subtítulo *Crítica da economia política* (em alemão: *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*), traz em suas páginas o resultado de um minucioso exercício investigativo de cerca de vinte e cinco anos – de 1842/43 a 1867 (com a publicação do Livro I d'*O capital*) – sobre o funcionamento das relações socioeconômicas no âmbito do modo de produção capitalista, desde suas origens (in MARX, Karl Heinrich. *Grundrisse*. Op. cit., p. 11 (Apresentação)). No texto "[Arrazoado e sinopse do livro O capital](#)", apresentamos, em linhas gerais, a obra fundamental do filósofo alemão, contemplando as sinopses dos quatro livros que compõem a obra. Acerca da "trilha" bibliográfica descrita na presente Nota do Articulista, veja a página *Roteiro da Expedição Karl Marx* deste [Blog](#).

A concepção materialista dialética da história, “consubstanciada na compreensão, interpretação e transformação da realidade”,⁵⁷ permeia a crítica da economia política capitalista e a quase totalidade da produção literária dos dois filósofos. O aludido escrito introdutório é um dos raros momentos em que as questões metodológicas são tratadas teórica e autonomamente, e não como uma aplicação na análise dos temas investigados.

Sendo um dos sete cadernos que compõe os manuscritos *Grundrisse*, a redação da *Introdução à crítica da economia política* está contextualizada na chamada crise de 1857, considerada a primeira crise global do capitalismo. Essa crise teve início dois anos antes nos EUA e, naquele ano, entrava em uma fase crítica. Nesse cenário, em 23 de agosto de 1857, Marx começa a redação da *Introdução*, visto que impusera a si mesmo a urgência da exposição de sua crítica, trabalhada por sete anos, “[...] antes do dilúvio”, como disse numa carta a Engels de 08 de dezembro de 1857.⁵⁸

A *Introdução à crítica da economia política*, embora inacabada, como dissemos, trouxe alguns importantes resultados das pesquisas realizadas por Karl Marx a partir de 1850, quando já se encontrava exilado na Inglaterra (onde chegou em 1849). Ao estudar exaustivamente a economia política capitalista dos economistas clássicos, Marx percebeu as limitações daqueles, principalmente metodológicas. De maneira inovadora, introduziu o método dialético para investigar o movimento histórico das categorias relacionadas ao objeto da sua investigação: a sociedade capitalista. Essa abordagem, com ênfase nas relações sociais e históricas encobertas pelas categorias econômicas de produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços, permitiu-lhe examinar criticamente as estruturas econômicas e sociais do capitalismo,

57 PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Visto em 08.03.2024 no site <http://hdl.handle.net/11449/30353https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wfr4dmSD/?format=pdf>.

58 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 8 (Nota da Edição Francesa). A crise econômica de 1857, pronosticada por Marx como a oportunidade do “dilúvio” iminente, isto é, como oportunidade da revolução europeia antiburguesa, teve origem nos EUA e é conhecida como “a primeira crise econômica de escala global do capitalismo, visto a já considerável interconectividade na economia do mundo capitalista nos anos 1850”. Karl Marx, por meio de artigos publicados no *New York Daily Tribune*, analisou a grande crise de 1857 procurando “descortinar as leis que regulam crises como esta no mercado mundial, a qual já havia previsto em 1856 quando boa parte de seu trabalho jornalístico já se dedicava às crises monetárias da Europa”. O filósofo alemão concluiu que essa crise “era o resultado inevitável do fim do ciclo de prosperidade iniciado em 1848, após as tentativas frustradas das revoluções daquele ano (*Primavera dos Povos*), e fruto inerente das contradições do sistema anárquico do livre-mercado, do movimento do capital fictício e especulativo e também das relações entre o Estado e a aristocracia financeira”. Contudo, não deixou de denunciar o que entendia como “a principal consequência da crise mundial: a **pauperização da classe trabalhadora**”. Marx avalia que “a quase uma década de prosperidade econômica e repressão ao movimento operário (1848 a 1856) cobrou o seu preço: o proletariado não encontrou forças para reagir diante de mais uma crise”. Já no início de 1858 a economia capitalista dava sinais de recuperação, e a revolução social esperada por ele e Engels “não compareceu ao encontro marcado”. A crise, ainda no final daquele ano, cedia a um novo ciclo de desenvolvimento. Se a crise mundial de 57 confirmou a teoria do desenvolvimento da produção capitalista elaborada por Marx e Engels, ou seja, a “sua alternância em ciclos de prosperidade e de crise – independente da sua ocorrência em cinco, sete, ou dez anos –”, a expectativa de que ela desencadeasse uma onda revolucionária imediata não se verificou. Com o seu desfecho, reconsideraram a ideia de crise final do capitalismo “reconhecendo o poder de reciclagem do capital e as dificuldades das revoluções sociais diante dessa dinâmica”. Apesar da extensão da crise de 1857, eles “se surpreendem com a rapidez que foi superada, chegando à conclusão de que as crises no capitalismo são necessariamente cíclicas e periódicas, e não acidentais, existindo o que denominaram de ‘leis da crise’” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857 e <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>. Consultados em 08.03.2024).

revelando as contradições das leis que o regem e as desigualdades sociais inerentes e resultantes de seu próprio funcionamento.

Após redigir o texto introdutório, o nosso autor percebe que mais se trata de uma conclusão das suas próprias reflexões do que de uma autêntica introdução. Tanto é que em 1859, no prefácio de *Para a crítica da economia política*, onde aquele escrito seria incluído, afirmou: "Suprimo uma introdução geral que esbocei no passado porque, pensando bem, parece-me que antecipar conclusões do que é preciso demonstrar em primeiro lugar é pouco correto, e o leitor que quiser seguir-me deverá decidir-se a passar do particular ao geral". E assim, a *Introdução* ficou desconhecida do público até a publicação por Karl Kautsky, na revista alemã *Die Neue Zeit* (*O novo tempo*), em 1903.⁵⁹

Segundo o professor Hugo Eduardo da Gama Cerqueira, o escrito introdutório de Marx fazia parte de um dos sete cadernos que compunham o conjunto de manuscritos redigidos e organizados por ele em 1857/1858. Embora, de fato, não tenha havido menção anterior à existência daqueles cadernos, é mesmo certo que Kautsky publicou em 1903 duas pequenas partes, sendo uma delas o famoso texto, cuja repercussão "foi imediata, tornando-se uma referência para as discussões sobre o método de Marx", diz Cerqueira. A outra parte foi um fragmento conhecido como *Bastiat e Carey*. Não obstante, os cadernos restantes permaneceram desconhecidos do público até serem descobertos pelo marxista russo David Riazanov em 1923 e todos serem publicados em 1939 e 1941, em Moscou, com o nome *Grundrisse*.⁶⁰

Por fim, encerrando esta Nota, no que se refere ao aspecto editorial do Artigo Expositivo II, o mesmo será apresentado em folhetos mensais, no total de três. No Folheto nº 01, conheceremos o exame de Karl Marx sobre o objeto de estudo da economia política – a produção em geral –, e a relação também geral da produção com as categorias de distribuição, troca e consumo. Além disso, demonstraremos as imprecisões do trabalho dos economistas políticos clássicos detectadas por Marx e também a sua defesa pela ligação dialética entre as referidas categorias econômicas de produção, distribuição, troca e consumo.⁶¹ Em seguida, no Folheto nº 02, trataremos da inédita teorização e sistematização do método dialético da crítica da economia capitalista. Por fim, no terceiro e último folheto, abordaremos a organização expositiva das categorias econômicas do capitalismo, segundo a concepção materialista histórico dialética marxiana/engeliana.

Há mais dois aspectos editoriais que vale a pena destacar: 1) neste artigo, assim como fizemos no Artigo Expositivo I e faremos nos próximos, buscaremos sempre reproduzir o conteúdo da obra em questão e não necessariamente interpretá-la. Não

59 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 9 (Nota da Edição Francesa). Sobre o importante teórico tcheco-austriaco Karl J. Kautsky (1854-1938) e sua revista *O novo tempo*, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky e <https://www.marxists.org/glossary/periodicals/d/i.htm#die-neue-zeit> (consultados em 08.04.2024)

60 CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels**. Brasília-DF - Anpec. Revista Economia vol. 11 n. 1, 2010, p. 211. Disponível em https://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf. Consultado em 08.03.2024. Sobre David Riazanov (1870-1938), grande intelectual marxista russo, citado no parágrafo em nota, recomendamos o texto de Cerqueira.

61 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 9 (Nota da Edição Francesa).

obstante, lançaremos mão de juízo pessoal ou de outros autores quando a complexidade de alguma ideia, frase ou parágrafo assim exigir; 2) diante do uso comum na literatura sobre Karl Marx das expressões "marxiano(a)", "marxólogo(a)" e "marxista" para identificar o autor de determinada obra, texto, frase, parágrafo etc., optamos por também utilizá-las seguindo os seguintes critérios: a primeira expressão será adotada para fazer referência aos escritos e ao pensamento do próprio Marx; a segunda será aplicada em alusão aos estudiosos que conduzem uma análise científica e imparcial das ideias do filósofo alemão; já a terceira expressão será dirigida àqueles que buscam interpretar, não sem divergências entre si, o amplo campo do pensamento de Marx e a análise metodológica dos aspectos ali contidos, na defesa de uma prática política transformadora e revolucionária da sociedade que, em seu conjunto, é denominada de "marxismo".

I. PRODUÇÃO, CONSUMO, DISTRIBUIÇÃO, TROCA (CIRCULAÇÃO)

Como bem qualifica o historiador baiano Jacob Gorender, a *Introdução à crítica da economia política* de Karl Marx corresponde a uma verdadeira "dissertação metodológica", ainda que inconclusa, **sobre as categorias da concepção histórica e dialética dos fenômenos sociais aplicada ao estudo da economia política capitalista**. Nessa "dissertação", diz Gorender, encontra-se "[...] a mais extensa e única exposição sistemática sobre a questão do método na imensa literatura marxiana".⁶²

De acordo com a professora Madalena Guasco Peixoto, é ali que o teórico alemão "evidencia as categorias básicas do materialismo histórico dialético que darão sustentação metodológica para os seus estudos de Economia Política". A importância do escrito introdutório marxiano, continua Guasco, "reside fundamentalmente na elaboração, aplicação e precisão das categorias do método dialético do movimento histórico transformado em instrumento metodológico do estudo da economia política".⁶³

Madalena Peixoto acrescenta que, embora retome na obra *O Capital*, "de maneira mais precisa e conectada", o que se acha em *Introdução*, é nesse texto que Karl Marx realiza a exposição teórica do método de investigação da forma social capitalista, elaborado com o valioso auxílio do amigo e parceiro intelectual, Friedrich Engels.

Discorrendo sobre a estrutura do texto introdutório em questão, Jacob Gorender expõe que é possível identificar três temas centrais, a saber: nos itens "1) A produção em geral" e "2) A relação geral entre a produção, distribuição, troca e consumo", o **objeto da Economia Política**; no item "3) O método da economia política", a abordagem direta da **natureza do método aplicado**; no item "4) Produção. Meios de produção e relações de produção. Relações de produção e relações de intercâmbio. Formas de estado e de consciência em relação às relações de produção e de intercâmbio. Relações jurídicas. Relações familiares", a **ordem expositiva das categorias econômicas para que formem um sistema explicativo estruturado**.⁶⁴ No presente Artigo Expositivo II, para efeito didático, optamos por seguir a divisão temática do historiador baiano.

No sumário original da *Introdução*, Karl Marx elenca as categorias econômicas fundamentais às quais se dedicará, à luz da sua metodologia, na investigação do modo de produção capitalista e, por conseguinte, da sociedade burguesa que dele deriva. São elas: **produção, distribuição, troca (circulação) e consumo**. A partir dessas categorias econômicas, que, em sua visão, encobrem as relações sociais e históricas do capitalismo, Marx investigará crítica e cientificamente as estruturas econômica e social do modo capitalista de produção, de maneira a revelar as contradições das leis que o regem e apontar as crises e as desigualdades sociais como produto dessas contradições.

62 MARX, Karl Heinrich. *Para a Crítica da Economia Política*. Op. cit., p. XI (Introdução).

63 PEIXOTO, Madalena Guasco. *Contribuição à Crítica da Economia Política. Ficha de Leitura*. Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros Textos Escolhidos. Coleção Os Pensadores. Vol. XXXV, Editora Abril Cultural, 1974. Visto no site <https://grabois.org.br/2010/07/22/introduco-critica-da-economia-politica-karl-marx-ficha-de-leitura-madalena-guasco-peixoto-artigo-a-modernidade-e-o-sculo-xx-madalena-guasco-peixoto/>, em 09.03.2024.

64 MARX, Karl Heinrich. *Para a Crítica da Economia Política*. Op. cit., p. XI-XIII (Introdução).

Considerando que as condições materiais de produção – ou simplesmente a produção – constituem o ponto de partida para a direção da distribuição, troca e consumo, o nosso autor começa seu escrito pela esfera da produção.

1) A produção em geral

No primeiro item da *Introdução à crítica da economia política*, Karl Marx prontamente demarca o objeto da economia política: a **produção material**, que corresponde à **produção de bens e serviços na sociedade burguesa** – a **produção material capitalista**.⁶⁵

De acordo com a observação de Jacob Gorender, em termos gerais, a produção à qual Marx se refere não é a "produção vista através de categorias supra-históricas, válidas para todas as épocas".⁶⁶ A produção a que o filósofo alemão dedica sua atenção é aquela que leva em conta, como o mesmo elucida, "[...] **Indivíduos produzindo em sociedade, portanto a produção dos indivíduos determinada socialmente**" (grifo nosso).⁶⁷ Por isso, sustenta que o ponto de partida do estudo das sociedades deve ser a **produção social**. Para Marx, afirma Gorender, a produção "**é sempre social e sempre o resultado de um desenvolvimento histórico**" (grifo nosso).⁶⁸ Sempre será resultado da ação dos indivíduos sociais e historicamente situados. Sendo a produção resultado de um processo histórico, cada época histórica tem e terá categorias e relações sociais de produção singulares.

Sem prejuízo da redução da produção a objeto da economia política capitalista, é importante perceber, de acordo com o professor Fábio Maia Sobral, que na *Introdução* a produção em si é tomada como objeto inicial da análise de qualquer formação social historicamente situada.⁶⁹ Aliás, não há aí nenhuma contradição. Afinal, o ser humano, para existir, precisa produzir. O que Karl Marx aponta como negativo é o fato substancial de que a economia política clássica não concebe que a cada forma histórico-social de produção corresponde uma estrutura, organização e relações sociais específicas, e, conseqüentemente, categorias singulares.

Dirigindo-se aos economistas Adam Smith e David Ricardo, mas não só, representantes maiores da Escola de Economia Política Britânica, Karl Marx repudia o ponto de partida que adotam. Marx almeja desmontar a noção clássica de que os princípios do modo de produção capitalista fazem parte da natureza humana, e assim são a-históricos.⁷⁰ O nosso filósofo salienta uma essencial diferença entre a sua concepção e a daqueles economistas. Para Marx, os "profetas" do século XVIII, alcunha que conferiu aos literatos burgueses da época, têm o indivíduo do

65 Idem, p. 3.

66 Ibidem, p. XI (Introdução).

67 Ibidem, p. 3.

68 Ibidem, p. XI (Introdução).

69 SOBRAL, Fábio Maia. **Os Grundrisse de 1857-8 como Manifesto Social**. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Unicamp, 2008, p. 57. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>. Consultado em 05.03.2024.

70 Idem, p. 58.

século XVIII, contexto temporal do início da primeira revolução industrial (1760-1820/40) e da elevação do capitalismo a outro patamar, "como um ideal cuja existência estaria no passado"⁷¹. Não veem esse indivíduo, e com ele o indivíduo que produz no âmbito da nova forma social que se consolida, "como um resultado histórico", como parte do desenvolvimento histórico, "mas como ponto de partida da história".⁷² O consideravam "como um indivíduo conforme à natureza – dentro da representação que tinham de natureza humana –, que não se originou historicamente, mas foi posto como tal pela natureza".⁷³ Os tais "profetas" concebem o indivíduo inserido na nova forma social burguesa como a realização plena da evolução da natureza humana.

Em conformidade com André Guimarães Augusto, para a Economia Política e também para a Filosofia Política clássicas, é somente na ordem natural, "que corresponderia ao pleno exercício dos princípios da natureza humana", fincados no "*self-love*", isto é, no interesse próprio e no bem-estar, que se garante a liberdade para o exercício desses princípios. E dizem mais: que as instituições capazes de corresponderem a essa ordem natural são aquelas do capitalismo: o mercado e a democracia representativa. Desse modo, a História teria que ser vista "com o objetivo de identificar 'os obstáculos que impedem o curso natural do desenvolvimento', as coisas que impedem o progresso humano em direção à liberdade e à felicidade".⁷⁴

Na visão dos clássicos, os obstáculos que impedem o progresso humano em direção à liberdade do exercício do interesse próprio e em direção à felicidade de todos são inerentes aos sistemas pré-capitalistas. Nas palavras de André Guimarães, "a Economia Política identifica a ordem natural com a ordem burguesa". Assim Karl Marx escreveu no livro *A Miséria da Filosofia* (1847), citado por André: "Os economistas [clássicos, digo eu] têm procedimentos singulares. Para eles, só existem duas espécies de instituições, as artificiais e as naturais. As instituições da feudalidade [e de todas as instituições pré-capitalistas, digo eu] são artificiais, as da burguesia são naturais".

Diz Marx na *Introdução*: na "sociedade da livre concorrência", na sociedade capitalista, "o indivíduo aparece desprendido dos laços naturais que, em épocas históricas remotas [anteriores ao capitalismo, digo eu], fizeram dele um acessório de um conglomerado humano limitado e determinado".⁷⁵ Quanto mais se retrocede na História, continua o filósofo alemão, mais dependente de instituições sociais aparece o indivíduo e, portanto, também o indivíduo que produz: primeiramente, aparece como dependente da família, depois da tribo e, mais tarde, das diversas formas de comunidade resultantes

71 Não podemos deixar de lado também que, do ponto de vista intelectual, cultural, científico e filosófico, o século XVIII, é conhecido como *Século das Luzes* e *Ilustração*, ou *Iluminismo*. Esse movimento, que dominou o pensamento europeu entre 1715 e 1789, defendia ideias centradas na *razão*, na *liberdade do indivíduo*, no *progresso científico*, entre outros princípios, que também tiveram impacto na sociedade capitalista que se desenvolvia (Visto no site <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>, em 05.03.2024).

72 MARX, Karl Heinrich. *Grundrisse*. Op. cit., p. 39 e 40.

73 MARX, Karl Heinrich. *Para a Crítica da Economia Política*. Op. cit., p. 4.

74 AUGUSTO, André Guimarães. *Marx e as "robinsonadas" da Economia Política*. Revista Nova Economia v. 26 n. 1, 2016, p. 309. Disponível em <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2095#:~:text=Resumo%20Neste%20artigo%20%C3%A9%20resgatada%20a%20cr%C3%ADtica%20de%20imagem%20de%20Robinson%20Cruso%C3%A9%20em%20sua%20ilha>. Visto em 05.03.2024.

75 MARX, Karl Heinrich. *Para a Crítica da Economia Política*. Op. cit., p. 3.

dos conflitos e das fusões tribais.⁷⁶

Para os literatos burgueses, o indivíduo do século XVIII é naturalmente livre e independente. Concebem o indivíduo inserido na nova forma social, a sociedade burguesa, como a realização plena da evolução da natureza humana.

Contrapondo a essa noção, Marx pontua: não percebem que o "novo" indivíduo é "[...] produto, por um lado, da decomposição das formas feudais de sociedade⁷⁷ e, por outro, das novas forças de produção que se desenvolvem a partir do século XVI [...]", e que "[...] no século XVIII deu larguíssimos passos em direção à sua maturidade".⁷⁸ Portanto, produto de um processo histórico.

Karl Marx critica veementemente o ponto de partida da Economia Política que, na análise dos fenômenos sociais, absorve como sua "pedra fundamental" a ideia do "indivíduo isolado e sem determinações sociais, o indivíduo tal como é supostamente posto pela natureza", nas palavras de André Augusto Guimarães.⁷⁹ Nem histórico, nem social.

O autor de *O capital*, nos mostra que, em vez de partir dos indivíduos em sociedade, segundo um determinado grau de desenvolvimento histórico-social, os dois maiores teóricos da economia política capitalista, Adam Smith e David Ricardo, começam, em suas respectivas obras (*A riqueza das Nações* (1776) e *Princípios da economia política e tributação* (1817)), pelos indivíduos "singulares e isolados", representados nas figuras do "caçador" e do "pescador".⁸⁰ Karl Marx critica frontalmente análises sociais como essas, que têm como ponto de partida os indivíduos sem determinações sociais. Indivíduos que, segundo afirma, "pertencem às pobres ficções das *robinsonadas* do século XVIII" (grifo nosso), referindo-se diretamente ao romance *Robinson Crusóé* (1719), de Daniel Defoe.⁸¹ Para o nosso filósofo alemão, concepções

76 Idem, p. 4.

77 Formas sociais que vigoraram do início da *Idade Média* (Séc. V) até a afirmação dos *Estados modernos* (Séc. XV).

78 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 3.

79 AUGUSTO, André Guimarães. Op. cit., p. 302. Disponível em <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2095#:~:text=Resumo%20Neste%20artigo%20%C3%A9%20resgatada%20a%20cr%C3%ADtica%20de,na%20imagem%20de%20Robinson%20Crus%C3%A9%20em%20sua%20ilha>. Visto em 05.03.2024.

80 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 39 Nota 2.

81 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 3. Sobre o escritor e jornalista inglês Daniel Defoe (1660-1731) e também sobre o seu famoso livro, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_Defoe e https://pt.wikipedia.org/wiki/Robinson_Crusoe (sites consultados em 05.03.2024). De acordo com André G. Augusto, a expressão "robinsonadas" é utilizada por Marx para criticar o ponto de partida da Economia Política que leva em conta "o indivíduo isolado e sem determinações sociais, o indivíduo tal como é supostamente posto pela natureza, representado na imagem de Robinson Crusóé em sua ilha". Marx apreende as "robinsonadas" da Economia Política "como uma representação teórica ilusória de condições realmente existentes na sociedade capitalista". Conforme André Augusto, "A figuração do típico e o caráter alegórico de Robinson Crusóé se [sic] referem à concepção de homem da classe burguesa em ascensão: ativo, empreendedor e naturalmente livre, em que este último atributo consiste na ausência de determinações sociais. O isolamento na ilha é uma alegoria do isolamento do indivíduo como sua condição universal [em contraposição à ideia do 'homem como animal social' de Aristóteles, digo eu]". Cabe mencionar, ainda, que a ideia do "homem isolado", "sem determinações sociais", não surge da Economia Política, aparece primeiramente na filosofia política dos contratualistas [Thomas Hobbes](#) (1588-1679) e [John Locke](#) (1632-1704). Os contratualistas defendiam a forma conceitual de um indivíduo isolado como mecanismo para romper com o pressuposto do bem comum (pressuposto da análise de Aristóteles). Sendo absorvidas pela Economia Política, essas duas noções convertem-se "em sua pedra fundamental". Inclusive, ainda na página referenciada, André Guimarães vê que o personagem Robinson Crusóé representa na literatura um

que levam em consideração o indivíduo "*a priori*, antes da sociedade, isolado, atomístico, como uma mônada, fora da sociedade", autônomo, independente, autossuficiente, são "robinsonadas" que escondem relações sociais explicativas dos próprios indivíduos, informa o professor Eduardo Chagas.⁸² Aliás, quando se viu náufrago na ilha, Robinson Crusóe já era um homem da civilização e já trazia consigo relações sociais vividas e passadas, cujas determinações lançou mão para sobreviver.⁸³

Como afirma Marx, "Essa ilusão [do indivíduo isolado, independente, autossuficiente, posto como tal pela natureza, digo eu] tem sido partilhada por todas as novas épocas, até o presente [no caso, o século XIX, digo eu]",⁸⁴ mas que ainda encontra forte aderência nos dias atuais. Nesse contexto, André Guimarães Augusto assenta que a hoje chamada Ciência Econômica, ou, simplesmente, Economia, que substituiu a Economia Política na condição de ciência da economia⁸⁵, se tornou "a cidadela da concepção do homem isolado, livre de determinações sociais" e, assim, a-histórico. Por isso não consideram algo fundamental: que na nova forma social que se apresenta, a forma social capitalista, esse indivíduo está sujeito a um outro modelo de sujeição social, dependência e determinação: **o modelo de sujeição ao mercado e ao capital.**⁸⁶

Neste ponto, antes que o leitor possa deduzir que Marx não dá importância ao indivíduo teórica e eticamente ou o desconheça, como recorrentemente buscam desqualificar os seus críticos, e até mesmo alguns de seus intérpretes marxistas, apesar de não ser um assunto da *Introdução*, adiantamos, na companhia de André Guimarães, que a crítica marxiana às "robinsonadas" da Economia Política não significa que despreze o indivíduo e a individualidade.⁸⁷

Segundo Eduardo Chagas, "Para Marx, o indivíduo é, em primeira instância, um ser real, natural vivente, um ser orgânico, possuidor não só de necessidades naturais, mas também de potencialidades capazes de autofabricar o próprio [sic] indivíduo, de produzir as condições de sua própria vida material, os meios para satisfazer as suas necessidades vitais". Todavia, na filosofia do nosso alemão, prossegue Eduardo, o indivíduo também é produto e obra da sociedade. Em Marx, "o indivíduo é um ser social-consciente, que transcende o estreito limite de sua constituição natural, biológica, pois ele não possui uma natureza inata, fixa, imutável, que se encontra completamente pronta em sua estrutura genética, orgânica, dada imediatamente, mas que se autocria, se autoforma,

"modo de expressão da burguesia ascendente e suas antecipações sob forma ficcional da concepção de natureza humana contida na Economia" (in AUGUSTO, André Guimarães. Op. cit., p. 301, 302 e 304. Disponível em <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2095#:~:text=Resumo%20Neste%20artigo%20%C3%A9%20resgatada%20a%20cr%C3%ADtica%20de.na%20imagem%20de%20Robinson%20Cruso%C3%A9%20em%20sua%20ilha>. Visto em 05.03.2024).

82 CHAGAS, Eduardo F. **O indivíduo na teoria de Marx**. Revista Dialectus. Ano I, nº 2, 2013, p. 10. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/dialectus/issue/view/356/326>. Visto em 05.03.2024.

83 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 40.

84 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 4.

85 Reveja ^[Nota 33].

86 AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as "robinsonadas" da Economia Política**. Op. cit., p. 302. Disponível em <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2095#:~:text=Resumo%20Neste%20artigo%20%C3%A9%20resgatada%20a%20cr%C3%ADtica%20de.na%20imagem%20de%20Robinson%20Cruso%C3%A9%20em%20sua%20ilha>. Visto em 05.03.2024.

87 Idem, p. 319 e 320.

através de seu trabalho [no sentido geral de atividade produtiva e criativa, remunerada ou não, digo eu]”.⁸⁸ Não à toa, Marx é frequentemente tido como o filósofo da emancipação humana.⁸⁹

Voltemos à *Introdução à crítica da economia política*. Observamos, com André Augusto, que as relações de dependência pessoal constituem-se "nas primeiras formas de desenvolvimento – limitado – da produtividade". Para funcionar os sistemas pré-capitalistas precisavam de relações pessoais de dependência, de subordinação pessoal etc.⁹⁰ Era preciso colaborar com o todo social sob pena de não haver sobrevivência.

No capitalismo a situação se inverte e a sociedade passa a existir para atender os fins dos proprietários privados de capital. Foi exatamente no século XVIII, quando da consolidação da sociedade burguesa, que as diferentes formas do conjunto social passaram a apresentar-se ao indivíduo como um simples meio de realizar seus objetivos particulares, como necessidade exterior.⁹¹ A propriedade privada, então, "torna-se superior à existência social coletiva", diz Fábio Maia Sobral. Perde-se a natureza coletiva da sociedade e a coletividade passa a servir os proprietários privados do capital, os proprietários dos meios de produção.⁹²

Karl Marx dispõe na *Introdução* que o século XVIII, época que dá origem ao ponto de vista do "indivíduo isolado", é precisamente o momento "em que as relações sociais [...] atingiram o seu máximo desenvolvimento [haja vista a divisão social do trabalho como imprescindível à nova ordem econômica e social, digo eu]. O homem é, no sentido mais literal, um *dzôon politikhón* ["animal político", ou social, de Aristóteles, digo eu em tradução livre], não só um animal sociável, mas um animal que só em sociedade pode isolar-se". Marx prossegue: "A produção realizada à margem da sociedade pelo indivíduo isolado – fato excepcional que pode muito bem acontecer a um homem

88 CHAGAS, Eduardo F. Op. cit., p. 19-12. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/dialectus/issue/view/356/326>. Visto em 05.03.2024. Acerca dos vocábulos *indivíduo* e *individualidade*, citados nos parágrafos em nota, que não são sinônimos, veja o texto de Eduardo Chagas em referência. Um pouco mais da questão do *indivíduo* em Marx tratamos no [Folheto nº 13](#) (Parte VI – Conclusão. Capítulo 28 "O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista") do já mencionado Artigo Expositivo I – *Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx*, publicado na *Seção Principal* deste Blog.

89 SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: alguns apontamentos**. Revista Eletrônica Arma da Crítica, Número 4/Dezembro 2012. Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23145/1/2012_art_omsouzaa.pdf. Consultado em 05.03.2024.

90 AUGUSTO, André Guimarães. Op. cit., p. 312 e 313. Não esqueçamos que a propriedade era tida como algo pertencente a uma comunidade e marcada primordialmente pelos laços sanguíneos. André Augusto, citando o historiador francês [Marc Léopold Benjamin Bloch](#) (1886-1944), dispõe: "Aqui as relações reais colocavam os indivíduos como membros de um vasto grupo familiar para além das questões de cunho meramente econômico, uma vez que os parentes serviam de apoio e até mesmo de juiz em questões de disputas, bem como toda a linhagem era culpada de um crime: 'De tal modo o indivíduo e o grupo pareciam inseparáveis'". Mais à frente, apesar de as relações de dependência e subordinação no regime feudal, por exemplo, irem além do grupo familiar, "o 'elemento fundamental comum' das relações feudais era 'a subordinação de indivíduo a indivíduo'", acrescenta André Augusto ancorado em Marc Bloch: "em vez do homem independente, encontramos aqui todos dependentes – servos e senhores feudais, vassalos e suseranos, leigos e clérigos. A dependência pessoal caracteriza tanto as condições sociais da produção material quanto as esferas de vida estruturadas sobre ela". Alias, na produção corporativa artesanal urbana medieval também uma relação patriarcal de dependência se estabelecia entre mestres, oficiais e aprendizes (Idem, p. 313).

91 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 172.

92 SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 60. Acessível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>. Visto em 06.03.2024.

civilizado, transportado por acaso para um lugar deserto, mas já levando consigo em potência as forças próprias da sociedade [o que é o caso do personagem Robinson Crusóé, digo eu] – é uma coisa tão absurda como o seria o desenvolvimento da linguagem sem a presença de indivíduos vivendo e falando *em conjunto*" (grifo do autor).⁹³

Por tudo isso, reportando-nos ao início deste item 1, no arcabouço teórico metodológico marxiano sempre que se fala de produção está-se falando de produção em um estágio determinado de desenvolvimento social. Está-se referindo à "produção de indivíduos sociais", de indivíduos vivendo em sociedade.⁹⁴

Nesse sentido, segundo o autor d'*O capital*, pode até parecer que para falar em produção em geral se faz necessário "ou seguir o processo histórico do seu desenvolvimento nas suas diversas fases, ou declarar antes de mais nada que iremos ocupar-nos de uma época histórica determinada, por exemplo, da produção burguesa moderna que é, de fato, o nosso verdadeiro tema".⁹⁵

Para o nosso alemão-prussiano, todas as épocas da produção possuem certas características/determinações em comum. Porém, diz ele, "*A produção em geral* é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum [os traços comuns a todas as épocas, digo eu] [...]" (grifo do autor).⁹⁶

Não obstante, o caráter geral (universal), ou o elemento comum da produção em diferentes épocas, "[...] é ele próprio um conjunto complexo, um conjunto de determinações diferentes e divergentes". Algumas características pertencem a todas as épocas, outras são comuns apenas a umas poucas, e algumas são comuns tanto à época mais recente como àquela mais antiga. De todo modo, sem estas características comuns "não se poderia conceber nenhuma produção [...]", pois, se a produção mais desenvolvida tem leis e determinações comuns àquela menos desenvolvida, o que constitui o desenvolvimento da primeira é o que a diferencia desses elementos gerais e comuns.⁹⁷

Além do mais, prossegue o autor de *Introdução*, "é importante distinguir [e isolar corretamente, digo eu] as determinações que valem para a produção em geral, a fim de que a unidade [o algo em comum, digo eu] [...] não nos faça esquecer a diferença essencial". Aliás, frisa Karl Marx, o esquecimento da diferença essencial entre a produção de cada época "é o responsável por toda a sapiência dos economistas modernos que pretendem provar a eternidade e a harmonia das relações sociais atualmente existentes", visto que, para aqueles, as relações sociais burguesas realizam a natureza humana.⁹⁸

Em seu escrito, Marx apresenta uma reflexão exemplificativa para a questão posta. Sabe-se que não há produção possível sem um instrumento de produção, "mesmo sendo este instrumento apenas a mão". Igualmente, não há produção possível "sem trabalho passado, acumulado [objetivado em algo, digo eu], mesmo sendo este

93 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 172.

94 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 41.

95 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 172 e 173.

96 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 41.

97 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 4.

98 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 173.

trabalho apenas a destreza [habilidade, digo eu] acumulada e concentrada na mão do selvagem pelo exercício repetido". Logo, o gênero instrumento de produção e trabalho acumulado são comuns à produção em geral.⁹⁹

O mesmo raciocínio Marx aplica para a relação dinheiro (que existiu nos primórdios na forma de sal, gado, ouro etc.) e capital (que, conforme vimos na Nota do Editor, não é uma coisa em si mesma, mas uma relação social entre o proprietário dos meios de produção (o capitalista) e o proprietário da força de trabalho (o trabalhador assalariado)). Com a transformação do dinheiro em capital, a ação deste último sobre o instrumento de produção e sobre o trabalho acumulado, com vistas a obtenção, por parte do proprietário do capital, de um valor que se amplia crescentemente sob a forma de extração de mais-valia ou mais-valor, faz deles também capital, pois os utiliza para a consecução de seu objetivo e finalidade, o lucro crescente¹⁰⁰.

O algo comum, a determinação geral representada no instrumento de produção e no trabalho acumulado em si, sob a ação do capital deixa de ser uma determinação comum da produção em geral e passa a ser uma determinação específica de um modo de produção singular, datado historicamente, o modo capitalista de produção. O instrumento de produção e o trabalho acumulado, deixando de fora justamente o específico (a ação do capital), fazem parte da relação de produção natural, universal e eterna, pois em todas as épocas a produção em geral não pode prescindir deles.

Karl Marx ressalta que deve ser considerada nas condições gerais de toda produção os momentos essenciais sem os quais a produção não seria possível, bem assim as condições que, em maior ou menor grau, fomentam a produção.¹⁰¹

Entretanto, para o autor da *Introdução*, o que mais efetivamente preocupa os economistas clássicos não é simplesmente apresentar a produção como submetida a leis gerais de criação da vida material. No fundo, a concepção dos clássicos em torno da produção tem um propósito maior: o de apresentar **a produção em oposição à distribuição**, ou seja, de apresentar a produção de bens e serviços em contraste com a repartição da produção social: "Trata-se de preferência, [...]", afirma o autor, "de apresentar a produção, em oposição à distribuição, etc., [de apresentar a produção, digo eu] como que fechada em leis naturais [como que regida por leis naturais, digo eu mais uma vez], eternas, independentes da história, aproveitando a ocasião para insinuar sub-repticiamente que as relações [de produção, digo eu] *burguesas* são leis naturais imutáveis da sociedade concebida *in abstracto*" (grifo do autor).

Segundo Karl Marx, essa é a finalidade "mais ou menos" consciente de todo o procedimento. Na distribuição, ao contrário do que pregavam os literatos burgueses em relação à produção, os homens permitir-se-iam agir, de fato,

99 MARX, Karl Heinrich. *Grundrisse*. Op. cit., p. 41.

100 Da transformação do dinheiro em capital e do capital como categoria fundante do modo de produção capitalista, tratamos inicialmente no [Folheto nº 07](#) ("Parte III – A seção sobre o processo de produção [do capital]") do Artigo Expositivo I – *Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx*, sobre o livro homônimo de Roman Rosdolsky, disponível na *Seção Principal* deste Blog.

101 MARX, Karl Heinrich. *Grundrisse*. Op. cit., p. 42.

com toda gama de arbitrariedade.¹⁰²

Considerando a produção e distribuição, e, por consequência, a relação efetiva entre ambas, sem separação e sem ruptura, pode-se ver, no alerta de Marx, que, distintamente do processo de produção, a distribuição da produção social é determinada por leis sociais e, por isso, não naturais, vinculadas ao lugar ou posição que determinada classe de indivíduos produtores ocupa na sociedade: "Por exemplo, o escravo, o servo e o trabalhador assalariado, todos recebem uma certa quantidade de alimentos que os permitem existir como escravos, servos e trabalhadores assalariados. O conquistador, que vive do tributo, ou o funcionário, que vive do imposto, ou o proprietário fundiário, que vive da renda, o monge, que vive da esmola [...], todos recebem uma cota da produção social determinada por leis diferentes das que determinam a cota dos escravos etc."¹⁰³

Ora, exclama Marx, "[...] por mais que possa ser diversa a distribuição em diferentes graus de sociedade [nos diferentes graus de ocupação dos indivíduos divididos por classes, digo eu], deve ser possível também nesse caso, assim como o foi para a produção [no caso da "mão" como instrumento de produção e da "destreza" no caso do trabalho acumulado, citados anteriormente, digo eu], destacar as determinações em comum e, da mesma forma, confundir ou extinguir todas as diferenças históricas em leis *humanas gerais*" (grifo do autor).

Por que diferenciam as determinações que incidem na esfera da produção das que incidem na distribuição? Conforme nosso autor, os economistas burgueses procedem colocando dois pontos fundamentais sob a rubrica da distribuição: a propriedade e sua proteção por intermédio do direito, da justiça, da polícia etc.¹⁰⁴

Referindo-se ao primeiro ponto, a propriedade, Karl Marx escreveu: "Toda [e qualquer, digo eu] produção é apropriação da natureza pelo indivíduo, no interior e por meio de uma determinada forma de sociedade". Por isso, "é tautologia [redundância, digo eu] dizer que a propriedade (apropriação) é uma condição da produção".¹⁰⁵

Porém, pior do que dizer que a propriedade dos meios de produção é uma condição da produção, pois se trata somente de redundância, é reduzir a propriedade à condição de propriedade privada: "Mas é ridículo saltar daí a uma forma determinada da propriedade, a propriedade privada, por exemplo (o que, além disso, pressupõe uma forma antitética, a *não-propriedade* [privada, digo eu], como condição [para a não produção, acrescentamos]" (grifo do autor). O que falar da propriedade comum dos meios de produção entre os hindus, eslavos, antigos celtas etc., conforme enumera Marx, como a forma primitiva de apropriação que historicamente desempenhou durante muito tempo importante papel sob a figura da propriedade comunal?! Esses povos não produziam?

Até se poderia colocar a questão de se a riqueza se desenvolveria melhor sob a forma privada de propriedade dos meios de produção ou sob a forma comunal, ou, ainda

102 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 174.

103 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 43.

104 Mais uma vez chamamos a atenção para o fato de que a propriedade tratada por Marx é a propriedade dos meios de produção e não a propriedade de bens pessoais, conforme abordado na Nota do Editor.

105 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 6.

sob uma outra forma de propriedade, diz Marx inicialmente para em seguida ponderar: uma coisa é se discutir tal questão, outra coisa é dizer "que a produção e, por conseguinte, a sociedade são impossíveis onde não existe qualquer forma de propriedade [...]", visto que, como propriedade, os economistas burgueses só consideram a propriedade privada.¹⁰⁶

Passando para o segundo ponto, proteção da propriedade privada dos meios de produção, Karl Marx de pronto já anuncia que "toda forma de produção forja suas próprias relações jurídicas, forma de governo etc.". Essa conexão é orgânica, afirma ele. Com a propriedade comunal ou com qualquer outra forma de propriedade, também não é diferente. Ocorre que os economistas têm em mente apenas a produção burguesa, "têm em mente apenas que se produz melhor com a polícia moderna do que, por exemplo, com o direito do mais forte. Só esquecem que o direito do mais forte também é um direito, e que o direito do mais forte subsiste sob outra forma em seu 'estado de direito'".

No sentido do exposto, como esfera apartada da produção, a proporção da distribuição da produção social, determinada por leis sociais e não naturais, estaria condicionada à propriedade ou não dos meios de produção. Como consequência e reflexo disso, a distribuição estaria vinculada ao lugar (posição) que o indivíduo, enquanto membro de determinada classe social, ocupa em dada sociedade. A propriedade privada dos meios de produção determinaria, direta e indiretamente, por intermédio de leis não naturais, a repartição da cota-parte da produção social entre os indivíduos produtores. Por isso, a economia política diferencia as determinações da produção e da distribuição.

Para sintetizar o que disse acerca da produção em geral, Karl Marx anotou: "para todos os estágios da produção há determinações comuns que são fixadas pelo pensamento como determinações universais [gerais, digo eu]; mas as assim chamadas *condições universais* de toda a produção nada mais são do que esses momentos abstratos, com os quais nenhum estágio histórico efetivo [ou específico, digo eu] da produção pode ser compreendido [ou com os quais não se explica nenhum grau histórico efetivo da produção, digo eu novamente]" (grifo do autor).¹⁰⁷

De acordo com Fábio Maia Sobral, "Marx procura interligar as relações sociais, demonstrando que as mudanças entre as épocas históricas mudam também as relações de produção". No entanto, diz Sobral, "Para a concepção dominante [sic] no capitalismo só haveria **evolução** das formas de produção, uma evolução rumo à perfeição, um desenvolvimento **natural** e **racional** promovido para eliminar as distorções e limites das sociedades anteriores. Tudo isto apresentaria a produção burguesa como o estágio final da evolução humana [...]" (grifo nosso). Todavia, a concepção burguesa liberta-se do domínio da natureza, mas cai numa nova dominação, a dominação universal do capital e do mercado.¹⁰⁸

Com vistas a encerrar este item e passarmos para o seguinte, é de se destacar

106 MARX, Karl Heinrich. *Grundrisse*. Op. cit., p. 43.

107 Idem, p. 43.

108 SOBRAL, Fábio M. Op. cit., p. 62 e 59. Acessível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>. Visto em 06.03.2024.

a base metodológica utilizada por Marx na construção teórica exposta e, ao mesmo tempo, na desconstrução do pensamento e método dos economistas burgueses do século XVIII: o **método materialista histórico**.

2) A relação geral da produção com a distribuição, troca e consumo

No item 1 expusemos a análise da produção em geral, onde Karl Marx dirigiu sua investigação, de acordo com o professor Fábio Maia Sobral, para as diversas fases históricas da produção em geral, com vistas, a partir daí, a desvelar a condição de resultado histórico da sociedade vigente, a sociedade capitalista. Este caminho passou pela desconstrução da ideia dos economistas políticos clássicos sobre a naturalidade dos princípios que regem a produção e, por conseguinte, do ponto de vista de que a sociedade burguesa é o resultado do processo de evolução da natureza humana, o que lhes permitia afirmar a eternidade do capitalismo.¹⁰⁹

Continuando a cuidar do objeto da Economia Política – a produção –, a segunda parte da *Introdução*, operando uma transição da abordagem dos pressupostos da produção em geral para a análise direta da produção na sociedade capitalista, trata das **relações da produção com as demais esferas da atividade econômica – distribuição, troca (circulação) e consumo**.

Mais uma vez se contrapondo ao entendimento dos clássicos, Karl Marx concebe tais relações como **relações dialéticas**. Conforme Fábio Sobral, "[...] Uma dialética em movimento, construída na análise das categorias da formação social capitalista". Uma concepção dialética não abstrata, não geral, válida para um tempo e lugar determinados, a partir da qual Marx demonstrará os fundamentos, os princípios, as leis e respectivas contradições do modo de produção vigente, ou seja, da **totalidade das estruturas sociais capitalistas**.¹¹⁰

Uma dialética que permitirá compreender por que se deve buscar a transformação do conjunto das estruturas sociais e não apenas alterar essa ou aquela esfera da atividade econômica, como desejavam os socialistas "utópicos", quando pretendiam modificar somente a esfera da distribuição, numa intervenção meramente reformista¹¹¹.

Acerca da relação da produção com a distribuição, troca e consumo, assunto deste item 2, Marx descreve o que estabelecem os economistas burgueses: na produção, esfera da atividade econômica onde se cria os objetos correspondentes às necessidades humanas, estágio onde os indivíduos apropriam-se dos produtos da natureza (lhes dão forma) para satisfazer as necessidades, segue-se às leis naturais gerais

109 Idem, p. 58 e 59.

110 Ibidem, p. 63, 66 e 67.

111 No âmbito da esquerda socialista da época havia um grande embate teórico, político e ideológico de Marx e Engels com os chamados **socialistas "utópicos"**, sobretudo franceses, acusados de *reformistas*, representados pelo filósofo **Pierre-Joseph Proudhon** (1809-1865). No **Folheto nº 03** do Artigo Expositivo I – *Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx*, estampamos a crítica marxiana à elaboração de Proudhon da "Teoria do dinheiro-trabalho", à qual Marx se opunha ferozmente, principalmente quanto aos efeitos negativos que, segundo ele, a teoria poderia produzir na formação política da classe trabalhadora e na ascensão do movimento operário europeu.

e universais; na distribuição, esfera da repartição da produção social, a determinação da proporção dos produtos que cabe aos indivíduos é feita de acordo com leis sociais; na troca, onde o indivíduo é provido singularmente dos produtos nos quais deseja converter a cota-parte que lhe coube na distribuição social, observa-se a necessidade e capacidade individual de aquisição; no consumo, por fim, onde os produtos se tornam objetos de desfrute por parte do indivíduo, isto é, esfera onde o produto desaparece do movimento social e se converte diretamente em objeto a serviço da necessidade individual, satisfazendo-a no desfrute, tem-se o reino da liberdade individual contingente.¹¹²

Sobre o esquema descrito, Karl Marx escreveu: enquanto a produção surge como "o ponto de partida" e o consumo aparece como "o ponto final" da atividade econômica, a distribuição e a troca apresentam-se como "o meio-termo", o qual é "dúplice", já que a distribuição é o momento determinado pela sociedade e a troca é o momento determinado pelos indivíduos na busca da satisfação das respectivas necessidades. Na produção, há objetivação da pessoa, quer dizer, seu trabalho se objetiva na coisa produzida. No consumo, a coisa se subjetiva na pessoa ao satisfazer seu desejo particular. Na distribuição, sob a forma de determinações gerais dominantes que especificam como se dá a repartição da produção, a sociedade se encarrega da mediação entre a produção e o consumo. Na troca, por fim, a mediação entre a produção e o consumo realiza-se pelo indivíduo determinado contingencialmente.

Segundo os economistas burgueses, continua Marx em seu texto introdutório, produção, distribuição, troca e consumo formam assim um silogismo (quando a conclusão é corretamente deduzida das premissas postas): a produção constitui o geral, o universal, visto ser determinada por leis naturais gerais e universais; a distribuição e a troca compreendem o particular, sendo que a primeira é determinada pela "contingência social", podendo, pois, influir sobre a produção de maneira "mais ou menos estimulante", e a segunda se coloca como "movimento social de caráter formal".¹¹³ Já o consumo – "onde o todo [o conjunto das demais esferas da atividade econômica, digo eu] se unifica" (o singular para o qual tende o conjunto) – é o resultado e também a própria finalidade da produção, encontrando-se propriamente "fora da economia". O consumo configura-se como um fator externo à produção, distribuição e troca, salvo quando "retroage" ao ponto de partida (produção), a exemplo do consumo de matéria-prima e/ou de instrumentos de produção, fazendo com que todo o processo se repita.¹¹⁴

Na lógica dos economistas políticos descrita, existe "sem dúvida" um "encadeamento", enuncia nosso autor. Porém, um encadeamento "superficial" e altamente questionável, acusa Marx, pois ali só as esferas da distribuição e da troca poderiam ser modificáveis; a produção (por ser geral) e o consumo (por localizar-se na esfera das decisões individuais) seriam imutáveis.¹¹⁵ No texto introdutório como um todo, percebe-se

112 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 44. Quanto à expressão do final do parágrafo, relativa à esfera do consumo, "reino da liberdade individual contingente", referimo-nos à liberdade de agir na qual, mesmo existindo influências externas e internas, o indivíduo sempre possuía capacidade de escolha.

113 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 177.

114 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 44 e 45.

115 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 7.

claramente a oposição de Marx a essa visão. Da *Introdução à crítica da economia política* extrai-se a noção de que tanto a produção quanto o consumo são esferas dinâmicas e interdependentes, e que, por isso, são influenciadas pelo todo.

Partindo desse ponto, Karl Marx começa a análise de cada par das categorias econômicas: produção-consumo, produção-distribuição e troca-produção, fazendo entrar em cena o raciocínio dialético no lugar do raciocínio lógico formal dos economistas clássicos¹¹⁶.

Antes de reproduzir a análise marxiana, vamos adiantar um pouco do método de Marx, que, no item 2 da *Introdução*, aqui reproduzido, é aplicado na interação da produção com as demais esferas da atividade produtiva, mas que foi teorizado e sistematizado no item 3, objeto do nosso Folheto nº 02: **a lógica dialética das relações entre as categorias econômicas**.

Grosso modo, considerando que a realidade é composta por contradições, por elementos opostos que se complementam e se transformam, a lógica dialética é uma abordagem filosófica que busca compreender a realidade por meio do exame das contradições e dos conflitos presentes nela. Lida com a complexidade e ambiguidade que reconhece nos fenômenos: **unidade** e **dissociação** ao mesmo tempo. Compreende relações não estáticas entre dois ou mais termos que se influenciam mutuamente, que se transformam ao longo do tempo – embora sejam contraditórios entre si –, e que fazem parte de uma **totalidade**.¹¹⁷

Enquanto a lógica formal separa o sujeito do objeto, tratando-os como entidades independentes, a lógica dialética reconhece que o sujeito e o objeto estão em constante interação e que a compreensão da realidade depende dessa interação. Enquanto a lógica formal busca estabelecer relações de causa e efeito claras e definidas, a lógica dialética reconhece que as relações são mais complexas e que os fenômenos podem ter

116 O raciocínio lógico formal consiste na elaboração de regras que regem a validade dos argumentos, independentemente do conteúdo específico das proposições envolvidas. "Em outras palavras, a lógica formal se preocupa com a estrutura interna dos argumentos, analisando a relação entre premissas e conclusões. Um exemplo simples de aplicação da lógica formal é o silogismo, um tipo de argumento que consiste em duas premissas e uma conclusão. Por exemplo: 'Todos os seres humanos são mortais (premissa 1), Sócrates é um ser humano (premissa 2), Portanto, Sócrates é mortal (conclusão)'. Nesse caso, a validade do argumento depende da estrutura lógica das premissas, independentemente do conteúdo específico" (Disponível em https://maestrovirtuale.com/logica-formal-objeto-de-estudo-caracteristicas-e-exemplos/?expand_article=1. Consultado em 06.03.2024)

117 Disponível em <https://www.soescola.com/glossario/o-que-e-logica-dialetica-na-filosofia>. Visto em 06.03.2024. Chamamos a atenção para o termo *totalidade* mencionado no parágrafo em nota. Trata-se de uma categoria filosófica central do método dialético marxiano. De acordo com o filósofo marxista soviético [Evald Vasiliévich Ilienkóv](#) (1924-1979), discorrendo sobre a definição de Marx do *concreto* como a "unidade da diversidade", aponta que nosso alemão aproxima essa concepção do concreto com o conceito de *integridade* ou *totalidade* (um conceito hegeliano). Nesse sentido, para Karl Marx, segundo a compreensão de Evald, a *totalidade* então seria a caracterização do objeto "[...] como um todo integral unificado em todas suas diversas manifestações, como um 'sistema orgânico' de fenômenos mutuamente condicionados em contradição a uma concepção metafísica dele como um aglomerado mecânico de partes constituintes imutáveis que são vinculados um ao outro somente externamente, mais ou menos de forma acidental" (in ILIENKOV, Evald Vasiliévich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilienkov/1960/dialetica/03.htm>. Consultado em 06.03.2024). Mais sobre essa categoria fundamental no método dialético marxiano, veja o artigo de Edmilson Carvalho, **A totalidade como categoria central da dialética marxista**. Revista Outubro, nº 15, 2007. Disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-15-Artigo-06.pdf>. Consultado em 06.03.2024.

múltiplas causas e efeitos. A dialética traz em si o desafio de solucionar as contradições e conflitos reconhecendo a possibilidade de superá-los.

Passamos então à análise contida na *Introdução à crítica da economia política* quanto à relação dialética da produção com o consumo, distribuição e troca.¹¹⁸

2.a) *Produção e Consumo*

Em Karl Marx, a produção e o consumo não são esferas da atividade econômica separadas. Pelo contrário, o entrelaçamento entre produção e consumo forma uma relação complexa e interdependente. Essencialmente, a produção em si já é um ato de consumo. Portanto, **entre a produção e o consumo há identidade imediata** – a produção é imediatamente consumo e o consumo é imediatamente produção.

Eis o que ensina nosso filósofo alemão-prussiano: "A produção é também imediatamente consumo. Consumo duplo, subjetivo e objetivo". O próprio ato da produção pressupõe o consumo objetivo (consumo de meios de produção) e o subjetivo (consumo da força de trabalho). O que significa dizer que há identidade imediata entre produção e consumo. "Mas isso os economistas [burgueses, digo eu] reconhecem", admite o autor da *Introdução à crítica da economia política*.¹¹⁹

O indivíduo que, ao produzir, desenvolve suas capacidades também as consome no mesmo ato de produção (consumo subjetivo, consumo do seu próprio trabalho), "exatamente como a procriação natural é um consumo de forças vitais".¹²⁰ Mas, produzir é também consumir os instrumentos de produção e a matéria-prima (ambos consumo objetivo, consumo de meios de produção). Logo, "[...] O próprio ato de produção é, pois, em todos os seus momentos, também ato de consumo".¹²¹

Na *Introdução*, vemos que, apesar de os economistas liberais burgueses admitirem certa identidade entre produção e consumo, em regra separam o momento do consumo e o da produção ao distinguirem o que denominam de consumo produtivo (o consumo com vistas a produzir algo) do consumo propriamente dito ou consumo final (o consumo para o desfrute e satisfação das necessidades individuais).

Para os economistas clássicos, segundo Karl Marx, o consumo propriamente dito ou consumo final é "concebido como antítese destrutora da produção". Esses economistas só admitem a identidade entre produção e consumo no consumo produtivo. Fora dele, por considerarem o consumo final como um fator externo à produção, concebem o consumo propriamente dito como destruidor da produção. Portanto, não admitem identidade imediata entre a produção e o consumo final.

A fim de discorrer sobre o "par dialético"¹²² produção-consumo, Marx se volta

118 A sub-divisão adotada na sequência deste texto segue a prescrita na edição de *Para a Crítica da Economia Política*, da Editora Abril Cultural, Coleção Os Economistas, de 1982.

119 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 7 e 8.

120 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 45.

121 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 8.

122 Expressão tomada de Fábio Sobral para designar cada relação dialética específica que se dá entre as esferas da atividade produtiva (in SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 67. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela>

primeiro para o lado do consumo. Dedicando-se à divergência, ele vai tratar do consumo propriamente dito ou consumo final. Em direção contrária ao que dispõem os economistas burgueses, o nosso autor reafirma que, seja no caso de consumo produtivo, seja no caso de consumo final, entre consumo e produção há identidade imediata: "**O consumo é também imediatamente produção**" (grifo nosso). Para exemplificar, o teórico alemão vai até a natureza para dizer que o consumo dos elementos e das substâncias químicas é produção da planta; assim como ao se alimentar, um tipo de consumo, o homem produz seu próprio corpo. Esse processo Marx denomina de "produção consumidora".

Sob a ótica do materialismo dialético, em relação ao par produção-consumo, Karl Marx assinala: "Cada qual é imediatamente seu contrário. Mas, ao mesmo tempo, opera-se um movimento mediador entre ambos [que os aproxima, digo eu]". Como explicar tal raciocínio que separa e une ao mesmo tempo duas categorias?

No texto introdutório em comentário, o filósofo alemão-prussiano distingue produção potencial de produção efetiva: "A produção é mediadora do consumo, cujos materiais cria e sem os quais [o consumo, digo eu] não teria objeto. Mas o consumo é também mediador da produção ao criar para os produtos o sujeito, para o qual são produtos [ou, dizendo de outro modo, para quem os produtos se destinam]. O produto recebe seu acabamento final no consumo. Uma estrada de ferro em que não se viaja e que, por conseguinte, não se gasta, não se consome, não é mais que uma estrada de ferro *dynamei* [em potência, digo eu em tradução livre], e não é efetiva [não é útil, digo eu novamente]. [Portanto, digo eu mais uma vez] **Sem produção não há consumo, mas sem consumo tampouco há produção**" (grifo nosso).

Na dialética marxiana, o consumo se transforma em produção duplamente:

1º) **Somente por meio do consumo o produto se torna realmente (efetivamente) produto** (uma estrada de ferro em funcionamento, uma casa habitada etc.). Não sendo consumido, o produto é produto em potência. Só se torna produto efetivo pelo consumo.¹²³ Isso se dá porque o produto além de ser produção enquanto "atividade objetivada", enquanto resultado da transformação dos meios de produção e do trabalho em uma coisa, é também produção quando é "objeto para o sujeito ativo", quando é consumido no final da cadeia produtiva.¹²⁴ Assim, o consumo "produz" a produção;

2º) **O consumo cria a necessidade de uma nova produção** (visto que a necessidade é infinita e o produto finito). Em consequência, a necessidade é o fundamento ideal (a razão) da produção, sua condição prévia, seu impulso. O consumo que cria a necessidade também cria idealmente o objeto (de satisfação daquela necessidade) que, atuando sobre a produção, determina a finalidade desta que, por sua vez, se exterioriza na oferta do objeto do consumo em sua forma real. Inexistindo

[%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q](#). Consultado em 06.03.2024).

123 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 178.

124 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 8.

necessidade não há produção, sem o consumo não se reproduz (realiza) a necessidade. O consumo engendra a vocação ou disposição do produtor, requisitando-lhe a finalidade da produção a partir de uma necessidade que a determina.¹²⁵

Indo agora para o lado da produção, é certo que esta também se transforma em consumo em três situações, afirma Marx:

1º) **Quando fornece o objeto (a matéria) do consumo**, portanto, sob este aspecto, cria (gera) o consumo;

2º) **Quando dá ao consumo o seu aspecto determinado, o seu caráter, o seu acabamento, a sua determinabilidade** – quando cria uma forma específica de se consumir;

3º) **Quando a produção também cria no consumidor a necessidade do produto, o impulso ou instinto do consumo.**

Vimos, do lado do consumo, que este deu ao produto sua determinabilidade como produto. Agora, do lado da produção, observamos, no primeiro e segundo casos, que a produção dá a determinabilidade do consumo.

Como o objeto entregue pela produção ao consumo não é um objeto em geral, mas específico, a produção não só determina o objeto do consumo (determinação "objetiva"), como assentado no primeiro caso, mas também determina o modo específico do consumo (determinação "subjetiva"), como podemos observar no segundo caso. Ou seja, a produção determina que aquele objeto singular deve ser consumido de uma certa maneira, maneira esta mediada pela própria produção. Logo, nessa segunda situação, a produção cria o modo de consumo.

Marx ilustra a segunda hipótese: "A fome é a fome [logo, uma necessidade natural, digo eu], mas a fome que se satisfaz (se sacia) com carne cozida, comida com faca e garfo, não é fome que come a carne crua servindo-se das mãos, das unhas, dos dentes". Esta é uma fome muito distinta daquela, já que a primeira é provida de novas determinações e até mais complexas.

Reportando-nos ao terceiro caso, onde se foca na necessidade, vê-se que o desejo que se sente do objeto é criado pela percepção deste. Portanto, a produção não só cria o objeto para o consumo e o modo como se consome, mas também cria um sujeito para o objeto.

As abordagens em separado das esferas que formam o par dialético produção-consumo mostram que a identidade entre consumo e produção, e vice-versa, surge, conforme disposto na *Introdução à crítica da economia política*, sob um triplo aspecto:

a) pela **identidade imediata entre consumo e produção e entre produção e consumo**;

b) pela **condição de intermediários um do outro**, no sentido de que a produção é um meio para o consumo e o consumo é um fim para a produção, sendo,

125 MARX, Karl Heinrich. *Contribuição à crítica da economia política*. Op. cit., p. 179.

por isso, interdependentes e, por consequência, reciprocamente indispensáveis, embora cada qual conserve sua exterioridade em relação ao outro. Afinal de contas, como bem crava Marx: "Sem produção não há consumo; sem consumo não há produção";

c) pelo **consumo que faz do produto realmente produto** (quando o consumo realiza plenamente o ato da produção ao dar ao produto o seu caráter acabado de produto), por um lado, e pela **produção que cria um modo determinado de consumo** (quando a produção impulsiona (motiva) o consumo, originando em seguida o apetite do consumo, a faculdade do consumo sob a forma de necessidade), por outro. Marx resume desse jeito o terceiro aspecto da identidade entre produção e consumo: "**cada um, ao realizar-se, cria o outro**" (grifo nosso).¹²⁶

Segundo Fábio Sobral, os três momentos formadores da identidade/unidade do "par dialético" produção-consumo podem ser sintetizados do seguinte modo: "**identidade imediata, mediação e diferença**". O modo de produção capitalista, que é o foco da atenção de Marx, diz Sobral, "une e dissocia [ao mesmo tempo, digo eu] a produção e o consumo". Esta não é uma relação "de esferas autônomas, com regras próprias separáveis". No método dialético marxiano, "[...] Diferenciações e similaridades confrontam-se em um todo orgânico que possui unidade: a sociedade capitalista".¹²⁷

Nessa linha, Fábio Sobral encampa a crítica de Marx às teorias da economia política e também aos socialistas "utópicos", ao tratarem a produção e o consumo como independentes ou, de outro lado, como ligados e sem contradições entre si. Ora, continua Sobral, sempre ancorado no texto introdutório marxiano, a identidade entre produção e consumo nesses termos significaria a impossibilidade das crises de superprodução, por exemplo, o que daria razão à *Lei de Say*, que não admite a crise de superprodução, já que prescreve que tudo o que se produz gera consumo¹²⁸. De acordo com Fábio Sobral, Karl Marx procura exatamente demonstrar que essas categorias "produziriam a permanente tensão do capitalismo; a tensão entre superprodução e subconsumo".

Em Marx, a produção participa do consumo e o determina, além de ser determinada por ele. Um não se limita a ser imediatamente o outro, nem mediador do outro. Cada um, ao realizar-se, cria o outro, realizam-se sob a forma do outro. Não obstante, **a produção é o momento dominante**, pois é a base material sobre a qual as demais esferas da atividade econômica se desenvolvem e interagem.

2.b) *Produção e Distribuição*

No final do exame do par produção-consumo, Karl Marx faz uma ponderação

126 Idem, p. 180. Aliás, referindo-se ainda ao terceiro aspecto, o autor da *Introdução* comenta que os economistas ilustram esta última identidade "na relação entre oferta e demanda, entre objetos e necessidades, entre necessidades socialmente criadas e naturais" (in MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 48).

127 SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 67. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>. Visto em 06.03.2024.

128 Sobre as crises de superprodução tratamos no Artigo Expositivo I – *Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx*, sobre o livro homônimo de Roman Rosdolsky, precisamente no Folheto nº 10 (Capítulo 21) e em seu apêndice (Texto 2); no Folheto nº 12 (Capítulo 27); no Folheto nº 13 (Capítulo 28) e em seu apêndice (Texto 4), todos disponíveis na *Seção Principal*, deste [Blog](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Say). Especificamente acerca da *Lei de Say*, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Say (Consultado em 06.03.2024).

como que preparatória para o exame do "par dialético" produção-distribuição: a distinção entre produção e consumo como atos de um só indivíduo ou de indivíduos isolados e produção e consumo como atos de indivíduos em sociedade.¹²⁹

Quanto à produção e ao consumo como atos de um só indivíduo ou de indivíduos isolados, nosso teórico afirma que produzir e consumir aparecem como momentos de um mesmo processo, em que a produção é o ponto de partida efetivo e fator claramente predominante. O indivíduo isolado que produz o objeto e o consome retorna a si mesmo como indivíduo produtor, que se reproduz através do consumo do que produziu: o consumo aparece como um momento intrínseco da produção.

Porém, quanto à atividade produtiva de indivíduos em sociedade, Marx preceitua que o consumo como momento intrínseco da produção deixa de ter lugar. Nessa hipótese, a relação do produtor com o produto final, apesar de continuar sendo uma relação interligada, passa a ser um momento fora da produção e, por ser assim, o regresso do produto ao respectivo produtor depende também das relações deste com os outros indivíduos. Essa relação social geralmente se dá através do mercado de bens e serviços. Nessa circunstância, o produtor não se torna imediatamente dono do produto, até porque a apropriação imediata do que produz não é seu objetivo quando atua em sociedade.

Na atividade produtiva dos indivíduos em sociedade, surge uma fase da atividade econômica que não existia na perspectiva do indivíduo que produz isoladamente: a **distribuição de bens e serviços**. Na condição de esfera da repartição da produção social, **a distribuição se coloca entre a produção e o consumo**.

Nessa situação, a repartição da produção social – a distribuição social – obedece a **leis sociais** (leis externas à produção). São essas leis que determinam a cota-parte da totalidade da produção que cabe a cada indivíduo social produtor. A par disso, o autor da *Introdução* lança a seguinte pergunta: "Mas constituirá a distribuição uma esfera autônoma, marginal e exterior à produção?" Sua resposta é um sonoro *não*.

Referindo-se expressamente ao economista político David Ricardo, Karl Marx ressalta a insistência deste em separar a produção da distribuição, dando primazia a esta última, inclusive elevando-a a "objeto exclusivo da economia política".¹³⁰

Seguindo no exame dos tratados de economia política, Marx relata, com espanto, que neles as categorias são sempre consideradas de duplo modo: colocam a terra, o trabalho e o capital na esfera da produção, denominando-os de agentes de produção, e, na esfera da distribuição posicionam a renda da terra, o salário e também os juros e lucros como formas de repartição da produção social. Agindo assim, fazem a correspondência entre cada uma dessas formas de distribuição da produção social com o agente de produção correlacionado: terra/renda da terra, trabalho/salário, capital/juro e lucro.¹³¹

129 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 10.

130 MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 182 e 183. Anotamos que, apesar de se referir somente a David Ricardo, a compreensão ricardiana citada pode ser aplicada à economia política clássica como um todo.

131 Idem, p. 181-184.

Os economistas clássicos, considerando a esfera da produção como formada pelo capital, trabalho e terra, entendem que o capital surge como agente de produção e também como fonte de receitas, na forma de juro e lucro. Juro e lucro seriam, portanto, formas de distribuição que supõem o capital como agente de produção.

Ora, escreve Karl Marx: sendo o juro e o lucro formas de distribuição do capital (um dos agentes da produção), então juro e lucro também se situam na produção, na medida em que retratam as formas em que o capital aumenta. Logo, são igualmente modos de reprodução do capital. Essa é uma questão importantíssima para o que vem por aí nos próximos artigos, uma vez que as referidas formas de distribuição do capital ligam-se estreitamente com a categoria marxiana de mais-valor (ou mais-valia), uma das categorias centrais da teoria social de Marx¹³².

De maneira igual figura o salário em relação ao trabalho: o primeiro, mais uma forma de distribuição da produção social; o segundo, o agente de produção respectivo. Veja que não se está falando do trabalho puro e simples, mas do trabalho assalariado. Se o trabalho não fosse definido como trabalho assalariado, a participação na distribuição não assumiria a forma de salário. A forma seria outra, como ocorre com a escravidão. Portanto, o salário é o modo de reprodução do trabalho assalariado.

Com a renda da terra não é diferente. Ela é a forma de distribuição que supõe a terra como agente de produção, não a terra pura e simples, mas a propriedade fundiária (a grande propriedade). Logo, a renda da terra é o modo de reprodução da propriedade fundiária.

Como resultado da análise dos agentes de produção e das formas de distribuição equivalentes, Karl Marx vê evidenciado que "**a estrutura da distribuição é inteiramente determinada pela estrutura da produção**" (grifo nosso). Portanto, a ação dos agentes de produção determina a forma de distribuição do resultado gerado na esfera da atividade produtiva. Em vista disso, ele afirma expressamente ser uma ilusão pôr o capital, a terra e o trabalho assalariado na produção e juro e lucro, renda da terra e salário na distribuição, como fazem os economistas.

O resultado da produção da propriedade fundiária, do trabalho assalariado e do capital é a própria distribuição desse resultado nas formas de renda da terra, de salário, de juro e lucro: ao proprietário fundiário, destina-se a renda fundiária; ao trabalhador assalariado, o salário; e ao capitalista, o juro e o lucro.

Não é difícil perceber que a distribuição é oriunda da produção, seja quanto ao seu objeto (pois, somente se pode repartir o resultado da produção), seja quanto às suas formas (pois, o modo particular de participação dos agentes produtivos determina as formas da distribuição social).

Na sequência da *Introdução à crítica da economia política*, o autor enumera várias situações da história nas quais se tem a impressão de que a distribuição precede a produção e até a determina. Quando, por exemplo, um povo conquistador impõe certa

132 Para uma noção preliminar de "mais-valia" ou "mais-valor", veja nosso [Artigo Expositivo I](#), capítulos 15 a 18.

forma de repartição da terra entre os conquistadores, impondo uma dada forma de propriedade fundiária, ele estaria determinando a produção; bem como, quando faz do povo conquistado escravo e, desse modo, faz do trabalho escravo o fundamento da produção. Porém, isso tudo não passa de mera impressão, afirma Marx.

Na realidade, conforme explica, **antes de ser repartição do resultado da atividade produtiva, a distribuição é repartição de meios de produção e também a distribuição dos membros da sociedade pelos diferentes processos produtivos.**

Aqui, o filósofo alemão traz para a análise dois elementos indispensáveis para sua defesa da subordinação da distribuição à produção, de modo a afastar a noção de separação entre essas duas esferas da atividade econômica capitalista: a partilha dos meios de produção e a segmentação dos indivíduos (força de trabalho) pelas diferentes atividades de produção (subsunção dos indivíduos sob relações de produção determinadas).

Desse modo, concluímos que a distribuição dos produtos finais é manifestamente apenas o resultado da distribuição das forças produtivas e dos indivíduos no processo produtivo. A partilha das forças produtivas e a segmentação dos indivíduos que produzem estão incluídas no próprio processo de produção, são originalmente momentos constitutivos da atividade produtiva e determinam a articulação da produção. Por isso, tornam possível, e mais, são imprescindíveis ao modo de produção capitalista. Essa imprescindibilidade por si só já comprova a clara sujeição da esfera da distribuição à esfera da produção no capitalismo.

Repare pelo exposto neste subitem que Marx lança mão dos três gêneros de mercadoria – produtos finais destinados ao consumo, meios de produção e força de trabalho – para demonstrar a ligação entre a produção e a distribuição. Com isso, a forma de distribuição dos produtos finais destinados ao consumo da sociedade é antes implicada pela distribuição dos meios de produção e da força de trabalho. São, pois, **as formas de mobilização, organização e partição das forças produtivas que definem a forma de distribuição do resultado dessa mobilização, seja por imposição da força bruta, seja por imposição de lei**¹³³.

Dito isso, partimos para o último "par dialético" exposto no texto marxiano.

2.c) Troca e Produção

No capitalismo, o resultado da produção é destinado precipuamente ao mercado para troca (circulação)¹³⁴. Como o consumo ocorre após a troca (compra e venda), a partir da cota-parte que o indivíduo obteve na distribuição da produção social, e ambos (consumo e distribuição) são interligados à produção, esta também dirige a troca.

133 Nessa passagem de *Introdução* (in MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Op. cit., p. 184), Marx cita a forma escravagista de produção fazendo referência à América do Sul, o que demonstra o quão longe esse europeu do século XIX, em meados da década de 50, foi em sua investigação: "O instrumento de produção é diretamente roubado na pessoa do escravo. Mas neste caso a produção do país, em proveito do qual ele é roubado, deve ser organizada de modo que permita o trabalho do escravo, ou (como na América do Sul, etc.) é necessário criar um modo de produção de acordo com a escravatura".

134 No mercado, a mercadoria se realiza, pois aí é transformada em dinheiro. No consumo, a mercadoria é absorvida.

Segundo Karl Marx, a troca (circulação) de mercadorias geralmente é só um momento mediador da relação entre a produção e a distribuição que a própria troca determina, como assim também o consumo, "mas, na medida em que o próprio consumo aparece como momento da produção [como vimos no subitem 2.a, digo eu], a troca também está evidentemente incluída como momento da produção".¹³⁵

Do mesmo jeito, como a troca entre salário e as "atividades e capacidades" desempenhadas e desenvolvidas pela força de trabalho se dá com vistas ao processo produtivo, a troca da mercadoria força de trabalho humana por salário "faz diretamente parte da produção e a constitui de maneira essencial".

Também a troca de produtos que ocorre no mercado de meios de produção, visando a fabricação do objeto para consumo final, tem relação direta com a produção, pois, a circulação de matéria-prima, insumos etc. é um ato contido na produção.

Igualmente, a troca realizada entre comerciantes (a relação entre o lojista e o fornecedor) não só é totalmente determinada pela produção quanto à forma que se realiza, como essa troca é propriamente atividade produtiva.

Na medida em que a troca é um meio-termo entre a produção e a distribuição e também entre a produção e o consumo, é evidente que **a troca também está incluída como um dos momentos da própria produção.**

Karl Marx admite que há um momento em que a troca aparece independente ao lado da produção e indiferente a ela: quando o produto é trocado imediatamente para o consumo final. Porém, mesmo aí, e isso faz da troca como diretamente contida na produção ou determinada por ela: "1) não há troca sem divisão do trabalho; 2) troca privada pressupõe produção privada; 3) a intensidade da troca, assim como sua extensão e seu modo, são determinados pelo desenvolvimento e pela estrutura da produção".

Uma questão trazida por Fábio Sobral, e que pode passar despercebida, é o fato que no modo de produção capitalista os produtos assumem a forma mercadoria por pertencerem aos donos dos meios de produção. Na condição de mercadorias finais, o resultado da produção é trocado no mercado para consumo. Na condição de mercadorias intermediárias, os meios de produção são trocados no mercado para a produção do produto final. Como se pode perceber, a mercadoria destinada ao mercado para o consumo final e a mercadoria destinada à troca na forma de meios de produção e de força de trabalho já correspondem a relações diferenciadas das formas pré-capitalistas.¹³⁶

Voltando à *Introdução*¹³⁷, Marx ressalta que o resultado a que chegou não significa de modo algum que as esferas da atividade econômica são idênticas. São, antes, elementos de uma totalidade, diferenciações no interior de uma unidade (o modo de produção capitalista). E diz mais: a produção tanto se estende para além de si mesma, influenciando outros aspectos da vida econômica e social (a política, a cultura, a ideologia

135 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 52 e 53.

136 SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 70. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>. Visto em 06.03.2024.

137 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 53.

etc.), contendo tensões e contradições internas (luta de classes entre capitalistas e trabalhadores, etc.), como se sobrepõe às outras esferas econômicas.

Apreendemos do texto introdutório que os economistas clássicos têm a esfera da produção como a generalidade que cruza os tempos históricos de forma um tanto eficaz e aparentemente neutra. Para eles, o que há de diferente de uma época para outra são meros reflexos das mudanças técnicas operadas no processo produtivo.

Vimos, de outro lado, que em Karl Marx, longe de ser neutra, **a produção determina e é também determinada**. Ela molda e é moldada por todas as esferas da vida social. É uma **relação social**. Não é apenas uma atividade técnica, como querem fazer crer os clássicos. Com base nessa crença tecnicista, tentam estabelecer as condições e fundamentos da produção como universais e, portanto, prescindíveis de investigação.

Lidando com o conceito de **totalidade/unidade orgânica**, Marx afirma que há reciprocidade de ação entre os diferentes momentos de qualquer totalidade orgânica: uma produção determinada historicamente molda um tipo de consumo, de distribuição, de troca; mas também ocorrem situações em que a produção é moldada: quando há transformações no sistema de troca (crescimento do mercado), na distribuição (aumento da concentração de capital) e no consumo (surgimento de novas necessidades).¹³⁸

Por fim, é de se observar que na construção teórica que acabamos de apresentar, Karl Marx, quando toma a produção como relação social, explícita, sem lançar mão da expressão, a conceituação de modo de produção. Um dos conceitos fundamentais da sua teoria social, brotado do novo campo científico-metodológico desbravado por ele e Engels, o materialismo histórico-dialético.

CONCLUSÃO DO EDITOR

A *Introdução à crítica da economia política* inicia-se com a demarcação do objeto de estudo da Economia Política, a "produção material". Mas não a produção vista através de categorias supra-históricas, válidas para todas as épocas, e a partir da concepção do homem isolado, livre de determinações sociais. Muito pelo contrário, Marx percebe o indivíduo que produz socialmente, levando em conta um grau determinado de desenvolvimento histórico e social. Assim, marca a produção social como o ponto de partida da economia capitalista. Mas não só dela. A produção é e deve ser o objeto inicial da análise de qualquer formação social historicamente situada. Porém, sendo resultado de um desenvolvimento histórico, cada forma social tem e terá categorias próprias.

Ele repudia o ponto de partida dos economistas políticos. Almeja desmontar a ideia da naturalidade dos princípios do capitalismo defendida por aqueles. Nos dois itens iniciais de *Introdução*, o autor não só enuncia, mas elabora os fundamentos da sua crítica. Dirigindo-se aos que chama de "profetas do século XVIII", opõe-se diretamente à concepção que vê o indivíduo da nova sociedade, a sociedade capitalista ou burguesa que se consolida com a revolução industrial, como algo natural e isolado em si. Como um indivíduo que não se originou historicamente, mas foi posto como tal pela natureza.

¹³⁸ Idem, p. 53. Frisamos que nos parênteses citamos apenas alguns exemplos.

Esses "profetas", diz nosso alemão, não enxergam o indivíduo do capitalismo do século XVIII como produto da história e parte de um todo, a sociedade burguesa. Têm em mente que, sendo um ente natural e, assim, isolado em si, esse indivíduo não é e não pode ser posto pela história; é produto da evolução da própria natureza humana.

Contudo, o posicionamento de Karl Marx não significa de modo algum que ele não dê importância ao indivíduo teórica e eticamente ou o desconheça. Não à toa é frequentemente tido como o "filósofo da emancipação humana". Seu pensamento está profundamente ligado à busca pela libertação e transformação da condição humana.

No arcabouço teórico econômico marxiano, sempre que se fala de produção está se falando da produção de indivíduos sociais, de indivíduos vivendo em sociedade, da produção em um determinado estágio de desenvolvimento histórico-social. No entanto, vê-se em *Introdução à crítica da economia política* que todas as épocas da produção possuem certas características/determinações em comum.

Como o próprio Marx pondera, a produção em geral é uma abstração, mas é uma abstração razoável, pois destaca e fixa os traços comuns a todas as épocas. Certo é que, sem as determinações comuns, não se concebe nenhuma produção. Se a produção mais desenvolvida tem leis e determinações comuns àquela menos desenvolvida, o que constitui o desenvolvimento da primeira é o que a diferencia desses elementos gerais.

Aqui nos deparamos com um momento crucial do texto marxiano: a importância de se distinguir e isolar adequadamente as determinações (características) que valem para a produção em geral, a fim de que a unidade, o algo em comum, não nos faça esquecer a diferença essencial. O desprezo da diferença essencial entre o geral e específico é o responsável por toda a sabedoria dos economistas clássicos no intuito de provar a eternidade e a harmonia das relações sociais do modo capitalista de produção. Daí os "profetas do século XVIII" afirmarem que as relações sociais burguesas realizam a natureza humana e, portanto, o capitalismo seria o ponto de partida e o fim da história.

Na *Introdução*, Karl Marx procura interligar as relações sociais às transformações da forma de produzir e reproduzir a vida material ao longo do processo histórico. Para a concepção dominante, entretanto, no capitalismo haveria evolução e não transformação das formas de produção, uma evolução rumo à perfeição, um desenvolvimento natural e racional promovido para eliminar as distorções das sociedades pré-capitalistas. Distorções que impediriam o curso natural do desenvolvimento, ou seja, obstáculos que impediriam o progresso humano em direção à liberdade do exercício do interesse próprio (*self love*) e em direção ao bem-estar de todos. Atributos que diziam serem ligados à ordem natural que, por sua vez, é identificada com a ordem burguesa ou capitalista. Tudo isto apresentaria o capitalismo como o estágio final da evolução humana.

Na seara da economia, no campo das categorias econômicas, a preocupação dos clássicos em caracterizar a produção como algo natural e geral de todas as épocas está na representação da produção separada da distribuição (a repartição da produção social entre os indivíduos). A produção, regida por leis naturais, eternas e independentes da História, determinaria as relações como da mesma espécie e características, pois o germe

da produção capitalista já estaria contido nas formas sociais anteriores. A distribuição da produção, submetida a toda classe de arbitrariedade dos homens, justificaria sua determinação por diferentes leis sociais, a depender da posição que dada classe de indivíduos que produzem ocupa na sociedade – ao proprietário fundiário, a renda fundiária; ao trabalhador assalariado, o salário; ao capitalista, o juro e o lucro.

Na sequência, tratando da relação da produção com a distribuição, consumo e troca, Marx apresentou a relação dialética entre essas esferas da atividade econômica. Uma concepção dialética não abstrata, não geral, inválida para qualquer tempo e lugar, por meio da qual demonstra os fundamentos, os princípios, as leis e respectivas contradições do capitalismo, ou seja, da totalidade das estruturas sociais capitalistas.

Para o filósofo alemão, a produção, distribuição, troca e consumo não são categorias separadas, autônomas e independentes entre si, como fazem crer os economistas burgueses. Mas isso não significa dizer que essas esferas da atividade produtiva são idênticas. São, antes, elementos de uma totalidade: a atividade econômica. São elementos diferenciados no interior de uma unidade.

Distante de serem reunidas numa identidade em que tudo se confunde, é preciso compreender tais categorias enquanto momentos distintos e pressupostos um dos outros, entrelaçados, mutuamente contraditórios e determinantes.

Vimos que a produção não é apenas uma atividade técnica. É, sobretudo, relação social. Assim, Karl Marx nos coloca diante da construção teórica de organização social da atividade econômica, ou modo de produção, como conceituou. Afinal, para ele, mais importante do que investigar *o que* a humanidade produz em um certo momento histórico é *como* a humanidade se organiza para executar essa produção. Nessa linha, a produção tanto se estende para além de si mesma como se sobrepõe às outras esferas da atividade econômica.

Nesse sentido, a produção influencia outros aspectos da vida econômica e social (o político, o de poder, o cultural, o institucional, o ideológico etc.), e traz em si tensões e contradições internas (por exemplo: a luta de classes entre capitalistas e trabalhadores, entre senhores e escravos). Não obstante, a produção determina e é também determinada, molda e é moldada por todas as esferas da vida social, embora seja a determinação fundamental da totalidade. Por isso Marx chama de "modo de produção" a organização social da atividade econômica.

Na *Introdução*, a produção é a raiz da compreensão do capitalismo, apesar de a marca registrada deste ser o consumo. Na produção, é exibida a singularidade que diferencia as formas sociais e se revela o segredo de uma sociedade. A produção é o ponto de partida para a direção da distribuição, troca e consumo. Mas atenção, em Karl Marx, todos esses processos são moldados por relações de classe e poder.

Dito isso, encerramos o Folheto nº 01 sobre o método materialista histórico-dialético aplicado às esferas da atividade econômica. No Folheto nº 02, trataremos da teorização autônoma do método dialético de estudo dos fenômenos históricos e sociais, transformado em instrumento da investigação marxiana da economia capitalista.

ARTIGO EXPOSITIVO II

INTRODUÇÃO À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

FOLHETO Nº 02

(26.04.2024)

I – PRODUÇÃO, CONSUMO, DISTRIBUIÇÃO, TROCA (CIRCULAÇÃO) (continuação)

3) O método da crítica da economia política capitalista¹³⁹

De acordo com a classificação do historiador baiano Jacob Gorender, descrita no folheto anterior, o terceiro tema da *Introdução à crítica da economia política* aborda teórica e sistematicamente o **método materialista dialético** de Karl Marx, desenvolvido com a colaboração do amigo Friedrich Engels¹⁴⁰.

Nas palavras de Gorender, na *Introdução*, Marx cuida do aspecto "propriamente epistemológico" do método dialético. Isto é, trata da fundamentação teórica e das questões relativas à maneira como o conhecimento se formou, como foi construído e adquirido por meio daquela metodologia, bem assim de como o método difere o conhecimento obtido daquele advindo do senso comum e como valida tal conhecimento como científico.¹⁴¹

Dado o estágio atual da nossa "expedição", sabemos que foi do filósofo idealista também alemão Georg W. F. Hegel¹⁴² que Marx "recebeu" o método dialético de abordagem da realidade e dos fenômenos sociais. Apesar de polemizar com as ideias de Hegel, Karl Marx, um filósofo materialista, adotou o "núcleo racional" da dialética hegeliana, conforme anota o historiador baiano citado.¹⁴³

Logo no início do item 3, Marx já assenta que o melhor método de investigação dos fenômenos sociais "é começar pelo real e pelo concreto". Aliás, registra-se que os economistas políticos clássicos, baseando-se em métodos dedutivos e matemáticos para compreender as complexidades do modo capitalista de produção, também defendem o começo da investigação da economia capitalista pelo real e pelo concreto.¹⁴⁴

139 Muito embora no sumário original da *Introdução à crítica da economia política*, o item 3 tenha recebido o título "O método da economia política", optamos por renomeá-lo, para efeito deste trabalho, como "O método da crítica da economia política capitalista". Essa mudança visa tornar mais claro para o leitor o objetivo da metodologia criada por Karl Marx.

140 Veja ^[Nota 6].

141 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. XII (Introdução) e BEZERRA, Juliana. **Epistemologia**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/epistemologia/>. Consultado em 01.04.2024.

142 Conforme ^[Nota 11].

143 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. VIII (Introdução). Mais detalhes da relação intelectual entre Marx e Hegel podem ser encontrados em nossos textos "[Materialismo Histórico-Dialético: Introdução](#)", "[Arzoado da Obra Contribuição Crítica da Filosofia do Direito de Hegel](#)" e também no [Folheto nº 01](#) do Artigo Expositivo I – *Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx*.

144 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 14. No Folheto nº 01 deste Artigo

Entretanto, por meio do método dialético do movimento histórico, "transformado", de acordo com Madalena Guasco Peixoto, "em instrumento metodológico do estudo da economia política",¹⁴⁵ nosso autor traz uma visão inovadora para o exame dos fenômenos históricos e sociais. Embora insista que o ponto de partida do processo de conhecimento está no concreto real, para Marx, conforme Jacob Gorender, o processo cognoscitivo não deve seguir o caminho da lógica formal.¹⁴⁶

No novo caminho que Marx apresenta, o da **lógica dialética**, o concreto real como ponto de partida, conforme ensina Gorender, "constitui o objeto sobre o qual o pensamento exerce sua atividade criadora específica, que é a atividade teórica". O conhecimento em processo de construção e formação, segundo a lógica dialética, não se movimenta de maneira linear, vai muito além disso. Partindo do real enxergado, diz o historiador baiano, o conhecimento lógico-dialético "percorre escalas necessárias do intuitivo empírico ao abstrato e deste ao concreto pensado, que retorna, enquanto totalidade de múltiplas determinações, ao concreto real". Enquanto isso, a lógica formal, que também parte do concreto, o faz preocupando-se com a estrutura dos argumentos e a validade das inferências sobre o objeto, independentemente do conteúdo do objeto específico. O que faz toda diferença, como veremos.

Aqui damos uma pequena parada no texto marxiano para fazermos alguns apontamentos sobre as categorias e especificidades do seu método: o concreto real como ponto de partida ou concreto real empírico ou representado; o concreto pensado ou teorizado; as múltiplas determinações abstratas e unilaterais (ou singulares); e o concreto real como ponto de chegada ou concreto real efetivo.

O **concreto real como ponto de partida do processo de conhecimento** ou **concreto real empírico** ou **representado**, refere-se, na definição de Jacob Gorender, ao "[...] concreto real caótico inicialmente captado pela intuição e pela representação [...]", em nossas palavras, trata-se do concreto observável e palpável.

O **concreto pensado** ou **teorizado**, que diz respeito à atividade criadora do pensamento, à atividade de teorizar o que se observa dos fenômenos para compreendê-los e explicá-los, é, segundo o historiador baiano, "[...] a unidade do diverso, a sistematização de múltiplas abstrações unilaterais previamente refinadas e elaboradas a partir da intuição empírica". Ou seja, o concreto pensado é o resultado sistematizado do conhecimento do objeto elaborado no pensamento.

As **múltiplas determinações abstratas unilaterais** (ou **singulares**) dizem respeito às diversas dimensões, características e relações específicas que são isoladas do objeto ou fenômeno percebido para serem consideradas separadamente (abstração) e em

Expositivo II, vimos que a metodologia da economia política clássica nasce da visão que lida com categorias naturais e universais, mas sob uma racionalidade científica diante da obscuridade dos regimes pré-capitalistas.

145 PEIXOTO, Madalena Guasco. Op. cit. Disponível em <https://grabois.org.br/2010/07/22/introduco-crtica-da-economia-politica-karl-marx-ficha-de-leitura-madalena-guasco-peixoto-artigo-a-modernidade-e-o-sculo-xx-madalena-guasco-peixoto/>. Consultado em 01.04.2024.

146 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. XII e XIII (Introdução). Sobre o *método lógico formal*, reveja ^[Nota 116].

um único sentido, e não vários (unilateralidade)¹⁴⁷.

Continuando com Jacob Goreneder, por fim, o **concreto real como ponto de chegada do processo de conhecimento**, ou **concreto real efetivo**, é o objeto em sua totalidade complexa e efetivamente concreta – é o "**concreto-totalidade** [que, digo eu] supera o abstrato unilateral, do qual parte de modo imediato (e não do empírico)" (grifo nosso). Para se chegar ao concreto real como ponto de chegada, não se parte diretamente do concreto real empírico, mas sim das abstrações sistematizadas no concreto pensado ou teorizado. Do real empírico, chega-se primeiro ao concreto pensado. Partindo deste, é que se chega ao concreto real efetivo.

Uma ilustração bem simples ofertada pelo professor José Paulo Netto, em uma de suas aulas sobre o método de Karl Marx, vai clarificar bastante bem as categorias e especificidades da metodologia marxiana. José Paulo, lançando mão do objeto "cadeira de sala de aula" – o concreto real como ponto de partida – vai dizer que, para Marx, aquela cadeira por si só, assim como as pessoas a veem, é, em verdade, um *abstratum* e não um *concretum*. Só se torna *concretum* na medida em que, por esforço mental, se aplicam nela determinações – tornando-a concreto pensado – que a caracterizem como uma verdadeira cadeira de sala de aula – o concreto real como ponto de chegada –, e não como uma cadeira de sala de jantar. Tais determinações e características vão nos dizer como a cadeira chegou até ali, como se deu a sua aquisição (houve licitação, não houve?), quem a fabricou, como se deu o processo de fabricação, quais os materiais e técnicas utilizados para sua produção, como se deu a relação de trabalho que a originou etc.¹⁴⁸

Voltando à *Introdução*, vamos ao que Karl Marx escreveu nas primeiras linhas do terceiro tópico: "Quando estudamos um dado país do ponto de vista da Economia Política, começamos por sua população, sua divisão em classes, sua repartição entre cidades e campo, na orla marítima; os diferentes ramos da produção, a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias etc."¹⁴⁹

Como mencionamos no início deste item, Marx vê como correto começar a investigação "pelo real e pelo concreto", pelo "pressuposto efetivo". Na sua visão, como fazem os economistas políticos, aparentemente não haveria problema começar a investigação pela população, à qual ele se refere como "o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo".¹⁵⁰

No entanto, quando se observa mais atentamente e de maneira mais rigorosa, nosso filósofo crava que "isso se mostra falso": em verdade, a "população é uma abstração", e não algo concreto, quando se deixa de fora, por exemplo, "as classes das

147 *Abstração* é uma operação intelectual pela qual se isola características específicas de um objeto ou fenômeno para estudá-las separadamente (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abstra%C3%A7%C3%A3o>. Visto em 02.04.2024). *Unilateralidade* refere-se a algo que é unidirecional, que segue um único sentido e não vários (Disponível em <https://www.dicio.com.br/unidirecional/>. Visto em 02.04.2024). Marx busca a sistematização de múltiplas determinações *abstratas específicas* que incidem sobre o objeto de conhecimento e não as gerais.

148 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Op. cit. Disponível em <https://youtu.be/Dl3Yocu-1o?t=4695> (minutagem: 2h33m e seguintes). Consultado em 04.04.2024.

149 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 14.

150 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 54.

quais é constituída". Por outro lado, continua o nosso autor, "[...] Essas classes [...] são uma palavra vazia [de sentido, digo eu] se desconheço os elementos nos quais se baseiam", tais quais "trabalho assalariado, capital etc.". Estes elementos, por sua vez, supõem "troca, divisão de trabalho, preço etc.", que equivalem a outros elementos abstratos. O capital, por exemplo, prossegue Marx, "não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço etc."

O que o filósofo alemão sustenta é que, se uma análise político-econômica de um país começasse e terminasse por sua população sem suas determinações e relações específicas, ela, a população, seria "uma representação caótica do todo" – uma representação falha do todo econômico.

Através de um exame mais preciso das determinações do concreto empírico (representado, visível), partindo dele, continua o autor de *O capital*, em um primeiro momento se "chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples", a conceitos abstratos cada vez mais finos, até alcançar as determinações também mais simples que comporiam o concreto pensado (teorizado). No segundo momento, teria que ser iniciada uma viagem de retorno, partindo agora do concreto pensado em direção ao concreto empírico, repetindo o procedimento de se chegar analiticamente a conceitos abstratos etc., numa contínua viagem de ida e volta, até finalmente se chegar de novo ao concreto, na hipótese de Marx, a população, mas não a população como representação caótica de um todo, e sim como "**uma rica totalidade de muitas** [ou múltiplas, digo eu] **determinações e relações**" (grifo nosso), ou seja, o **concreto efetivamente real**: a população dividida, por exemplo, entre as classes sociais A, B, C..., configuradas, por sua vez, por distintos tipos de rendimentos, de condições e meios de vida, de graus de instrução etc.

Nas palavras do professor José Paulo Netto, Karl Marx, tendo em mente a investigação do ponto de vista político-econômico da população de um dado país, descreve o procedimento do investigador que, de maneira apropriada, abstraindo-se do objeto visível (empírico, representado), é capaz de superar a sua imediatez, isto é, é capaz de superar a convicção de que o objeto percebido e visto basta para afirmar sua existência sem exigir maiores explicações. Essa convicção, ordenada até então pela percepção, estava acima de qualquer raciocínio. Assim, de acordo com José Paulo, o pesquisador, para ultrapassá-la, "arranca ou extrai dele [do objeto visível, digo eu] seus traços pertinentes, as suas determinações, não pondo nada de fora no objeto". Agindo dessa maneira, quanto mais o investigador realiza determinações abstratas sobre o objeto, "mais se aproxima do concreto de que o objeto é expressão, mas que [por si só, digo eu novamente] não se manifesta como tal. O investigador tem que descobrir esse concreto". E descobre tornando-o, primeiramente, concreto pensado ou teorizado a partir das determinações abstratas que descobre no próprio objeto empírico.¹⁵¹

Na metodologia marxiana, portanto, prossegue Netto, "o abstrato é aquilo que está despido ou pobre de determinações, tanto mais concreto é aquilo que se põe

151 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Op. cit. Disponível em <https://youtu.be/Dl3Yocu-1oI?t=4695> (minutagem: 2h33m e seguintes). Consultado em 04.04.2024.

como uma riqueza máxima de determinações. Embora no real o concreto já esteja dado, ele não está compreendido ou apreendido”.

Em suma, de acordo com a observação de Jacob Gorender, vemos em *Introdução à crítica da economia política* que, para se chegar ao conhecimento do concreto real efetivo, não mais caótico e não mais intuitivo, deve-se partir do palpável, do empírico, do observável, e percorrer escalas necessárias que vão do intuitivo empírico ao abstrato e deste ao concreto pensado, que retorna, enquanto síntese de múltiplas determinações, por aproximações sucessivas, ao concreto real efetivo.¹⁵²

Dirigindo-se como exemplo aos economistas do século XVII, nosso filósofo alemão reconhece que, de algum modo, aqueles consideram as relações abstratas determinantes na análise da economia. De certa forma, não deixam de levá-las em conta. Segundo Marx explica, começam sempre pelo "todo vivente", a população, a nação, o Estado etc. Todavia, apesar de terminarem com algumas relações determinantes, consideram sempre as relações determinantes **abstratas e gerais**, tais como divisão do trabalho, dinheiro, valor etc., descobertas no decorrer da análise. A esse caminho o teórico alemão deu o nome de "primeira via".¹⁵³

Por essa via, a **singularidade** ou **unilateralidade** das determinações das categorias e relações econômicas não são consideradas. Como, em um sentido mais abrangente, as determinações e relações gerais econômicas também existiram nas formas sociais pré-capitalistas, os economistas generalizam as determinações para considerar, no final, o todo econômico capitalista como resultado natural do processo evolutivo¹⁵⁴.

Por outro lado, numa segunda via, quando os momentos singulares são fixados, abstraídos e teoricamente formulados, começa-se a enxergar os sistemas econômicos que, partindo de noções simples como trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca, se elevaram até o Estado, até a troca entre as nações e o mercado mundial. Esse, sentencia Marx, é "manifestamente o método cientificamente correto": "**O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações**, portanto, **unidade da diversidade**" (grifo nosso). Para o pensamento, o concreto antes percebido (o concreto real empírico) aparece agora "como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida", apesar de ser de onde se parte para a análise. Aqui, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto empírico por meio do pensamento, tornando-o concreto real efetivo.¹⁵⁵

Com nossas palavras, descrevemos a explicação marxiana para a segunda via, segundo ele, a via correta e de mão dupla: no caminho de ida, a representação do concreto real como ponto de partida (o concreto empírico) foi apropriada por determinações abstratas extraídas dele mesmo; no caminho de volta, pela via do pensamento, pela via do concreto pensado, as determinações abstratas conduzem a reprodução do concreto empírico em concreto real efetivo como a síntese de múltiplas determinações.

152 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. XIII (Introdução).

153 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 54.

154 Lembramos que tratamos desse aspecto em particular no Folheto nº 01.

155 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 54 e 55.

Na *Introdução*, Karl Marx faz expressa menção ao filósofo Georg Hegel, de quem "recebeu" o método dialético, para criticar o seu idealismo. Segundo Marx, considerando que as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento, "Hegel caiu na ilusão de conceber o real como *resultado do pensamento* que sintetiza-se em si [sic], aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo" (grifo nosso).

Na dialética materialista marxiana, porém, "[...] o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o *modo do pensamento* de apropriar-se do concreto [empírico, digo eu], de reproduzi-lo como um concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto" (grifo nosso).

Marx ilustra o que afirma através de uma categoria econômica mais simples, o *valor de troca*. Para ele, essa categoria supõe uma população produzindo em relações determinadas, "supõe também um certo tipo de família – ou comunidade – ou de Estado etc.", portanto supõe entidades mais concretas. Nesse sentido, prescreve que o valor de troca, no caso, "[...] Não pode jamais existir, exceto como relação abstrata, unilateral, de um todo vivente, concreto, já dado [família, comunidade, Estado..., digo eu]". Já na situação de categoria pura e simples, sem a presença dos sujeitos viventes, "o valor de troca leva uma vida antediluviana [vida muito antiga, antes do dilúvio bíblico, digo eu]".

Divergindo da dialética idealista de Hegel, no materialismo dialético de Karl Marx "[...] a totalidade concreta [o concreto real efetivo, digo eu] como totalidade de pensamento, como um concreto de pensamento, é de fato um produto do pensar, do conceituar", entretanto, de forma alguma pode ser confundido com "um produto do conceito" que foi pensado de fora e acima da intuição e da representação, ou seja, acima do concreto empírico, e que "gera a si próprio". Como se o concreto real efetivo existisse "do" e "no" conceito. "Por isso", conforme a constatação de Marx, "também no método teórico o sujeito, a sociedade, tem de estar continuamente presente como pressuposto da representação [do concreto real empírico, digo eu]".

O professor Fábio Maia Sobral sustenta que a análise das categorias abstratas, o exame em separado de uma categoria específica de uma sociedade mais desenvolvida, a capitalista por exemplo, serve para "[...] identificar como certas categorias estiveram presentes em outras formações sociais, mas não eram centrais, ou estavam em situação subordinada ao todo, à unidade, daquela forma". No método marxiano, avalia Fábio do disposto em *Introdução*, "O pensamento abstrato deve estar voltado à identificação do processo histórico, à tentativa de resolução de seus dilemas, à busca pelas causas do funcionamento de uma sociedade específica", logo, "não é produzido pelo pensamento, é a manifestação real de uma essência social, que pode ou não ser captada pelo pensamento".¹⁵⁶

Tratando do movimento das categorias econômicas mais simples (valor de troca, dinheiro, capital como fator de produção (máquinas, ferramentas...), trabalho etc.),

156 SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 76. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>. Visto em 05.04.2024.

Marx indaga se elas não teriam igualmente uma existência independente, histórica ou natural, antecedente às categorias mais concretas (família, comunidade, Estado...) ¹⁵⁷. "*dinheiro*" (grifo nosso), "pode existir, e existiu historicamente, antes que existisse o capital, antes que existissem os Bancos, antes que existisse o trabalho assalariado". ¹⁵⁸

Como explica Fábio Maia ¹⁵⁹, as categorias de uma forma social, como o dinheiro das formas pré-capitalistas, mas também o trabalho, a troca, o capital como fator de produção, podem estar presentes em outra sociedade sem estarem desenvolvidas.

Também pode ser dito, como lemos na *Introdução*, "que há formas de sociedade muito desenvolvidas [...], nas quais se verificam as mais elevadas formas da economia, por exemplo, cooperação, divisão do trabalho desenvolvida etc., sem que exista qualquer tipo de dinheiro", como é o caso da civilização Inca no Peru. Há igualmente casos, a exemplo das comunidades eslavas, diz Marx, em que "o dinheiro e a troca que o condiciona não aparecem ou aparecem muito pouco no interior das comunidades singulares", mas se apresentam forte e marcante no intercâmbio destas com outras comunidades. Aliás, o dinheiro e a troca surgem mais nas relações das diferentes comunidades entre si do que nas relações internas de cada uma, pontua nosso alemão. ¹⁶⁰

Nesse passo, ele observa que o dinheiro, "não obstante ter desempenhado um papel desde muito cedo e de diversas formas, só é possível ser indicado como elemento dominante na Antiguidade em nações determinadas unilateralmente, ou seja, nações comerciantes". Nas sociedades onde teve registro, o certo é que o dinheiro "de forma alguma permeava todas as relações econômicas". Essa categoria muito simples só vai aparecer historicamente em sua intensidade, e permeando todas as relações econômicas, na sociedade burguesa, na qual se coloca como pressuposto.

Outra categoria histórica que pinçamos da *Introdução* é o *trabalho*. Tratando-o como a "atividade criadora de riqueza", o filósofo alemão-prussiano reconhece explicitamente o "enorme progresso que se deve a Adam Smith, que rejeitou toda a determinação particular da atividade criadora de riqueza, considerando apenas o trabalho puro e simples, isto é, nem o trabalho industrial, nem o trabalho comercial, nem o trabalho agrícola, mas todas essas formas de trabalho". ¹⁶¹

Ao abordar o trabalho como generalidade abstrata da atividade que cria riqueza, explica Marx, referindo a Smith, igualmente se manifestou então "a generalidade do objeto determinador da riqueza, o produto em absoluto, ou ainda, o trabalho em geral, mas enquanto trabalho passado, trabalho objetivado" ¹⁶². Segundo o autor de *O capital*,

¹⁵⁷ Nessa parte da *Introdução*, o autor trabalha também com outras categorias, como posse e propriedade, para discorrer sobre seus movimentos ao longo da história. Neste artigo, além do valor de troca, vamos nos ater ao dinheiro, ao capital e ao trabalho, o que avaliamos ser suficiente para a compreensão do que o filósofo tem a dizer.

¹⁵⁸ MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 15.

¹⁵⁹ SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 75. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>. Visto em 05.04.2024.

¹⁶⁰ MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 56. Inclusive, o autor menciona que, mesmo no auge do Império Romano, o fundamento continuou sendo o tributo e o pagamento em espécie (em produtos), em vez do dinheiro.

¹⁶¹ MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 16 e 17.

¹⁶² Na teoria da crítica da economia capitalista, Karl Marx desenvolveu os conceitos de *trabalho abstrato*, *trabalho concreto*, *trabalho vivo*, *trabalho morto* e *trabalho objetivado*: 1) Trabalho abstrato: refere-se ao trabalho humano

a generalidade do trabalho encontrada por Adam Smith não é unicamente a tal "relação abstrata mais simples e mais antiga em que entram os homens em qualquer forma de sociedade – enquanto são produtores". Ele ressalta que a homogeneidade e abstração do trabalho em Smith como uma medida homogênea, neutra e universal de valor não prospera, pois ela é uma abstração específica do modo de produção capitalista.

Karl Marx não considera que a abstração do trabalho em geral feita pelo economista político britânico seja apenas o resultado intelectual de uma totalidade concreta de trabalhos. Para nosso teórico alemão, no fundo, a "indiferença em relação ao trabalho determinado [trabalho concreto, digo eu] corresponde a uma forma de sociedade na qual os indivíduos podem passar com facilidade de um trabalho a outro e na qual o gênero determinado de trabalho é fortuito, e, portanto, é-lhes indiferente".

No caso, o trabalho em geral "se converteu não só como categoria, mas na efetividade em um meio de produzir riqueza em geral, deixando, como determinação, de se confundir com o indivíduo em sua particularidade". Nesse sentido, a abstração do trabalho criada por Adam Smith esconde as relações sociais de exploração do trabalho e as desigualdades inerentes ao capitalismo e ignora as condições concretas e as relações de poder que moldam o processo de trabalho na sociedade burguesa.

Esse é um estado de coisas que se encontra mais desenvolvido na sociedade capitalista, diz Marx. É típico e específico dela. Karl Marx identifica nessa abstração da categoria trabalho, o trabalho em geral, que seria o ponto de partida da economia política, a abstração verdadeira. Ela só aparece na sociedade burguesa mais moderna. O que seria a abstração mais simples e que deveria exprimir uma relação muito antiga e válida para todas as formas de sociedade, "só aparece verdadeira na prática como categoria da sociedade mais moderna", portanto como produto histórico e, por isso, determinado.¹⁶³

Referindo-se à forma de trabalho que se apresenta nos EUA, Marx escreveu: "Esse exemplo mostra de maneira muito clara como até as categorias mais abstratas – precisamente por causa de sua natureza abstrata –, apesar de sua validade para todas as épocas, são, contudo, na determinidade dessa abstração, igualmente produto de condições históricas, e não possuem plena validade senão para essas condições e dentro dos limites destas". Essas condições estão postas na sociedade capitalista, mais precisamente, como afirma, "na forma de existência mais moderna da sociedade burguesa – nos Estados Unidos".¹⁶⁴

Um aspecto essencial do versado na *Introdução* sobre o trabalho na condição de trabalho geral diz respeito à estreita relação da crítica de Marx à Adam Smith com o

em geral, considerado independentemente de sua forma concreta. É o trabalho que cria o valor das mercadorias; 2) Trabalho concreto: é o trabalho específico que produz valores de uso, ou seja, bens e serviços que satisfazem necessidades humanas específicas (o trabalho do alfaiate, do padeiro etc.); 3) Trabalho vivo: refere-se ao trabalho realizado pelos trabalhadores no processo de produção. É o trabalho ativo que cria novo valor; 4) Trabalho morto: também conhecido como trabalho passado, refere-se ao trabalho já realizado e incorporado nos meios de produção, como máquinas e ferramentas. Este trabalho não cria novo valor, mas transfere seu valor para o novo produto; 5) Trabalho objetivado: é o trabalho que se materializa em produtos ou mercadorias. É o resultado do trabalho vivo que se torna parte do capital.

163 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 58.

164 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 17.

conceito marxiano de **trabalho abstrato como a substância do valor das mercadorias no capitalismo**. O trabalho abstrato é o trabalho indiferenciado que produz a riqueza geral. O trabalho abstrato permite que o capitalista pague ao trabalhador apenas uma parte do valor criado por esse trabalho, apropriando-se da mais-valia (ou mais-valor). É com base nessa crítica que nosso autor vai explicar, primeiramente nos *Grundrisse* e depois em *O capital*, que o trabalho como base e substância do valor na economia capitalista é o trabalho abstrato, e não o trabalho concreto, e porque as categorias trabalho abstrato e valor são essenciais para a existência do modo de produção capitalista.¹⁶⁵

O último exemplo que pinçamos da *Introdução à crítica da economia política* é o *capital* e sua ação sobre as categorias gerais de produção (trabalho, dinheiro, propriedade etc.). Capital, ressaltamos, entendido no sentido marxiano, isto é, como uma relação social entre pessoas que se estabelece a partir da propriedade privada dos meios de produção com vistas à extração crescente de mais-valia (grosso modo, lucro), como vimos na Nota do Editor, no Folheto nº 01, e não como mero ativo ou fator de produção (ferramentas, fábricas, equipamentos etc.) dos economistas burgueses.¹⁶⁶

De acordo com o professor Fábio Maia Sobral, a ação do capital sobre o trabalho, sobre o dinheiro e sobre a propriedade dos meios de produção etc., altera completa e profundamente, revoluciona, a essência dessas mesmas categorias que, como categorias gerais de produção, existiram em formas sociais anteriores.

O professor Sobral prossegue: quando uma categoria se apresenta em **situação dominante, separada de outras** e constituindo-se como "**um mecanismo de sustentação fundamental do sistema**" (grifo nosso), diz-se tratar de uma **categoria abstrata**: "O abstrato é [portanto, digo eu] uma determinação específica de um sistema". Ainda que "sua história atravesse vários modos de produção, ele [o abstrato, digo eu] só atinge a condição dominante em um estágio particular".

Nesse sentido, avançando na análise, Fábio Sobral observa que o alvo do pensamento que busca a transformação e superação social é a eliminação da categoria abstrata específica dominante da forma social vigente, no caso, o capital e, em consequência, da sociedade burguesa ou capitalista que o tem como base fundamental.

Por isso, Karl Marx se opunha à aceitação de propostas que mantinham intactas as categorias abstratas dominantes, como desejava o socialismo "utópico", que, segundo afirma, "[...] pretende deixar subsistir a produção privada, mas organizar a troca de produtos privados. **Quer a mercadoria, mas não o dinheiro [...]**" (grifo nosso).¹⁶⁷

165 No [Artigo Expositivo I](#) – *Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx*, Folhetos nº 02, 04, 07 e 08, principalmente, cuidamos de discorrer sobre as primeiras elaborações de Marx dos tipos de trabalho que conceituou, bem assim sobre a condição do trabalho abstrato como substância do valor e acerca da categoria de mais-valia ou mais-valor.

166 SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 75 e 76. Visto no site <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>, em 05.04.2024.

167 Trecho de carta de Marx, de 1º de fevereiro de 1859, ao oficial militar prussiano, político e jornalista revolucionário [Joseph Weydemeyer](#) (1818-1866), transcrito de *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx* (in ROSDOLSKY, Roman. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2001, p. 480 (Nota 46)). Sobre o "socialismo utópico", citado no parágrafo em nota, reveja ^[Nota 111].

Continuando a tratar da ação do capital sobre as categorias gerais, desta vez em relação ao processo de investigação das categorias econômicas capitalistas tradicionais – terra, trabalho e capital como fator de produção –, Karl Marx escreveu no texto introdutório: "Nada parece mais natural, por exemplo, do que começar pela renda da terra, pela propriedade fundiária, dado que está ligada à terra, fonte de toda a produção e de todo modo de ser [de existência, digo eu], e por ela ligada à primeira forma de produção de qualquer sociedade que atinge um certo grau de estabilidade – à agricultura". Entretanto, ele exclama: "Ora, nada seria mais errado":¹⁶⁸

"A ordem em que [as categorias econômicas, digo eu] se sucedem está determinada pelas relações que existem entre elas na moderna sociedade burguesa [capital, terra e trabalho, digo eu novamente], e que é exatamente a inversa da que parece ser sua ordem natural ou da que corresponde à sua ordem de sucessão no curso do desenvolvimento histórico [terra, trabalho e capital, digo eu mais uma vez]. [...] Pois, em todas as formas de sociedade, uma determinada produção e as relações que ela engendra conferem a todas as outras produções e relações seu lugar e sua importância".¹⁶⁹

O que se observa, segundo o pensador marxista ucraniano Roman Rosdolsky, reproduzindo com suas palavras trecho da *Introdução*, é que "[...] No modo de produção capitalista, a agricultura se converte cada vez mais em um ramo da indústria, e como tal submete-se [completamente, digo eu] ao capital". O mesmo se dá com a renda da terra (que não se pode compreender sem o capital). Exatamente por isso, "no exame teórico da ordem social burguesa, o **capital**, na condição de '**potência econômica** que predomina sobre toda a sociedade burguesa [sic] [que domina tudo, digo eu]', constitui 'o **ponto de partida** e o **ponto de chegada**, devendo ser analisado antes da propriedade da terra'. (Só 'quando ambos tenham sido analisados separadamente devemos analisar sua relação recíproca')" (grifo nosso).

Desse modo, justificando a análise das categorias econômicas do modo de produção capitalista primeiramente pelo capital, Karl Marx assenta que seria "impraticável e errôneo" considerar as categorias econômicas na ordem em que elas foram historicamente determinantes (terra, trabalho e capital). "A ordem em que se sucedem se acha determinada, ao contrário, pelo relacionamento que têm umas com as outras na sociedade burguesa moderna, e que é precisamente o inverso do que parece ser uma relação natural, ou do que corresponde à série do desenvolvimento histórico". E diz mais: "Não se trata da relação que as relações econômicas [sic] assumem historicamente na sucessão das diferentes formas da sociedade. Muito menos sua ordem de sucessão

168 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 18.

169 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 40 e 41 (trecho reproduzido por Rosdolsky do texto introdutório de Marx, ora em comento). Repare que, sob a ótica marxiana, a ordem das categorias em causa, que Marx chama também de "forças materiais operantes na produção", assume a seguinte sequência: capital, terra e trabalho. Diferentemente de como se dá na economia clássica onde são consideradas na seguinte ordem: terra, trabalho e capital. Mas essa diferença, digo eu, não é uma mera consideração arbitrária, ela é metodológica e qualitativa, ou seja, diz respeito à determinação econômica de cada uma delas no desenvolvimento dos modos de produção historicamente situados e à conceituação e papel que Marx lhes confere.

na 'ideia' [...]. Trata-se da sua hierarquia no interior da moderna sociedade burguesa", conclui o nosso teórico da crítica da economia política capitalista.¹⁷⁰

Encerrando o exame da sequência de exemplos ilustrativos da contradição entre o geral e o específico, entre categorias dominantes e subordinadas etc., podemos afirmar, com o auxílio de Fábio Maia, que Marx busca se concentrar na concepção do "todo" para extrair as categorias dominantes, cuja dominância as fazem específicas. Para o autor de *O capital*, prossegue Fábio, deve-se compreender "uma fase da história humana por meio das **categorias dominantes**" (grifo nosso), embora reconheça que "algumas das categorias podem sobreviver ao declínio de sua forma dominante, ou categorias não desenvolvidas podem anunciar o futuro de uma forma por surgir".¹⁷¹

Na *Introdução à crítica da economia política*, Karl Marx anota expressamente que a sociedade capitalista "é a mais desenvolvida e diversificada organização histórica da produção. Por essa razão...":

"...as categorias que expressam suas relações e a compreensão de sua estrutura permitem simultaneamente compreender a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, com cujos escombros e elementos edificou-se, parte dos quais ainda carrega consigo como resíduos não superados, parte [‘que’, intervém o tradutor] nela se desenvolvem de meros indícios em significações plenas etc. A anatomia do ser humano é uma chave para a anatomia do macaco. Por outro lado, os indícios de formas superiores nas espécies animais inferiores só podem ser compreendidos quando a própria forma superior já é conhecida. Do mesmo modo, a economia burguesa fornece a chave da economia mais antiga etc. Mas de modo algum à moda dos economistas [burgueses, digo eu], que apagam todas as diferenças históricas e veem a sociedade burguesa em todas as formas de sociedade".¹⁷²

Aí se tem a essência, explicita Fábio Maia Sobral, da grande tarefa a que o nosso teórico da *praxis* revolucionária se propõe: compreender a sociedade dominada pelo capital, compreender as formas sociais anteriores e as relações destas com a sociedade capitalista e, por fim, apresentar as possibilidades para a construção de uma forma social que a supere.¹⁷³

O caminho metodológico criado por Karl Marx de ir e voltar ao concreto real empírico, atracando, por fim, no concreto real efetivo, carregado de múltiplas determinações, diz o professor Fábio Maia, "é o resultado da capacidade de determinar, de estabelecer os limites entre as categorias, de descobrir os fundamentos que dirigem a organização social [a sociedade capitalista, digo eu]" e, principalmente,

170 MARX, Karl Heinrich. *Para a Crítica da Economia Política*. Op. cit., p. 19.

171 SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 75. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>. Visto em 05.04.2024.

172 MARX, Karl Heinrich. *Grundrisse*. Op. cit., p. 58.

173 SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 77. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>. Visto em 04.04.2024.

de "compreender os limites, as determinações negativas do capitalismo, criando a base sob a qual ocorre a ciência da crítica à economia política". Abster-se do percurso completo, continua Sobral, "[...] não permite visualizar as categorias desta sociedade como estruturas determinadas (limitadas) no tempo, decorrentes da dissolução de formações anteriores, e representando, elas mesmas, uma transição para formas seguintes".¹⁷⁴

Segundo o professor Fábio, Karl Marx observa que a dialética de Hegel não vislumbra a dissolução das formas sociais vigentes. A dialética hegeliana "concebe um 'sistema ético' que aproveita as categorias vigentes do capitalismo para apenas reformá-las". Hegel, diz o professor, propõe "a racionalidade do sistema capitalista, um racional alcançado por medidas estatais pensadas, por elaborações intelectuais voltadas para a estrutura jurídica". "Este é o caminho da manutenção do sistema; o racional não pode, independentemente das condições sociais, submeter os fundamentos do capital. Este produz uma nova racionalidade, um racional do mercado, a racionalidade capitalista. Eis a razão da falência do projeto hegeliano", conclui Fábio Sobral.

De acordo com Fábio Maia Sobral, através do método materialista dialético, diante das contradições que identifica no curso da investigação dos respectivos mecanismos de funcionamento do capitalismo, Marx justifica e propõe a superação dessa forma social buscando construir uma nova racionalidade econômico-social, decorrente da crise dos próprios mecanismos que fazem o modo capitalista de produção funcionar. A relação entre um novo modo de produção e a crise das estruturas do modo de produção vigente, a decomposição das formas capitalistas de sociedade, é absolutamente central para nosso filósofo materialista alemão-prussiano.

Sobral alerta, ainda, que, embora não despreze o pensamento que cria conceitos, Marx reconhece os riscos dos conceitos frutos apenas da imaginação, independentemente da realidade, e percebe que a aceitação desses riscos "[...] produz a manutenção do sistema".

Tratando também, do ponto de vista do método dialético, da relação entre Karl Marx e Georg Hegel, mas desta feita sem afastamento, Marx, de acordo com o filósofo Glauber Ataíde, realiza a denominada "**crítica imanente**" (grifo nosso) do modo capitalista de produção, isto é, a crítica que parte de dentro do próprio objeto da investigação, levando em consideração que a negação do objeto está em si mesmo e não fora dele. Quando nosso teórico materialista critica o capitalismo, ele realmente não o contrapõe a outro sistema, nem mesmo ao socialismo e comunismo, e muito menos faz um juízo moral deste ou daquele modo de produção e da sociedade dele derivada.¹⁷⁵

Segundo Glauber, o autor de *O capital* concentra-se cientificamente nas estruturas, categorias, lógica e movimento internos do capitalismo, em vez de compará-lo

174 SOBRAL, Fábio Maia. Op. cit., p. 73-75. Visto no site <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.v863o55q>, em 05.04.2024.

175 ATAÍDE, Glauber. **Hegel, Marx e a dialética**. Vídeo. Canal Filosofia Vermelha. 2020. Disponível em <https://youtu.be/kTPIMSTN-v4?si=zCavhVJOYGHLLukLa> (minutagem 9m30s-15m20s). Visto em 06.04.2024.

com outros sistemas ou aplicar critérios externos de *bom* ou *ruim*. Marx busca extrair cientificamente do próprio capitalismo as suas características e contradições que permitem sua **negação**, **preservação** (de certo modo) e, por fim, sua **superação**, cujo termo na língua alemã, em conformidade com Hegel, é representado pela palavra *aufhebung* (suprassunção, em português)¹⁷⁶.

No arcabouço teórico marxiano, é claramente assentado que o rompimento com o sistema do capital exige a compreensão do funcionamento do capitalismo, da sua estrutura e leis, e, sobretudo, do movimento histórico-dialético das suas categorias específicas face às categorias gerais (aquelas pertinentes a todas as épocas).

CONCLUSÃO DO EDITOR

O método materialista dialético da crítica da economia política capitalista, criado por Karl Marx em parceria com seu amigo Friedrich Engels, teorizado e sistematizado no item 3 de *Introdução à crítica da economia política*, é tido pelo próprio autor como o único método científico adequado para apoderar-se do concreto, no caso específico, a sociedade burguesa, para reproduzi-lo enriquecido de suas múltiplas determinações como concreto real efetivo.

O aludido item é o raro momento em que as questões metodológicas são tratadas por Marx de maneira autônoma e não apenas como uma aplicação na análise dos temas investigados. Ele somente voltará a fazer isso no prefácio de *Para a crítica da economia política* (1859), e ainda assim de forma resumida.

É inequívoca a importância do método dialético para a compreensão do pensamento econômico de Karl Marx. Afinal, o interesse pelos resultados obtidos na formulação de uma investigação científica, como a empreendida pelo autor, não seria correspondido à altura se não interessássemos ou até desprezássemos a compreensão da metodologia aplicada, ou seja, se deixássemos de lado a questão de compreender como o teórico chegou a tais resultados. Foi isso que nos revelou Roman Rosdolsky ao estudar o método marxiano e é o que buscamos fazer com o estudo da *Introdução* e é isso que ela preciosamente oferece.

Como bem disse a professora Madalena Guasco Peixoto, a importância desse escrito introdutório reside fundamentalmente na elaboração, aplicação e precisão das categorias do método dialético do movimento histórico transformado em instrumento metodológico do estudo da economia política capitalista.

A grande preocupação do nosso filósofo alemão são as distintas formas de produção, com foco no todo econômico de cada uma delas, apontando o geral e o específico, para demonstrar que cada fase histórica deve ser compreendida por meios das respectivas categorias dominantes, que, por estarem nessa condição, são específicas a

¹⁷⁶ Mais sobre a palavra "aufhebung", veja o vídeo do [Plantão da Expedição - Edição nº 60 - 24.04.2024](#). Aliás, há quem afirme, como o filósofo Glauber, que a famosa tríade *tese*, *antítese* e *síntese* não está presente na dialética de Hegel, e tampouco na de Marx, visto que ambos trabalham com a noção de "crítica imanente".

uma determinada fase. Porém, essa lógica de dominância não é linear. Marx tem em conta que categorias de uma forma podem existir em outra sem estarem totalmente desenvolvidas, bem assim que algumas podem sobreviver ao declínio de sua forma dominante, ou que categorias não desenvolvidas podem anunciar o futuro de uma forma por surgir.

Vimos, ao longo deste texto, a explicação sistematizada da operação do método marxiano. A metodologia materialista dialética de Karl Marx exige do investigador que percorra o caminho que vai do concreto empírico (visível) ao concreto pensado (teorizado), onde se dá a extração e análise das categorias abstratas do próprio concreto empírico, e, a partir daí, que retorne ao concreto empírico, em um movimento de ir e voltar, até que consiga reproduzir o concreto empírico como concreto real efetivo, rico de múltiplas determinações e características – o concreto-totalidade –, cujas determinações e características ficaram desapercibidas, até então, no concreto empírico, ou concreto representado, observável e palpável (o concreto caótico e intuitivo).

Isso significa que a análise das categorias abstratas, o exame em separado de categoria específica do capitalismo, serve para permitir que o pensamento deixe a sua dimensão meramente especulativa e produza uma compreensão de um período histórico, ou seja, serve para identificar como certas categorias estiveram presentes em outras formações sociais, mas não eram centrais, ou estavam em situação subordinada ao todo, à unidade, daquela forma.

Como se percebe, Karl Marx realiza uma crítica imanente do modo capitalista de produção, uma crítica que, partindo de dentro do próprio objeto da investigação, considera que a negação do objeto está em si mesmo e não fora dele. Nessa linha, a crítica marxiana não contrapõe o capitalismo a outro sistema, nem ao socialismo nem ao comunismo, e muito menos faz um juízo moral deste ou daquele modo de produção e da sociedade dele derivada. Como vimos, o autor d'*O capital* concentra-se cientificamente nas estruturas, categorias, lógica e movimento internos do capitalismo, em vez de compará-lo com outros sistemas ou aplicar critérios maniqueístas externos de *bom* e *ruim*.

Em Marx, o rompimento com o sistema do capital exige a compreensão do funcionamento do próprio capitalismo, da sua estrutura e leis, e, sobretudo, do movimento histórico-dialético das suas categorias. Nosso filósofo revolucionário alemão busca extrair cientificamente do próprio capitalismo as suas características e contradições que permitem sua negação, preservação (de certo modo) e, por fim, sua superação, numa clara referência ao esquema da *aufhebung* (suprassunção) do também filósofo Georg Hegel.

Com o estudo do método da crítica da economia capitalista aqui exposto, descobrimos, através de Fábio Maia Sobral, as três grandes tarefas de Marx decorrentes do seu método materialista dialético, cujo ponto de partida e de chegada das demais categorias econômicas é o *capital*, potência econômica que domina o todo da sociedade burguesa: a compreensão da sociedade dominada pelo capital; o entendimento das sociedades anteriores ao capitalismo e a relação das formas sociais pré-capitalistas com a

forma social burguesa; e, por fim, a apresentação das possibilidades de eliminação da categoria dominante e determinante da sociedade vigente guiada, submetida e controlada pela sua potência, o capital, com vistas à construção de uma nova ordem social e econômica capaz de transcendê-la.

Dito isso, na sequência, com o Folheto nº 03, ingressaremos no último trecho da *Introdução à crítica da economia política*, onde Karl Marx apresenta, a partir da lógica dialética, a ordem expositiva das categorias econômicas e sociais para que formem um sistema explicativo estruturado.

ARTIGO EXPOSITIVO II

INTRODUÇÃO À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

FOLHETO Nº 03

(31.05.2024)

I – PRODUÇÃO, CONSUMO, DISTRIBUIÇÃO, TROCA (CIRCULAÇÃO) (continuação)

4) Produção. Meios de produção e relações de produção. Relações de produção e relações de circulação. Formas de Estado e de consciência em relação às condições de produção e de circulação. Relações jurídicas. Relações familiares

Ainda em conformidade com a classificação do historiador e cientista social baiano Jacob Gorender, descrita e adotada nos folhetos anteriores, o quarto e derradeiro item da *Introdução à crítica da economia política* de Karl Marx versa sobre a ordem expositiva das categorias econômicas e sociais do modo de produção capitalista para que formem um sistema explicativo estruturado. Pelo menos, como inferimos do conteúdo do item, essa seria a ideia, apesar de estarmos diante de um tópico inacabado.

Discutindo a relação entre o lógico e o histórico, Marx sustenta, segundo o cientista social baiano, que **a organização expositiva das categorias da forma social capitalista não pode seguir uma ordem histórica, mas sim uma ordem lógica.** Porém, não uma lógica qualquer, mas uma **lógica dialética.** Na avaliação de Gorender, apesar de Karl Marx ser taxativo ao apontar a existência de uma "relação imanente entre o histórico e o lógico", constituindo cada um desses aspectos "uma perspectiva diferente do mesmo processo real", as categorias econômicas "não se situam na exposição sistemática conforme sua sucessão na história, mas de acordo com as **conexões internas determinadas por sua essência conceitual,** no quadro da sociedade burguesa" (grifo nosso). De certo modo, vimos isso no Folheto nº 02.¹⁷⁷

Para o nosso filósofo alemão, a economia e suas categorias determinantes não se comportam de acordo com uma ordem linear. As mudanças e ciclos econômicos, as transformações nas estruturas de produção e nos sistemas econômicos, por exemplo, não ocorrem de maneira previsível e uniforme. São influenciados por diversos fatores complexos e interconectados. Por isso, a ordem expositiva das categorias deve seguir uma lógica interna determinada por suas essências conceituais e não, necessariamente, uma ordem cronológica dos eventos históricos, conforme sua sucessão na história.

No último tópico da *Introdução*, inclusive revelando sua situação de texto inacabado, Karl Marx lista diversos assuntos substancialmente distintos para abordagem futura – tais como guerra, exército, historiografia, arte etc. –, com o intuito de

177 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política.** Op. cit., p. XIII.

demonstrar a relação entre economia, eventos políticos e instituições jurídicas, história, cultura, arte etc.

Do rol de "[...] pontos a mencionar [...] e que não podem ser esquecidos", como ele observa expressamente, vamos tratar de apenas três deles, onde o propósito de mostrar essa relação nos parece um pouco mais clara, embora incipiente, visto que, como assinalamos, trata-se de tópicos que Marx iria ainda desenvolver:¹⁷⁸

a) Ponto 1 – "a guerra é desenvolvida antes que a paz": com este apontamento, entendemos que Karl Marx pretendia mostrar "como certas relações econômicas, tais como o trabalho assalariado, a maquinaria etc., se desenvolveram mais cedo com a guerra e com os exércitos, do que no seio da sociedade burguesa". Além disso, também almejava mostrar "a relação entre a força produtiva e as relações de comércio particularmente manifesta no exército". Apesar das pouquíssimas linhas dedicadas a essa anotação, considerando sua conexão com os tópicos anteriores da *Introdução*, tendemos a concluir que o autor estava se referindo ao fato de que alguns aspectos de uma forma social ainda não desenvolvida podem se manifestar independentemente da cronologia histórica dos eventos, ou seja, antes mesmo que a nova forma social mais desenvolvida aconteça historicamente. E que isso se deve a uma lógica interna que move esses aspectos e eventos. Considerando o aspecto lógico das interconexões das categorias defendido por Marx, talvez tenhamos na guerra e no exército os primeiros sinais do que viria ser as relações de poder e de dominação da sociedade burguesa.¹⁷⁹

b) Ponto 2 – "relação entre a historiografia idealista tal como tem sido escrita até agora e a história real": quer nos parecer, do pouco escrito, que o filósofo alemão visa destacar a história em termos de processos sociais, econômicos e políticos mais amplos e não como resultado de ações humanas individuais ou de grandes personalidades. O que significa dizer que as condições materiais e as relações sociais de produção (o movimento das categorias econômicas) é que impulsionam a história e não o inverso.

c) Ponto 6 – "relação desigual do desenvolvimento da produção material, face à produção artística, por exemplo": cremos que Marx quer discutir aqui o fato conhecido de "que certas épocas do florescimento artístico não estão de modo algum em conformidade com o desenvolvimento geral da sociedade, nem, por conseguinte, com o da base material que é, de certo modo, a ossatura da sua organização". Restringindo-nos a um dos domínios artísticos mencionados no texto, a arte grega antiga, vemos que o filósofo alemão indaga sobre a compatibilidade entre as relações sociais que inspiraram a mitologia grega e as que inspiram o mundo capitalista. Ou seja, questiona se essa arte grega, cuja base são as forças da natureza modeladas na e pela imaginação, poderia existir nas formas sociais de uma época em que as forças da natureza se encontram efetivamente dominadas. Para Marx, é certo que a arte não é só manifestação estética, mas está ligada

178 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 61.

179 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 19-21.

à economia, política e ideologia, estando em consonância com as relações sociais e materiais. Embora sejam mitologias, a mitologia egípcia jamais "teria podido proporcionar o terreno ou o seio materno para a arte grega", ainda que fosse necessária uma mitologia. "A arte grega pressupõe a mitologia grega, isto é, a natureza e as próprias formas sociais já elaboradas pela imaginação popular de maneira inconscientemente artística. Esse é seu material", diz o filósofo alemão.¹⁸⁰ A arte grega estava ligada e refletia a democracia ateniense e os valores da *polis*, enquanto que a arte egípcia estava relacionada com a religião e com a sua organização social.

"Portanto", crava Marx, "nunca uma sociedade num estágio de desenvolvimento que exclua qualquer relação mitológica com a natureza, qualquer relação geradora de mitos[...], por dominar as forças da natureza, poderia proporcionar um terreno fértil a mitos, exigindo assim do artista uma fantasia independente da mitologia". Ou seja, para o nosso pensador alemão, a dificuldade não está em compreender que a arte está ligada a certas formas do desenvolvimento social. Para ele isso é certo. "A dificuldade", diz ele, "reside no fato de nos proporcionarem ainda um prazer estético e de terem ainda para nós, em certos aspectos, o valor de normas e de modelos inacessíveis".¹⁸¹

CONCLUSÃO DO EDITOR

Em se tratando de um item em que o autor faz apenas anotações de assuntos a abordar, temos ali mais perguntas que respostas. Percebe-se que Marx pretende abordar diversos pontos importantes que possam ajudar a entender a complexidade das relações sociais e econômicas. É possível identificar a ideia de conectar esses assuntos com a sua visão da dinâmica histórica e econômica, onde a base material (estrutura) influencia o campo das ideias, cultura, instituições políticas etc. (a superestrutura), sem desconsiderar que aquela pode também ser influenciada pelos campos não econômicos.

180 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., p. 63.

181 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. Op. cit., p. 20.

CONCLUSÃO GERAL DO EDITOR

Assim como uma expedição exploratória propriamente dita requer planejamento, preparação e etapas distintas para alcançar seu objetivo, a **Expedição Karl Marx: Para ler "*O capital*"**, por analogia, segue uma estratégia que também contempla uma fase preparatória e de aclimação que antecede o ingresso na "trilha" investigativa de Karl Marx da sociedade capitalista, rumo ao estudo da sua obra magna e definitiva, *O capital: Crítica da economia política*, ponto de chegada da **Expedição**.

Enquanto os alpinistas se preparam fisicamente e se aclimatam à altitude antes de iniciar a escalada de uma montanha, igualmente precisamos nos familiarizar com os conceitos e princípios básicos da crítica científica do capitalismo elaborada por Marx para adentrarmos na "trilha bibliográfica" propriamente dita dessa crítica.

A fase preparatória foi suplantada pelas publicações da *Seção Preliminar – Conhecendo Karl Marx: Uma introdução*, e por meio do Artigo Expositivo I, que reproduz o estudo do livro do pensador e pesquisador marxista ucraniano, Roman Rosdolsky, intitulado *Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx*, considerado como um guia de acesso ao pensamento crítico-econômico marxiano, disponibilizado na *Seção Principal – Artigos Expositivos da Bibliografia de Karl Marx da Crítica da Economia Política Capitalista*, ambas seções deste Blog¹⁸².

Com o Artigo Expositivo II, que ora concluímos, sobre o texto de Marx *Introdução à crítica da economia política*, ingressamos efetivamente na sua "trilha autoral". Esta segunda fase nos dá acesso aos escritos econômicos do teórico alemão que serviram de base para a elaboração da mais profunda crítica científica do modo de produção capitalista e, por conseguinte, da sociedade burguesa dele derivada.

Como vimos nos três folhetos do Artigo Expositivo II, a *Introdução* é um texto fundamental para a compreensão do método da crítica de Karl Marx. Em verdade, estamos diante da apresentação da ciência que o filósofo modelou em confronto com o pensamento dos economistas apologéticos do capitalismo, conforme Fábio Maia Sobral.

O referido texto apresenta uma nova ciência da crítica da economia política. Por isso é considerado uma peça imprescindível para o entendimento da investigação marxiana com vistas à superação da forma social capitalista. Para muitos, o escrito introdutório é a expressão mesma da dialética de Marx. Nele, encontramos destacada a mais extensa e única exposição teórica sistematizada do materialismo histórico-dialético, criado com a cooperação do amigo e filósofo também alemão Friedrich Engels.

O método materialista histórico-dialético busca compreender a realidade social a partir de uma perspectiva do que realmente existe e de como as coisas e os fenômenos se relacionam entre si, considerando as condições objetivas e subjetivas de existência. Trata-se, portanto, de uma perspectiva ontológica de conhecimento. Uma perspectiva filosófica que considera o ser social como produtor das suas próprias

182 Confira [aqui](#).

condições objetivas e subjetivas de existência.

Em Karl Marx, isso significa entender a realidade mundana como marcada pelas relações sociais estruturais econômicas e pelas relações superestruturais políticas, jurídicas, culturais, educacionais, religiosas etc., bem como permeada pelas lutas de classes.

Através do materialismo histórico-dialético, que acabamos de apresentar neste artigo – uma metodologia que desafia as representações individuais e enfatiza a relação entre teoria e prática na análise crítica da sociedade –, tivemos a oportunidade de começar a conhecer o projeto metodológico marxiano em direção a uma forma social superior. Um projeto que visa eliminar as categorias estruturais e determinantes do capitalismo e suas contradições inerentes, por isso revolucionário, de modo a alcançar um estágio elevado de vida sem a permanente, destrutiva e insaciável busca por mais-valia ("lucro").

Um projeto revolucionário que propõe edificar, no lugar da forma social vigente, uma sociedade desprovida do desejo incontrolável, por um lado, de dominar as manifestações criadoras do ser humano, transformando-as em simples mercadorias, e, por outro, de destruir as manifestações que não correspondam aos interesses do "deus mercado". Enfim, a partir das contradições das leis do próprio modo de produção capitalista, Karl Marx traça as linhas gerais de uma forma de organização social que supere o caráter exploratório e expropriatório da ordem burguesa.

Todavia, a capacidade de elaboração de um programa para essa nova sociedade ainda se põe como um desafio a ser enfrentado. O filósofo revolucionário alemão-prussiano não tinha o propósito de elaborar uma espécie de programa pronto e acabado para a revolução. Aliás, repudiava os socialistas que prometiam, com a queda da sociedade burguesa, o "paraíso na terra". Muito longe disso. Tanto é que os denominava pejorativamente de socialistas "utópicos".

Um dos grandes legados de Marx foi demonstrar metodologicamente que, sem o conhecimento científico da sociedade capitalista, de suas leis, categorias estruturais e respectivas contradições, entre outras especificidades que determinam o capitalismo ser o que é e deve ser, não há como falar em programa ou projeto de uma forma social de produção que o sobrepuje.

No conjunto de sua obra, Karl Marx apresenta as possibilidades de eliminação da estrutura da sociedade capitalista, submetida, sustentada e controlada pela potência capital, e também as oportunidades e orientações gerais que extrai dela mesma para a construção de uma ordem social e econômica capaz de transcender a sociedade burguesa. Karl Marx nos permitiu esse conhecimento. Aproveitemos.

Na próxima parada da segunda etapa da **Expedição Karl Marx**, conheceremos, por meio do Artigo Expositivo III, os primeiros manuscritos propriamente econômicos da crítica da economia política capitalista, *Grundrisse*, escrito e organizado por Marx em 1857/1858, reconhecidos como a primeira versão de *O capital*.

MATERIAL COMPLEMENTAR

- 1) [Materialismo Histórico-Dialético: Introdução](#) - Texto da autoria de Rui Eduardo S. de O. Pamplona (Editor do Blog Expedição Karl Marx)

- 2) [Marx: dialética para principiantes](#) - Vídeo com o professor José Paulo Netto (Canal Boitempo Editorial (Youtube))

- 3) Introdução ao método de Marx - Videoaula com o professor José Paulo Netto (Canal Boitempo Editorial (Youtube)): [Aula 1](#) e [Aula 2](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS – Instituto de Economia. **Manual de Economia Política**. Capítulo II - Modos de produção pré-capitalistas. Nascimento da Formação Capitalista nas Entradas do Regime Feudal. O Papel do Capital Comercial. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Vitória Ltda, 1961. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/02.htm#i12c2>.
- ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.
- ALENCAR, Luciano. **Introdução à Economia Política Clássica**. Rio de Janeiro-RJ: Grupo de Economia Política IE-UFRJ. Blog Excedente.org, 2023. Disponível em https://www.excedente.org/blog/introducao-a-economia-politica-classica/#_ftnref4.
- ALEXANDR, Lozovski. **Marx e os sindicatos. Capítulo II - Marx contra o Proudhonismo e o Bakuninismo**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lozovski/ano/marx/02.htm>.
- ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.
- ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q&esrc=s&source=web&cd&ved=2ahUKewiF-PzZ4c7yAhXKI7kGHSfbDIAQFnoECAwQAw&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fintuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usq=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb-tU3n>.
- ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.
- AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as "robinsonadas" da Economia Política**. Revista Nova Economia v. 26 n. 1, 2016. Disponível em <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2095#:~:text=Resumo%20Neste%20artigo%20%C3%A9%20resgatada%20a%20cr%C3%ADtica%20de,na%20imagem%20de%20Robinson%20Cruso%C3%A9%20em%20sua%20ilha>.
- BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.
- BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em <mangolin-o-conceito-de-modo-de-producao-2010.pdf> (wordpress.com).
- BARSOITI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.
- BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.
- BENOIT, Hector. **Resenha de “Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx”**. Revista Outubro nº 07. Disponível em <http://longoestudo.blogspot.com/2012/09/resenha-de-genese-e-estrutura-de-o.html>.
- BEZERRA, Juliana. **Epistemologia**. Site Toda Matéria. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/epistemologia/>.
- _____. **Fases do Capitalismo**. Site Toda Matéria. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.
- _____. **Marxismo**. Site Toda Matéria. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.
- BHARADWAJ, K. (1990). **Economia vulgar**. In: Eatwell, J., Milgate, M., Newman, P. (orgs) *Marxian Economics*. O Novo Palgrave. Palgrave Macmillan, Londres. Disponível em https://doi.org/10.1007/978-1-349-20572-1_59.

CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Economia política: ciência e crítica**. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. 59 Edição Especial, 2021. Disponível em [file:///C:/Users/ruied/Downloads/hpbraga,+Artigo_7_Carcanholo%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ruied/Downloads/hpbraga,+Artigo_7_Carcanholo%20(1).pdf).

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx, de Roman Rosdolsky**. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista**. Revista Outubro, nº 15, 2007. Disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A3o-15-Artigo-06.pdf>.

CARVALHO, Wesley. **Karl Marx e a democracia (1843)**. Revista Esquerda Online, 2020. Disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2020/07/12/karl-marx-e-a-democracia-1843/>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels**. Brasília-DF: Anpec. Revista Economia Vol. 11 n. 1, 2010. Disponível em https://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CHAGAS, Eduardo F. **O indivíduo na teoria de Marx**. Revista Dialectus. Ano I, nº 2, 2013, p. 10. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/dialectus/issue/view/356/326>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/cohen/1983/mes/forcas.htm>.

COTRIM, Felipe. **Jovem Engels: dialética e crítica da economia política**. São Paulo-SP: IX Congresso de História Econômica: 200 anos de Karl Marx (USP), 2018. Disponível em https://www.academia.edu/43351095/Jovem_Engels_dial%C3%A9tica_e_cr%C3%ADtica_da_economia_pol%C3%ADtica.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características**. Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação**. Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels**. Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**. Parte II - Economia Política Capítulo VII. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000004.pdf>.

_____. **Esboço para uma crítica da economia política**. Revista Verinotio. v. 26. n. 2 (2020): 200 anos de Friedrich Engels. Disponível em <https://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/589>.

FONTES, Virgínia. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo).TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvo>.

_____; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Introdução à leitura dos Grundrisse** (videopalestra). Rio de Janeiro-RJ: Editora UERJ, 2011. Visto em <https://youtu.be/Xhds6tHvb08?t=2056>.

_____. **O Jovem Marx e a Lei do Furto de Madeira.** (vídeo entrevista). *Marxismo em Foco*. 202 Filmes. Disponível em https://youtu.be/5k9FFhnNIiM?si=xydX7Ge9_sxBhdD5.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário.** Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/. em

GÓIS, Juliana Carla da Silva. **A gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista.** Florianópolis-SC: Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf.

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo.** Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

GRANEMANN, Sara. **O processo de produção e reprodução social: trabalho e sociabilidade.** Disponível em <https://www.cressrn.org.br/files/arquivos/s709726Gx6l8W29E12Si.pdf>.

GRESPLAN, Jorge. **Marx e História.** Curso livre: Marx e Marxismos #3. Videoaula. TV Boitempo Editorial. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HVo8tuqim-I&t=7426s>.

_____. e DUAYER, Mário. **Grundrisse, de Marx.** Videoaula. TV Boitempo Editorial e parceiros. São Paulo-SP, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LlcqIOmc_ks&t=6s.

HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro II e III.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em *O Capital* de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>. em

JAPPE, Anselm. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx (comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky).** Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!).** São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!!--.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de *O Capital*. Manual de Economia Política.** Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

_____. **Princípios de Economia Política.** 1º Volume. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Calvino Ltda, 1944. Acessado em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/01-06.htm>.

MACHADO, Gustavo. **Conceitos básicos do marxismo: forças produtivas e relações de produção.** Canal Orientação Marxista (YouTube), em <https://youtu.be/8wQZpciKdqC>.

_____. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista.** Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>. em

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx.** Vídeo da Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo-SP: Editora Levoir S.A. Coleção Folha de São Paulo Grandes Nomes do Pensamento. 2015.

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>. em

_____. **Grundrisse.** Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro II – O processo de circulação do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico.** Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 2ª Edição, 2001.

_____. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

MATTOS, Laura Valladão de. **Marshall e os críticos à economia política clássica**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Disponível em <https://www.scielo.br/j/rep/a/dvxbd5xrvrWmJh5p4nhnz9d/>.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas**. Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica**. Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. Capítulo 3 – Produção de mercadorias e modo de produção. Itens 3.1.-3.2.-3.5. São Paulo-SP: Cortez Editora, Volume 1, 2021. Disponível em <https://zoboko.com/text/y530je2v/economia-politica-uma-introducao-critica/1>.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social**. Disponível em <https://www.pcb.org.br/portal/docs/int-metodo-teoria-social.html>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DI3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEw13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

_____. **Marx: dialética para principiantes**. Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial, 2022. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk>.

_____. **200 anos de Engels – A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em https://www.youtube.com/live/joSyGnijlHg?si=a6VE_bCQi2Mntxjk.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune**. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo**. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PAMPLONA, Rui Eduardo S. de Oliveira. **Artigo Expositivo I – Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx. Folheto nº 02: Parte I – Introdução. Capítulo 2 A estrutura da obra [*O capital*] de Marx**. Blog Expedição Karl Marx: Para ler *O capital*. Disponível em <https://expedicaokarlmarx.com.br/wp-content/uploads/2024/02/22BLOG1.pdf>.

_____. **Materialismo Histórico-Dialético: Introdução**. Blog Expedição Karl Marx: Para ler "O capital".

Disponível em <https://expedicaookarlmartx.com.br/wp-content/uploads/2024/05/1.2.-Exp.KarlMarx-Conh.Marx-Pensamento-Filosofico-O-Materialismo-Historico-e-Dialetico-Plano-6-v2.-02.12.21.pdf>.

PAULANI, Leda. **Teoria do Valor. Curso *O capital de Marx***. Curso Livre Marx e Engels. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PEIXOTO, Joana. **Artigo Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação**. Cuiabá-MT: Revista Educação Pública, v. 25, nr. 591/1, 2016. Disponível em https://node1.123dok.com/dt05pdf/123dok_br/original/2020/12_28/wrveci1609151344.pdf?X-Amz-Content-Sha256=UNSIGNED-PAYLOAD&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=7PKKQ3DUV8RG19BL%2F20230522%2F%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20230522T222422Z&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Expires=600&X-Amz-Signature=0a66dff2c4bf1f045789b0878d33e7043729bae67591e46b3a6a4b29ee3dffa3.

PEIXOTO, Madalena Guasco. **Contribuição à Crítica da Economia Política. Ficha de Leitura**. Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros Textos Escolhidos. Coleção Os Pensadores. Vol. XXXV, Editora Abril Cultural, 1974. Disponível em <https://grabois.org.br/2010/07/22/introducao-critica-da-economia-politica-karl-marx-ficha-de-leitura-madalena-guasco-peixoto-artigo-a-modernidade-e-o-sculo-xx-madalena-guasco-peixoto/>.

PESSOA, Gisele. **Conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica** (Artigo). Disponível em <https://jus.com.br/artigos/47003/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wfr4dmSD/?format=pdf>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante**. Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital de Karl Marx***. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2001.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014.

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>.

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade**. Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SIQUEIRA, Vinícius. **A dialética da produção e consumo - Karl Marx**. Portal Colunas Tortas. Disponível em <https://colunastortas.com.br/producao-e-consumo-em-marx/>.

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo**. Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>.

SITE CONCEITOS. **Apropriação**. Disponível em <https://conceitos.com/apropriacao/>.

SITE DICIO. **Unidirecional**. Disponível em <https://www.dicio.com.br/unidirecional/>.

SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”**. Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.

SITE FC UNESP. **Axiomático**. Disponível em <http://www.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>.

SITE FILOSOFIA. **História**. Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.

SITE GAZ.WIKI. **Teorizando o valor dos produtos de trabalho.** Disponível em https://gaz.wiki/wiki/pt/Law_of_value. em

SITE INFOPEDIA. **Consciência.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$consciencia-filosofia](https://www.infopedia.pt/$consciencia-filosofia).

_____. **Materialismo.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).

_____. **Relações Sociais.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).

_____. **Pensamento.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento>.

SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história.** Disponível em <https://jornalggn.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-meszoros-em-para-alem-do-cap/>. em

SITE MAESTRO VIRTUALE. **Lógica formal.** Disponível em https://maestrovirtuale.com/logica-formal-objeto-de-estudo-caracteristicas-e-exemplos/?expand_article=1.

SITE MARXISTS. **Die Neue Zeit (O Novo Tempo).** MIA: Enciclopédia do Marxismo: Glossário de Periódicos. <https://www.marxists.org/glossary/periodicals/d/i.htm#die-neue-zeit>.

SITE SÓ ESCOLA. **O que é lógica dialética na filosofia.** Disponível em <https://www.soescola.com/glossario/o-que-e-logica-dialetica-na-filosofia>. em

SITE WIKIPEDIA. **Abstração.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abstra%C3%A7%C3%A3o>.

_____. **Adam Smith.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.

_____. **A ideologia alemã.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3.

_____. **Alfred Darimon.** Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.

_____. **Anais Franco-Alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%Bccher. em

_____. **Antoine de Montchrestien.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Antoine_de_Montchrestien. em

_____. **Antonio Gramsci.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Gramsci.

_____. **Apologética.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolog%C3%A9tica>.

_____. **Aristóteles.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>.

_____. **Arnold Ruge.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Arnold_Ruge.

_____. **A sagrada família.** Visto em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro)).

_____. **Associação Internacional dos Trabalhadores.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores. em

_____. **Ateísmo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ate%C3%Adsmo>.

_____. **Austromarxismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Austromarxismo>.

_____. **Axioma.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>.

_____. **Baruch Espinoza.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza.

_____. **Bruno Bauer.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer.

_____. **Burguesia.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.

_____. **Capital.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).

_____. **Capitalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.

_____. **Capitalismo Industrial.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>.

_____. **Classe social.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.

_____. **Cogito ergo sum.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum.

_____. **Comuna de Paris.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.

_____. **Comunismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.

_____. **Contractualismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Contractualismo>.

- _____. **Contribuição à crítica da economia política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_EconomiaPol%C3%Adica. em
- _____. **Coruja de Atena.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena.
- _____. **Crise de 1857.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.
- _____. **Crise do capitalismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_capitalismo.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em
- _____. **Daniel Defoe.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_Defoe.
- _____. **David Ricardo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.
- _____. **Definição circular.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Defini%C3%A7%C3%A3o_circular. em
- _____. **Democracia direta.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta. em
- _____. **Demócrito.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito>.
- _____. **Devir.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir>.
- _____. **Dialética.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Die Neue Zeita.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita.
- _____. **Dinheiro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%Adica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%Adica)).
- _____. **Ditadura.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. em
- _____. **Divisão social do trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_social_do_trabalho. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%Adfico. em
- _____. **Economia Clássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%Adica.
- _____. **Economicismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Epistemologia.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epistemologia>.
- _____. **Esquerda política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%Adica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%Adica)).
- _____. **Eugen von Böhm-Bawerk.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk. em
- _____. **Ferdinand Lassalle.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle.
- _____. **Fetichismo da mercadoria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em
- _____. **Feudalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.

- _____. **Fim da história.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim da histC3%B3ria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria). em
- _____. **Fiscalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fiscalismo>.
- _____. **Força de trabalho.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a de trabalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho).
- _____. **Forças produtivas.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as produtivas](https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas).
- _____. **Friedrich Engels.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich Engels](https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels).
- _____. **Fuso têxtil.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso \(t%C3%Aaxtil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_(t%C3%Aaxtil).
- _____. **Gazeta Renana.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische Zeitung](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung).
- _____. **Georg W. F. Hegel.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg Wilhelm Friedrich Hegel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel). em
- _____. **Gustav Eckstein.** Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Gustav Eckstein](https://en.wikipedia.org/wiki/Gustav_Eckstein).
- _____. **Hegelianismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Hegelianos de direita.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianos de direita](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianos_de_direita).
- _____. **Helene Demuth.** Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Helene Demuth](https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth).
- _____. **Henryk Grossman.** Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk Grossman](https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman).
- _____. **História da Moeda.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.
- _____. **História do comunismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria do comunismo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo). em
- _____. **Humanismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo alem%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o).
- _____. **Iluminismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias em Karl Marx](https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx). em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura e superestrutura](https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura). em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>.
- _____. **Jean de Sismondi.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean de Sismondi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_de_Sismondi).
- _____. **Jean-Jacques Rousseau.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean- Jacques Rousseau](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau).
- _____. **Jenny von Westphalen.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny von Westphalen](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen).
- _____. **John Maynard Keynes.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/John Maynard Keynes](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Maynard_Keynes).
- _____. **Jovens hegelianos.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven hegelianos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos).
- _____. **Karl Heinrich Marx.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl Marx](https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx).
- _____. **Karl Kautsky.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl Kautsky](https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky).
- _____. **Lei de Say.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei de Say](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Say).
- _____. **Lei do valor.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei do valor](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor).
- _____. **Libra.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra \(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Liga dos comunistas.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga dos Comunistas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas).
- _____. **Livre associação de produtores.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o \(comunismo e anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)). em

- _____. **Ludwig Feuerbach**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach.
- _____. **Lukács**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Lumpenproletariat**. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Lumpenproletariat#Etymology>.
- _____. **Luta de classes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Mão invisível**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A3o_invis%C3%ADvel.
- _____. **Marc Bloch**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Marc_Bloch.
- _____. **Marxismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico.
- _____. **Max Weber**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Weber.
- _____. **Meios de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Mercado Livre**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%ADsica>.
- _____. **Metodologia da Economia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Mikhail Tugan-Baranovski**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Tugan-Baranovski. em
- _____. **Modo de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Modo de produção socialista**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria. em
- _____. **Monarquia constitucional**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Narodnik**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Narodnik>.
- _____. **Narodniks**. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Narodniks>.
- _____. **Nikolai Bukharin**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Bukharin.
- _____. **Nikolai Danielson**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Danielson.
- _____. **Nova Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.

- _____. **O capital – Lei**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Opio do povo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **Otto Bauer**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Otto_Bauer.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%As_Bonaparte. em
- _____. **Padrão ouro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Racionalização**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Racionaliza%C3%A7%C3%A3o>.
- _____. **Reino da Hungria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Reino de Itália**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em
- _____. **Relações de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Renânia**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A2nia>.
- _____. **Rene Descartes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Republicanismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanismo>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es. em
- _____. **Revolução francesa**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa. em
- _____. **Revolução Gloriosa**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa. em
- _____. **Revolução Industrial**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Revolução russa de 1917**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917. em
- _____. **Revoluções de 1848**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848. em
- _____. **Richard Fischer**. Disponível em [https://de.wikipedia.org/wiki/Richard_Fischer_\(Politiker,_1855\)](https://de.wikipedia.org/wiki/Richard_Fischer_(Politiker,_1855)). em
- _____. **Robinson Crusoe**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Robinson_Crusoe.
- _____. **Roman Rosdolsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Rosa Luxemburgo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_Luxemburgo.
- _____. **Rudolf Schlessinger**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Schlessinger.
- _____. **Rudolf Hilferding**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Hilferding.
- _____. **Segunda Internacional**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Internacional.
- _____. **Segunda Revolução Industrial**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial. em
- _____. **Ser**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sergei Bulgakov**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sergei_Bulgakov.
- _____. **Sobre a questão judaica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica. em
- _____. **Socialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.

_____. **Socialismo democrático.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adfico>. em

_____. **Socialismo ricardiano.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_ricardiano.

_____. **Socialismo utópico.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.

_____. **Sociedade comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista

_____. **Substância.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).

_____. **Tableau Economique.** Visto em https://pt.wikipedia.org/wiki/Tableau_%C3%A9conomique.

_____. **Táler.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>.

_____. **Taxa de exploração.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa_de_explora%C3%A7%C3%A3o. em

_____. **Teoria da revolução permanente.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente. em

_____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado. em

_____. **Teoria do socialismo em um só país.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u+m%20s%C3%B3.pol%C3%Adtica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin. em

_____. **Teoria do valor-trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.

_____. **Teoria populacional malthusiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_populacional_malthusiana. em

_____. **Teses sobre Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach.

_____. **Thomas Malthus.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Malthus.

_____. **Trabalho assalariado e capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital. em

_____. **Unificação da Alemanha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha. em

_____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desses%20produtos%20tenha%20sido%20o. em

_____. **Valor de uso.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.

_____. **Vladimir Lenin.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lenin>.

SOBRAL, Fábio Maia. **Os Grundrisse de 1857-8 como Manifesto Social.** Tese de Doutorado. Campinas-SP: Unicamp, 2008, p. 57. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>.

SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: alguns apontamentos.** Revista Eletrônica Arma da Crítica, Número 4/Dezembro 2012. Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23145/1/2012_art_omsouzaa.pdf.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TAVARES, João Claudino. **Friedrich Engels e a pedra filosofal da crítica da economia política.** Verinotio – Revista on-line de filosofia e ciências humanas, n. 20, Ano X, 2015. Disponível em <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=62c0b1f23cb8fbb0JmltdHM9MTcxOTk2NDgwMCZpZ3VpZD0wYzgzMTBhNi1kOTA0LTYwZWQtMTgxOS0wNDE3ZDgxMDYxZWQmaW5zaWQ9NTI5OQ&pfn=3&ver=2&hsh=3&fclid=0c8710a6-d904-60ed-1819-0417d81061ed&psq=Friedrich+Engels+e+a+pedra+ilosofal+da+cr%C3%Adtica+da+economia+pol%C3%Adtica&u=a1aHR0cDovL3d3dy52ZXJpbm90aW8ub3JnL2NvbnRldWRvLzAuOTUwNDM1MTI1MjIyODMucGRm&ntb=1>.

TEIXEIRA, Lucas. **Do trigo ao trabalho: o caráter instrumental da teoria do valor em Ricardo.**

Campinas-SP. Leituras de Economia Política, 2008. Disponível em https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/LEP/L13/TEIXEIRA_1_13.pdf

TIBBLE, Jean. **Marx contra o Estado**. Brasília-DF: Revista Brasileira de Ciência Política nº 13, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/5PGDJPdf8J3ZSVj5pQH4kdb/?format=pdf>.

SOARES, André Luís. **O estabelecimento do paradigma materialista-mecanicista na ciência: um resumo histórico de sua imposição ideológica como teoria final para toda a realidade**. *Blog Ilusões da Matéria*, 2016. Disponível em https://www.academia.edu/23718956/O_estabelecimento_do_paradigma_materialista_mecanicista_na_ci%C3%A2ncia_um_resumo_hist%C3%B3rico_de_sua_imposi%C3%A7%C3%A3o_ideol%C3%B3gica_como_teor%C3%A9tica_final_para_toda_a_realidade. Consultado em 03.03.2024.

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária**. Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho**. Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx**. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/8fac/372ef3c4eee595b57f78e1370ea4a8a8e61b.pdf>.

WELLEN, Henrique. **1843-44: Marx e Engels e a rejeição filosófica e moral da economia política**. Revista *Novos Rumos*, v. 56 n.1, 2019, p. 1 e 2. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/9049>.

XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx**. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvpn1gdq>.